
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
(Educação: políticas, gestão e o sujeito contemporâneo)

A Escola e a Cidade:
das relações de estranhamento aos dispositivos de cooperação.

Ivan Rubens Dário Jr

Rio Claro – SP
2022

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
(Educação: políticas, gestão e o sujeito contemporâneo)

A Escola e a Cidade:
das relações de estranhamento aos dispositivos de cooperação.

Ivan Rubens Dário Jr

Tese apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de doutor em Educação.

Orientador: prof. Dr. Romualdo Dias

Rio Claro – SP
2022

D218e

Dário Jr., Ivan Rubens

A Escola e a Cidade: das relações de estranhamento aos dispositivos de cooperação. / Ivan Rubens Dário Jr.. -- Rio Claro, 2022

114 p. : fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro

Orientador: Romualdo Dias

1. educação. 2. cidades. 3. escolas. 4. movimento. 5. andarilhagem. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Campus Rio Claro

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE:

A Escola e a Cidade: das relações de estranhamento aos dispositivos de cooperação.

Autor: **IVAN RUBENS DARIO JUNIOR**

Orientador: **ROMUALDO DIAS**

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em EDUCAÇÃO.

Comissão Examinadora:



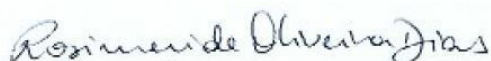
Prof. Dr. ROMUALDO DIAS (Participação Virtual)

Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro – SP



Prof. Dr. RAFAEL FIGUEIREDO DUARTE HEIBER (Participação Virtual)

Faculdade de Sociologia e Ciências Políticas / Universidade Complutense de Madri – Espanha



Profa. Dra. ROSIMERI DE OLIVEIRA DIAS (Participação Virtual)

Faculdade de Formação de Professores / Universidade Estadual do Rio de Janeiro - São Gonçalo / RJ



Prof. Dr. LUIZ RUFINO RODRIGUES JÚNIOR (Participação Virtual)

PPG em Educação, Cultura e Comunicação - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense/UERJ -
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – RJ



Prof. Dr. JEAN FRANÇOIS GERMAIN TIBLE (Participação Virtual)

Depto Ciência Política - Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo

Rio Claro, 15 de março de 2022

Dedico este estudo a professora MARIA WITZEL JORDÃO.

Agradeço a professora Sandra Jordão.

Agradeço as professoras Graziella Marcucci, Ivanessa Chill. Agradeço as estudantes Helena e Sofia.

Agradeço a professora Vera Jordão, aos/às de casa.

Agradeço Romualdo Dias, Silvio Munari Machado e Renata Tasca que sustentaram meu movimento.

Agradeço o carinho da família Ferreira da Silva.

Agradeço aos amigos e amigas de estudo, de trabalho e de luta. Agradeço aos/às artistas populares que tanto falam comigo. Aos/às jovens que ocuparam escolas, aos movimentos populares como a Associação Somos Todos Muribeca (PE), Movimento Fé e Vida (MT), os Comitês Populares de Defesa das Águas que compõem a Escola de Militância Pantaneira. Aos amigos e amigas do quilombo do Vão Grande (MT) e a Escola Família Agrícola do Carvão (AP). Agradeço a Escola de Ativismo.

Agradeço todas escolas e cidades que visitei, generosas: bons encontros.

Agradeço as contribuições que chegaram na banca de qualificação. Agradeço a professora Rosimeri Dias, Rafael Heiber, Jean Tible, Luiz Rufino.

Agradeço a Aldir Blanc, Nelson Sargento e Monarco que encantaram na pandemia. Clementina de Jesus, Zé Ketti, Ivone Lara, Cartola, Elis Regina, Tim Maia e Manoel de Barros. Chico Sciense, Geraldo Filme, Nise da Silveira. Dedico a Noel Rosa e à Dama do Cabaré. Dedico aos incomparáveis Elza Soares e Mané Garrincha.

RESUMO

O presente trabalho coloca atenção nas relações entre Cidade e Escola, no deslocamento das relações de estranhamento para os dispositivos de cooperação. Tenta compreender esse movimento, esse trânsito. Nossa intenção é pensar se a participação popular por meio dos conselhos e outros espaços de participação política direta pode ser potencializada, se a participação pode melhorar de forma a assumir responsabilidades reais pela construção coletiva e produção do comum.

Está organizado em eixos de análise. No primeiro eixo estão alguns olhares para Cidade; no segundo eixo estão olhares para Escola; e no terceiro eixo estão olhares para a produção de Subjetividade no sentido da produção de outras formas de pensar. Em seguida apresentamos algumas notas, quase musicais visto que os cruzamentos com a arte permeiam o texto do começo ao fim.

Tentamos transitar, deslocar do estranhamento aos dispositivos de cooperação nessa relação sempre tensa entre Escola e Cidade, relação que se faz por sujeitos em processos educacionais. Trabalhamos com a ideia de andarilhagem como tentativa de conceituar esse nosso movimento, de trânsito nas cidades e nas escolas, um movimento de ação-reflexão-ação na mútua implicação entre processos educacionais e produção de subjetividade.

Palavras chave: cidade, escola, subjetividade, ocupação, andarilhagem.

ABSTRACT

The present work focuses attention on the relationship between City and School, on the displacement of relations of estrangement to cooperation devices. Try to understand this movement, this transit. Our intention is to think if popular participation through councils and other spaces of direct political participation can be enhanced, if participation can improve in order to assume real responsibilities for the collective construction and production of the common.

It is organized into analysis axes. On the first axis are some views of the City; on the second axis are looks towards School; and in the third axis are looks at the production of Subjectivity in the sense of the production of other ways of thinking. Then we present some notes, almost musical since the intersections with art permeate the text from beginning to end.

We try to move, to move from estrangement to cooperation devices in this always tense relationship between School and City, a relationship that is made by subjects in educational processes. We work with the idea of wandering as an attempt to conceptualize our movement, of transit in cities and schools, an action-reflection-action movement in the mutual implication between educational processes and the production of subjectivity.

Keywords: city, school, subjectivity, occupation, wandering.

Sumário

Apresentação	10
Introdução	13
Notas metodológicas.....	16
Corrimão de leitura: notas, cruzamentos e esquinas	17
Eixo 1 – olhares para Cidade	23
Outro jeito de pensar Cidade	35
Eixo 2 – olhares para Escola.....	38
Outro jeito de pensar escola	59
Eixo 3 – olhares para subjetividade	62
Outro jeito de pensar subjetividade: uma tentativa de ser professor.....	81
Notas, cifras, solfejos.....	86
Considerações finais.....	97
Posfácio.....	101
Referências	Erro! Indicador não definido.

O andarilho é um ser desajustado no mundo, por isso provoca estranhezas por onde vai, e o poeta (falo de mim), eu não gosto das normas do idioma, eu procuro fazer distúrbios no idioma.

Nós somos insatisfeitos com as normas: ele com as normas da sociedade e eu com as normas da linguagem (desfazer o normal é uma norma poética).

Manoel de Barros

Entrevista com o andarilho

A Revista Cult¹ publicou entrevista com o poeta mato-grossense Manoel de Barros. Para o poeta:

- Andarilho é um mensageiro que me entrega, de graça, o jeito de ser livre moda aves.
- Andarilho não tem identidade, pode de repente adquirir gosto de flor. Andarilho é plural sempre.
- Urubus dizem que viaja muito, mas só viajam quando sentem presença de carniça. Não seriam nunca andarilhos legítimos, porque andarilhos legítimos não são interesseiros. Viajam por destinação. Por vocação de nada ter.
- Do lugar onde estou já fui embora. Andar é um dom da inércia. Eu tenho um dom de traste atravessado em mim. Sou muito concorrido de bobagens.
- Eu só ando por dentro de mim; se fui em outro lugar, foi para me ver. Não saio de dentro de mim nem para pescar. Ando mais por dentro de mim do que na estrada.

Qual a diferença entre andarilhos e mendigos?

Manoel de Barros. Os mendigos são parados e vivem de esmolas e os andarilhos procuram a liberdade. Os andarilhos do Pantanal, sobretudo, não dependem de esmolas, eles comem frutas selvagens, pescam, abatem caça etc. Não sei se estou certo. Pode ser que os mendigos sejam mais livres. Eles sabem. Eu não sei.

Você, que já viu até lobisomem que curte gemada, conhece algum andarilho tipo yagaretê-aba?

Manoel de Barros. Não. Só vi andarilhos. Minha imaginação que via outros.

Existem andarilhos de cidade e andarilhos da selva ou essa distinção é ilusória?

Manoel de Barros. Os andarilhos de mato têm mais intimidade com os pássaros, com as águas, com as árvores. Mas todos são donos de ermos. Enormes trechos de ermo na alma.

O que os caminhos ensinam aos andarilhos?

Manoel de Barros. Acho que os caminhos dos andarilhos ensinam a não chegar. A ir em frente com o corpo até ser planta de novo, até ser pedra de novo, até ser água de novo. Isso prega a renovação.

¹ Revista Cult, edição 175 de dezembro de 2012.

Apresentação

“*mais uma vez os homens desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como o problema*” (Freire, 2011 p. 39). Estas são as primeiras palavras de Paulo Freire em sua *Pedagogia do Oprimido*. Mais uma vez...

Mais uma vez um estudante de educação passa pelo rito do doutoramento. Um rito que pressupõe uma série de formalidades. Mais uma vez a singularidade no estudante e a singularidade na pesquisa, mais uma vez as forças singulares movimentam um estudante no seu desejo de saber, de conhecer, de entender, de habitar esse movimento chamado estudo implicado com o movimento chamado vida. Mais uma vez leitores e leitoras terão contato com um texto. Mais uma vez...

Portanto, não começa aqui. Antes desse texto vieram outros, tantos, muitos. E neste processo educacional percebemos que um texto, por maior que seja, não é suficiente. Num texto não cabe uma vida, num texto não cabe o movimento. A palavra é pouca para a vida, mas a palavra, vimos isso na releitura de *Pedagogia do Oprimido* a propósito do centenário de Paulo Freire², anuncia mundos. A palavra, que é pouca para a vida, anuncia mundos. Neste texto você terá contato com um jeito de aliar estudo_trabalho_luta³ tudo junto e misturado porque essas três dimensões, neste nosso jeito de estudar que temos esculpindo a partir da argila bruta que, na gira do mundo e das mãos humanas, ganha forma de alguma obra. Obra aqui compreendida como matéria, como resultante das forças, como materialização concreta de forças vivas. Portanto, precária, inacabada, ziguezagueante, despretensiosa, pouca. A palavra é pouca mas não é oca. Exercitamos uma palavra pouca que ecoa.

Começamos com Paulo Freire mas poderíamos começar com Luiz Gonzaga Junior:

COMEÇARIA TUDO OUTRA VEZ / SE PRECISO FOSSE, MEU AMOR / A CHAMA EM MEU PEITO /
AINDA QUEIMA, SAIBA / NADA FOI EM VÃO

Por algum motivo você chegou a este texto. Texto que se faz tese no rito ordinário da academia e, ao mesmo tempo, texto que se faz pouco no doutoramento da vida real, este outro doutoramento que fizemos no contato direto com movimentos populares, nos encontros com mais de uma centena de escolas em mais de uma centena de cidades que encontramos neste Brasil que são tantos. Um segundo doutoramento que fizemos nesta vida de andanças, nesta vida andarilha que, misturando estudo_trabalho_luta, denominamos ANDARILHAGEM.

² Para entender melhor, sugerimos a matéria *Das Missões às Caravanas – Mobilização para Educação de Jovens e Adultos* onde você pode encontrar a entrevista *Alfabetização em Sentido Ampliado*, disponível em <<https://escoladeativismo.org.br/das-missoes-as-caravanas-mobilizacao-para-educacao-de-jovens-e-adultos/>> Acesso em maio/2022

³ Inspirado no lema da Juventudes Comunistas de Cuba presente na aula_laive de Jorge Larrosa, *Educação, Estudo e Ativismo*, no evento chamado *Dez por cento*, em comemoração ao centenário de Paulo Freire e 10 anos de Escola de Ativismo, publicação no prelo.

Queremos, desde já, te dar boas-vindas. E convidar você, leitora e leitor, para caminhar conosco neste texto musical, despretensioso com as respostas e amigo das inquietações. Sejam bem vinds.

Ivan Lins e Vitor Martins são parceiros numa canção de título sugestivo: **Saindo de Mim**⁴. Ivan apresenta essa canção quase como um fado. Ivan poderia narrar essa saída, essa partida, Ivan poderia tornar essa despedida pesada, um fardo. Mas a canção sugere uma leveza. Ivan, talvez Vitor. Via de regra nas canções em parceria, primeiro vem o nome de quem fez a música e depois o nome de quem escreveu a letra. Música e letra, letra e música se fundindo, confundindo. Letrista e músico, músico e letrista compondo. Certamente existem composições que se fazem na força do encontro. Sim, porque na força de um encontro intenso tudo se mistura, e ambos vão fazendo tudo, letra e música, música e letra, tudo junto e misturado. A canção diz assim:

VOCÊ FOI SAINDO DE MIM / COM PALAVRAS TÃO LEVES / DE UMA FORMA TÃO BRANDA / DE QUEM PARTIU ALEGRE⁵

Veja que interessante: a canção tem uma personagem que aparece na segunda pessoa do singular: você! A voz do Ivan sugere ser uma mulher. Numa leitura bastante óbvia, uma pessoa foi saindo de mim... ela deixou a relação mas não de qualquer jeito. O artista qualifica esse movimento, uma espécie de saída, de retirada, de deserção, seja lá o que for mas num movimento de dentro para fora. Você foi saindo...

VOCÊ FOI SAINDO DE MIM / COM UM SORRISO IMPUNE / COMO SE TODA FACA NÃO TIVESSE / DOIS GUMES

Numa segunda leitura, a personagem 'você' pode ser uma canção. Neste caso, o sentido da canção muda completamente. O movimento é o mesmo, um movimento de dentro para fora, mas neste caso é uma canção que nasce dentro do compositor e vai pedindo passagem e, movida por seu desejo de mundo, vai saindo. Me parece que aconteça mais ou menos assim com as obras de arte, elas nascem dentro de um corpo humano mas são vocacionadas para o mundo. Neste caso é parir e partir. É parir uma obra que imediatamente vai para o mundo. Então, você foi saindo...

VOCÊ FOI SAINDO DE MIM / DEVAGAR E PRA SEMPRE / DE UMA FORMA SINCERA / DEFINITIVAMENTE

São duas palavras, nesse caso dois verbos, praticamente vizinhas: parir e partir. A propósito disso, Pedro Silva, um jovem escritor que pariu recentemente *Narrativas do Interior*, a respeito do povo do

⁴ De Ivan Lins e Vitor Martins, SAINDO DE MIM. Gravação original no álbum A NOITE, de 1979.

⁵ Em respeito aos artistas e num gesto pedagógico com você que nos lê, a letra da canção está destacada em caixa alta. Sempre que uma canção popular cruzar este texto_tese, igualmente estará destacada em caixa alta. Gesto pedagógico no sentido da etimologia da palavra pedagogo, do *agogs* aqui compreendido também como mão estendida para a dança. Vamos dançar com as palavras?

território quilombola do Vão Grande no Mato Grosso, tentou nos explicar a sensação de ser lido. Ele disse de uma certa exposição: “é como se as pessoas (leitores) estivessem entrando na sua mente”. Me parece que ele está se referindo a essa sensação interessante de perceber, de sentir o efeito da obra nos leitores e leitoras. Porque uma obra de arte, seja uma música ou um texto, seja uma poesia ou uma dança, atravessa quem se deixa afetar por ela. Essa é a força, essa é a potência da arte: atravessar e produzir trans_formações. E você foi saindo...

VOCÊ FOI SAINDO DE MIM / POR TODOS OS MEUS POROS / E AINDA ESTÁ SAINDO / NAS
VEZES EM QUE CHORO

Seja uma pessoa saindo da relação, seja uma canção saindo do compositor, seja um texto saindo do escritor, seja uma lágrima saindo dos olhos, seja lá o que Ivan e Vitor quiseram dizer, isso não depende mais deles. É parir e partir. E partindo, a obra ganha tantos sentidos quantos corpos forem tocados e atravessados pela obra.

Esperamos que você acesse este texto de peito aberto. Um texto todo cruzado que sai de um escritor atravessado, um texto fragmentário, um texto estilhaçado, um texto com idas e vindas de um estudante_escritor que neste rito do doutoramento, pesquisou aceitando o fluxo da vida, o fluxo dos acontecimentos, o ineditismo dos encontros, aceitou um modo de vida andarilho. Encontre neste texto um convite para pensar em movimento visto que esta pesquisa foi toda atravessada pelas forças vivas do mundo. O texto a seguir, inevitavelmente, registra tanto na forma quanto nas entrelinhas, essa abertura para o atravessamento.

E quem sabe até pensar com alguma intensidade seja possível nesse estudo.

Introdução

Movimento Breve⁶.

Dois amigos trocando ideias:

- Estou aqui com uma melodia na cabeça mas não tem palavra. E envia um arquivo de áudio com solfejo e um cuidadoso dedilhado. São breves movimentos da mão direita acariciando cordas, e um bailado suave da mão esquerda no braço do pinho.

- O que você está pensando? pergunta o ouvinte, dedicado ouvinte.

A resposta é direta:

- **Se deixe levar pela música.**

O aprendiz de letrista passa a ouvir atentamente a melodia. Ela é delicada. Coloca a atenção no solfejo do amigo, esse sim, artista das melodias, dos graves e agudos, da arte de criar, dar ao mundo algo novo, de fazer cantar a alegria cujas raízes estão fincadas no solo fértil da beleza. Não de qualquer beleza mas da estética das ruas, das escolas de samba, dos botequins, esta estética mesma da vida em sua fruição mais comum. Essa beleza da casa, da criança, do bebê desejado que não veio, das relações comezinhas, da mesa de bar, das esquinas e encruzilhadas. E o aprendiz, aceitando o movimento breve da melodia, continua ouvindo. Ele sabe que não sabe fazer então, só há uma saída: inventar. Sim, inventar um jeito possível. Então, surgiram os primeiros versos:

QUANDO FOR PARTIR / LEVE NO OLHAR / LIVROS / DISCOS / UM QUADRO PRA LEMBRAR /
DE ONDE VOCÊ VEM / FLOR ALFAZEMA. / PRA VOCÊ SORRIR / AO TE VER CHEGAR / FAÇO /
CAFÉ. / VOU TE PERFUMAR / VASO DE ALECRIM / VIM PRO TEU POMAR.

Diante das sutilezas da melodia, o já feito precisa ser esquecido abrindo espaço para uma nova tentativa. Pode parecer estranho e é: esquecer o já feito para dar espaço ao ser feito. E, nesse fazimento, tudo recomeça: escuta, escuta, escuta... sente, pensa, escreve.

A temperatura começa a subir, a tensão aumenta e a dúvida aparece. Seria capaz de fazer? Olha para a palavra 'composição' e pensa: tem 'posição', tem 'si' e tem 'com'. Tem 'posição' 'com'. A palavra composição sugere uma espécie de posição que se assume não por um mero desejo individual mas que se assume na tensão do encontro com a diferença. Composição deriva do verbo compor. Escrever é verbo, escrever é uma ação. É o ato de pôr palavra *com* palavra, palavras na melodia. A deriva esquivo reforça a presença de uma pessoa que sempre esteve ali, uma amiga querida que aparece em cenários. São paisagens que aparecem e desaparecem. São paisagens que aparecem para quem está criando e, escrevendo, elas podem ser reais também para quem for tocada pelo toque da canção.

NO TEU MOVIMENTO BREVE / SOPRA UM VENTO / LEVE NAS PEGADAS / QUE A ONDA
APAGA / CRIANÇA NA AREIA / VIRANDO SEREIA / VIDA NA BEIRA DO MAR

Neste caso, é escrever aquilo que não se sabe. É uma espécie de vida que, rompendo a casca do ovo, nasce e vai para o mundo.

⁶ Publicado no Jornal Cidade de Rio Claro na edição de 15 de junho de 2021.

QUANDO ENTARDECER / HORA DE VOLTAR / O HOMEM QUE TE AMA / ESTARÁ / ESPERANDO
POR VOCÊ / SORRINDO POR TE VER LÁ / NO AVARANDAR. / CHORO DE CRIANÇA / UM RAIO
DE IANSÃ / LIVROS NA CADEIRA / CHUVA NA ROSEIRA / FRESTA DA JANELA / LUNA CASA
DELA / VIDA QUER ME NAMORAR.

Movimento breve é uma canção de Nuno Moraes e Ivan Rubens⁷.

Em nosso mestrado⁸ neste Programa de Educação, estudamos as implicações entre produção de subjetividade e produção da cidade analisando a experiência do Orçamento Participativo conforme organizado na cidade de Suzano, zona Leste da região metropolitana de São Paulo no período compreendido entre 2005 e 2008. A cidade é um tema que nos interessa desde os tempos da graduação em Geografia, nossa busca é experimentar a cidade, encontrar as cidades em nossas andanças e andarilhagens, percorrer o chão das cidades, suas esquinas, cruzamentos, encruzilhadas. Cheirar, viver, buscar as cidades pelo Brasil. Desde então, muitas cidades são buscadas e encontradas desde as Cidades Invisíveis de Ítalo Calvino até os becos e vielas em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Paraná, Sergipe, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul mas também em Tocantins, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Maranhão, Amazonas, Amapá e Pará entre aeroportos e estradas, escolas, ruas, quartos de hotel, casas, camas e redes, quilombos e assentamentos, beira mar beira de rio⁹. Nesses movimentos todos, neste movimento breve, David Harvey e Félix Guattari nos provocam a pensar as relações entre cidade e subjetividade, na reinvenção das cidades e dos modos de vida.

A questão do tipo de cidade que queremos não pode ser separada da questão do tipo de pessoas que queremos ser, que tipos de relações sociais buscamos, que relações com a natureza nos satisfazem mais, que estilo de vida desejamos levar, quais são nossos valores estéticos. O direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos. Além disso, é um direito mais coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização. “A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e as nossas cidades é um dos nossos direitos humanos mais preciosos, ainda que um dos mais menosprezados...” (Harvey, 2014, p. 28).

Com Harvey passamos a considerar o direito à cidade de forma ampliada como um fazer e refazer que transforma a cidade e consequentemente transforma/produz subjetividades. Durante a Eco-92, no Rio de Janeiro, Félix Guattari nos explica como as cidades são imensas máquinas produtoras de subjetividade individual e coletiva. Ou seja, o viver urbano determina, em alguma medida, o modo de

⁷ A canção está disponível em: <<https://blogdoivanrubens.blogspot.com/2021/05/movimento-breve.html>> acesso em 05 de janeiro de 2022.

⁸ CORPO EM MOVIMENTO: marcas do orçamento participativo na cidade de Suzano/SP. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/142810/dariojunior_ir_me_rcla_int.pdf?sequence=6&isAllowed=y> Acesso em maio de 2022.

⁹ Iemanjá, Rainha do mar. De Paulo César Pinheiro e Pedro Amorim, por Maria Bethânia no álbum Mar de Sofia, 2006.

vida. Por isso, a questão urbana assume o status de primeira ordem, **problema-cruzamento** das questões econômicas, sociais e culturais.

A cidade produz o destino da humanidade: suas promoções assim como suas segregações, a formação de suas elites, o futuro da inovação social, da criação de todos os domínios. Consta-se muito frequentemente um desconhecimento desse aspecto global das problemáticas urbanas como meio de produção de subjetividade. (Guattari, 2012, p.173)

Desta maneira nos aproximamos do movimento pela reforma urbana e acompanhamos muitos debates. Percebemos alguns aspectos que nos provocaram a pensar em uma certa desarticulação, um certo distanciamento entre a luta por direito à cidade e as políticas de subjetivação. Em outras palavras, queremos pensar que o sujeito, esse mesmo sobre o qual se depositam as esperanças e as responsabilidades de lutar pelo direito à cidade, pela reforma urbana, assim como pelo direito à educação pública, pelo direito à saúde pública universal dentre outras lutas absolutamente legítimas e necessárias, este sujeito não está pronto e acabado. Subjetividades se produzem contínua e permanentemente. Se as forças econômicas e os regimes políticos dirigem as macropolíticas, há ao mesmo tempo aquilo que escapa, as linhas de fuga. Se há forças de capturas, há linhas de criação e resistência. Enquanto o convívio urbano vem sendo colonizado pelos interesses do mercado neoliberal, tentamos procurar essas marcas da colonização do pensamento e a colonização dos territórios existenciais nos filmes, nos documentários e nas nossas andanças pelo Brasil em nossos encontros com escolas, as relações atuais que se produzem entre os processos de subjetivação e a reinvenção da cidade. Aqui entendemos que a escola tem um papel fundamental. A escola não está solta do espaço, ela tem alicerces sólidos no chão da cidade material e, ao mesmo tempo, raízes profundas no terreno da cultura. Pensamos, portanto, que a escola está edificada na cidade em sua institucionalidade, e ambas se produzem concomitantemente, ambas se produzem em mútua implicação. Seria essa escola capaz de promover as mudanças reivindicadas (e necessárias) para a produção de cidades orientadas no sentido de maior fruição da vida?

A escola desempenha papel fundamental na vida e na produção do humano. Por isso participa de forma intensiva dos processos de constituição das subjetividades e opera com os efeitos também nos processos de produção de outra cidade. Assumimos a tese de que a escola se encontra em uma limitada relação de estranhamento com a cidade pelo fato de ser concebida e estruturada sobre a materialidade cultural própria de relações políticas de colonização. A escola com facetas ainda coloniais se estranha com a cidade dos negócios determinada pelo capitalismo em seu modo neoliberal, uma racionalidade neoliberal (DARDOT e LAVAL, 2016). Este estranhamento impede o exercício dos dispositivos de cooperação no sentido da constituição de outros processos de subjetivação e, na mesma medida, na produção de uma cidade outra.

Entendemos que nesta relação tensa cidade e escola, escola e cidade, existem problemas da ordem do estranhamento. Nossa hipótese: é possível pensar uma outra relação escola - cidade deslocando do estranhamento para a cooperação!

Compreendemos por estranhamento uma certa colonização do território do pensamento e uma certa colonização do território do sentido. Veremos, a partir de agora, como nosso estudo lidou com essa

questão, os deslocamentos de sentidos promovidos neste pesquisador, as descobertas neste movimento de pensar no estrebuchamento.

Notas metodológicas

Delimitamos a metodologia de pesquisa, inicialmente, por meio da abordagem de suas três dimensões:

- na dimensão da teoria do objeto, delimitamos o tema: as relações de estranhamento entre a escola e a cidade;
- na dimensão da teoria geral do conhecimento, situamos nosso estudo no campo de “filosofia da diferença”, fundamentalmente apoiado na obra de Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze e Michel Foucault;
- na dimensão dos procedimentos, a cartografia nos auxilia no desenho das paisagens que emergem no movimento dos sentidos ocorridos nos territórios existenciais, estes em que se constituem os processos de subjetivação.

Pelo fato de nos situarmos no âmbito da “filosofia da diferença” e por assumirmos a hipótese de que há um movimento de colonização do “território da cooperação” e do “território do sentido”, no âmbito da sociedade em que vivemos, assentada em uma ordem econômica sob os moldes do capitalismo neoliberal, tentamos construir nossa metodologia por meio da complementação de aspectos que combinam os procedimentos com a teoria geral do conhecimento.

A cartografia consiste, inicialmente, em acompanhar os processos e devires que compõe um campo social, que é a realidade, em contínuo arranjo e desarranjo. “A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra”, afirma Virgínia Kastrup (BARROS; KASTRUP, 2009, p.73). O método cartográfico deve ser traçado com o plano da experiência. Grosso modo, compreendemos por experiência a força de atravessamento que produz modificações, mudanças, diferenças, aquilo que difere, que abre para o devir. Como cartógrafo, mergulhamos na malha dos agenciamentos que emergem entre sujeito e objeto de pesquisa. O cartógrafo percebe – no sentido específico da sensibilidade – mundos, configurações territoriais da existência, efemeridades, transitoriedades. Virgínia Kastrup, ao tratar das especificidades do método cartográfico, fala em atenção sensível (KASTRUP, 2009, p.49). E descreve como característico da prática cartográfica uma espécie de “acionamento no nível das sensações” (KASTRUP, 2009, p.42).

A cartografia é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem ocorrem (ROLNIK, 1989, p.15). Transportá-la, portanto, para o campo das paisagens psicossociais é afirmá-la como instrumento de análise da composição e desmantelamento de mundos, dos afetos que os atravessam e das intensidades que são captáveis pela vibração do corpo. “A cartografia, diferentemente do mapa, é a inteligibilidade da paisagem em seus acidentes, suas mutações”, explica Suely Rolnik (ROLNIK, 1989, p.62).

A cartografia, assumida enquanto procedimento de análise e intervenção, será desenvolvida em sua articulação com a “genealogia” e a “arqueologia”. Por meio da consideração da genealogia observamos

como a linha do tempo estabelece determinações sobre o sujeito ao mesmo tempo em que promove o devir. Ao considerarmos a arqueologia observamos nas sedimentações a formação das forças responsáveis pela emergência de novas configurações do sujeito e em sua composição com o espaço. Tal articulação nos ajuda pensar a escola e a cidade na emergência das paisagens existenciais, em mútua implicação entre processos de subjetivação e processos educacionais.

Compreendemos a genealogia e a arqueologia como auxílio no esforço de análise e intervenção do cartógrafo. Por meio da genealogia o pesquisador trabalha em um regime de visibilidade e expõe as formas, aquelas paisagens configuradas pelos sentidos em movimento. Aqui a visibilidade está relacionada com os aspectos temporais determinando os movimentos do sujeito. Pela arqueologia, ele opera no regime de invisibilidade, e escava no solo em busca dos sentidos de sustentação daquilo que emerge como figura. Nesta escavação o cartógrafo também busca os indícios de algo que pode se configurar, mesmo sabendo que não há garantias para a sua realização. A arqueologia nos auxilia a compreender as forças de determinação presentes nos modos do sujeito compor com o espaço, isto é, as formas como o entorno contribui ou não com o movimento do devir.

Estes procedimentos do cartógrafo exigem uma atitude de permanente espreita para transitar no campo empírico, onde está atento a uma dinâmica de poder presente na formulação de mediações. A mesma atenção é exigida quando o cartógrafo rastreia o campo cultural mais amplo em sua opção de fazer a leitura das obras que analisam as implicações entre formação de interesses e formação de sujeitos. Estes esforços de sustentação da atitude de espreita são compreendidos como modos de combinar os dispositivos da genealogia, da arqueologia com a cartografia. Ao final queremos expor um modo como se desenham as paisagens existenciais, nesta mútua implicação entre processos de subjetivação e processos educacionais. O estudo, o pensamento, a capacidade de análise, as intervenções no mundo, a escrita, as emoções e sentimentos, enfim, tudo se fazendo no movimento mesmo da vida, no movimento breve do corpo no espaço e no tempo em voos, caminhadas, escavações, quedas e mergulhos.

Corrimão de leitura: notas, cruzamentos e esquinas

Nossa curiosidade investigativa começou a ganhar corpo durante um trabalho de pesquisa realizado junto à rede municipal de ensino de São José dos Campos/SP¹⁰. Talvez antes se considerarmos nossa análise do Orçamento Participativo na cidade de Suzano durante o mestrado quando nos perguntávamos a respeito da participação política na definição dos rumos da cidade. Também nos perguntávamos a respeito da participação social e da participação política na definição dos projetos prioritários para o investimento do orçamento público municipal. Na materialidade de centenas de reuniões públicas e 40 Plenárias Regionais Deliberativas, fomos levados a pensar também na qualidade dessa participação, na intensidade dessa participação política bem como na implicação dos

¹⁰ Na oportunidade, trabalhamos a revisão dos Projetos Político-Pedagógico das unidades das escolas de forma a envolver equipe gestora das unidades, professores, trabalhadores, estudantes e comunidade escolas coerente com a decisão política da Secretaria Municipal de Educação articulada com a construção do Plano Municipal de Educação, sob o tema geral: Educação e Democracia.

corpos em compromissos coletivos. Na realidade às vezes cruel dos encontros e das reuniões, seja as internas ao conselho do orçamento participativo – CORPO, seja as grandes ou pequenas reuniões abertas à livre participação, uma espécie de estranhamento se apresentava assim como se produziam experiências de cooperação (DARIO Jr, 2018). Passamos a nos indagar pela qualidade dessa participação, considerando aqui qualidade como intensidade, como implicação, como envolvimento, como abertura para as possibilidades de cooperação na composição dos interesses coletivos. Já em São José dos Campos, o trabalho consistia em colaborar com as Escolas da rede municipal na construção democrática e participativa de seus Projetos Político e Pedagógicos em articulação com o Plano Municipal de Educação, na revisão de seus Regimentos Escolares oportunidade de acompanharmos a prática dos HTCs – horário de trabalho coletivo, as reuniões com a comunidade escolar, os encontros de Grêmios Estudantis.

Conjuntura nacional.

Naquele momento, a experiência do movimento estudantil ocupando escolas no estado de São Paulo no final de 2015, fenômeno que ganhou o Brasil ficando conhecido como *primavera estudantil*. A democracia golpeada com o impedimento da presidenta Dilma Roussef pelo congresso nacional em flagrante desrespeito ao resultado do processo eleitoral de 2014. Como de costume, filmes nos atravessam. Não foi diferente com o longa-metragem *Aquarius*¹¹ que chegou provocando mudanças em nosso olhar para a cidade nesse movimento de transformação do jeito de sentir e pensar a materialidade da cidade em sua produção cotidiana.

(dó)

Trabalhos no terceiro setor intensificaram nosso trânsito pelo Brasil. Uma organização chamada Escola de Ativismo¹² possibilitou nossa aproximação com a cidade do Recife. Nas reuniões, nos encontros, nas longas conversas e nas intermináveis caminhadas, o drama de Clara, protagonista do filme *Aquarius*, na sua luta por sobreviver aos interesses do capital imobilizado no chão da cidade, ao ocupar o território material e os territórios existenciais, ao colonizar modos de vida, aniquilá-los para produzir um modo de vida, o conflito urbano apresentado nas imagens do cinema vai ganhando outras dimensões e sentidos nas caminhadas entre a praia de Boa Viagem, Pina e a ocupação chamada Brasília Teimosa. Ao mesmo tempo tivemos os primeiros contatos com o território quilombola chamado Vão Grande, município de Barra do Bugres no Mato Grosso, uma terra isolada pelas montanhas e pelo difícil acesso, onde interessa ao capital barrar o rio Jauquara com a instalação de uma pequena central hidrelétrica no trágico contexto de represamentos na bacia do rio Paraguai que impacta todo o bioma Pantanal.

¹¹ drama nacional dirigido por Kleber Mendonça Filho. 142 minutos, 2016/Brasil.

¹² Associação de direito privado que assim se apresenta no seu perfil do da rede social facebook: “Somos um coletivo que existe desde 2011, atuante em diferentes regiões do país. A Escola de Ativismo tem a missão de fortalecer o ativismo no Brasil por meio de processos de aprendizagem voltados para potencializar os grupos e as ações que trabalham pela democracia, combate a todas as formas de injustiças, defesa dos direitos humanos e da sustentabilidade.”

(ré)

A necessidade e a urgência de sustentar esse movimento do corpo e da cabeça nos lança com muita força nas leituras e cursos. Essa sustentação foi encontrada na bibliografia, nas disciplinas cursadas sobretudo na área da filosofia política e na área dos estudos culturais, nos cursos com o professor Peter Pál Pelbart, nos momentos de orientação, tudo isso atravessado pela arte. A arte, sempre a arte... nos referimos especialmente à música, poesia, artes plásticas, literatura, cinema e à nossa própria criação artística.

(mi)

Ainda no terceiro setor, um Instituto¹³ especializado em escolas de tempo integral e vinculado ao Movimento (Empresarial) Todos pela Educação, nos permite acompanhar pedagogicamente as escolas que, aderindo ao fomento do Ministério da Educação, passam a atender em carga horária ampliada. Nesta oportunidade, visitamos mais de uma centena de Escolas Públicas pelo Brasil e a andarilhagem foi ganhando corpo. A andarilhagem, que nos referimos neste texto_tese, começa a ganhar forma, começamos a perceber os primeiros contornos.

(fá)

Em meio a tudo isso, recebemos o convite da editora do Jornal Cidade de Rio Claro para assumir uma coluna mensal, cerca de 3 mil caracteres de texto assinado, inicialmente a respeito da política (aqui considerada no sentido estrito da palavra, este mais ligado às questões eleitorais e de governo) local e nacional. Optamos por tentar apresentar textos com um pensamento musical dando nascimento ao exercício de com_posição onde compomos com compositores da música popular brasileira numa espécie de diálogo_escrito_atemporal. Tal exercício vem, desde 2019, ganhando ares de experiência quando, ao olharmos para eles no momento da escrita deste texto_tese, percebemos ali uma espécie de caderno de campo tornado público nas páginas do jornal e no blog¹⁴ do ivan rubens.

Neste texto_tese, quando reproduzimos tais artigos escritos no calor da andarilhagem, denominamos CRUZAS. Trata-se dessa tentativa de costura, de tecitura, de cruzamento, quando o registro num determinado tempo_espço cruza com um agora e abre para a criação.

*cruzas_com_isto_e_aquilo,
cruzas_com_aquele_e_aquela,
cruzas_com_quem_já_não_és
se é que um dia foi
mas eu fui sem saber de destinos
e sei das partidas e chegadas
e busco
busco e arrisco no brusco do risco
da morte e da vida*

¹³ O Instituto XXX é uma entidade privada sem fins econômicos que visa primordialmente a melhoria da qualidade da educação pública no Brasil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

¹⁴ Muitos textos, poesias, canções, transcrições, artigos e outros exercícios de estudos durante este doutoramento estão disponíveis em Andarilhagens: <blogdoivanrubens.blogspot.com> Acesso em maio de 2022.

*na intensidade da vida
na alegria do novo e na força da gargalhada.
Cruza, esquinas_encruzilhada.*

Uma linha que atravessa todo este processo de pesquisa, toda essa vida é o esforço psicanalítico. Esta linha vai se costurando, se enredando,

virando_rede_pegando_peixe,
virando_rede_deitando_corpo,
numa confusão interessante:

Ebulição tipo água no fogo, altas temperaturas, fervuras. Fogo que arde.

Fusão tipo alumínio aquecido, disforme, que mistura e separa.

confusão tipo argila no fogo que vira artesanato, arte_sã_nata:

argila bruta trans_formada em obra de arte.

Uma vida que se tenta sã, um corpo que se tenta são, são: criação!

Num dado momento, do divã, afirma o andarilho: “uma tese que nasce antes aqui”. Podemos entender um cruzamento nesta esquina onde se encontram um trabalho quase que diário de elaboração de si, das idas e vindas, da elaboração da vida em sua força inventiva e emotiva, da escultura de um corpo na materialidade ao mesmo tempo maravilhosa e dolorosa da vida.

Até que passamos a conviver com um vírus.

UM VÍRUS NOS VIROU DO AVESSO / NOS ARREMESSOU PRA DENTRO...

disseram Aldir Blanc e Alexandre Nero na canção *Virulência*:

É PRECISO INVENTAR UM LADO DE FORA / É PRECISO VENTAR...

(sol)

Por fim, o Instituto Terroá¹⁵ nos coloca em contato com a realidade de escolas ribeirinhas no baixo curso do rio Amazonas. Entre igarapés e rios imensos, encontramos escolas Família no Amapá.

Andarilhagem compreende todo esse movimento educacional, aqui compreendida educação como a mútua implicação de produção de subjetividade e processos educacionais. Movimento ao mesmo tempo físico e subjetivo. O andarilho é um pouco cartógrafo_antropófago.

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis

¹⁵ Instituto Terroá é uma Associação apartidária, sem fins lucrativos, que tem a missão de apoiar e facilitar processos participativos para a criação de soluções integradas que promovam o desenvolvimento sustentável.

para composição das cartografias que se fazem necessárias. O Cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago. (ROLNIK, 2014, p 23)

A psicanalista e professora *Suely Rolnik* fala também de uma memória que não se refere apenas aos fatos cronológicos, mas de uma memória invisível que não é feita exatamente de fatos, mas daquilo que ela chamou de *marcas*. Esse plano invisível é igualmente real e menos óbvio, nele há uma “textura (ontológica) que vai se fazendo dos fluxos que constituem nossa composição atual, conectando-se com outros fluxos, somando-se e esboçando outras composições” (Rolnik, 1993, p 242). Tremem os contornos da figura atual, vão se produzindo mudanças subjetivas. Assim vamos criando um novo corpo subjetivo e devagar, derivando_deviramos outro.

O que estou chamando de marca são exatamente esses estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um desses estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir. (Rolnik, 1993, p 242)

Durante a vida, estamos produzindo marcas. As marcas permanecem vivas e, mesmo que adormecidas, elas podem vibrar como vibra a corda do violão quando estimulada pela mão do artista. Para Rolnik, as marcas são uma espécie de ovo do devir. Com as mãos, Nuno Moraes faz vibrar as cordas do seu violão produzindo ondas sonoras que, ao tocar os ouvidos do andarilho_compositor_letrista, faz vibrar as marcas produzindo ovos de devir. Não é o sujeito que conduz, o sujeito aceita o fluxo dos acontecimentos e vai se engendrando no devir, ou seja, vai se deixando conduzir pelas marcas.

O que o sujeito pode, é deixar-se estranhar pelas marcas que se fazem em seu corpo, é tentar criar sentido que permita sua existencialização - e quanto mais consegue fazê-lo, provavelmente maior é o grau de potência com que a vida se afirma em sua existência. (Rolnik, 1993, p 242)

Assim rompeu a casca do ovo vindo ao mundo algo que não existia. *Movimento Breve* figura neste texto_tese como a irrupção de algo inédito: um sonho de menino de escrever letra de música que consideramos um dos produtos resultantes deste doutoramento. Assim como os cerca de 50 artigos publicados no Jornal Cidade de Rio Claro. É esse estranhamento, essa espécie de desterritorialização, essa sensação estranha, estrangular, esse estrangulamento que se sente quando se percebe a colônia, quando se percebe na colônia, quando se percebe colonizado e, o deslocamento_tentativa da des_colonização nos obriga a criar, a produzir, a encontrar um outro chão, às vezes ainda inexistente, para apoiar os pés e seguir a caminhada. Caminho que se faz ao caminhar assim como se faz andarilho andarilhando. E andarilhando, o compositor_aprendiz elabora seus estranhamentos com o mundo, seus estranhamentos com o outro, com a finitude. Nos estudos em psicanálise, as dores de uma vida_andarilha vão ganhando sentido, e a andarilhagem segue algumas vezes até com maior potência.

- a palavra ESQUINA será muito utilizada neste texto. ESQUINAS, esse cruzamento de ruas no chão da cidade, será utilizada neste texto como imagem do cruzamento, este mesmo que se dá no incerto das cidades. Utilizaremos ESQUINA em caixa alta este texto_tese cruza com um dos artigos escritos no calor dos acontecimentos da andarilhagem e publicados no Jornal Cidade de Rio Claro entre 2019 e 2022. ESQUINAS também podem aparecer como empurrão para o pensamento pensar diferentemente do que vinha pensando até então, por exemplo, os vindos da banca de qualificação. Os artigos publicados em jornal Cidade e reproduzidos neste texto_tese, estarão alinhados à esquerda.

- Utilizaremos a palavra TRAVESSA, também da paisagem urbana, quando uma canção nos atravessa de forma a dar um sentido outro para o nosso pensamento. Atravessados por uma determinada situação, texto, escrita, leitura ativa nosso **pensamento musical**, ativa uma espécie de trilha sonora compondo uma certa paisagem sonora. Em alguns casos trazida para este texto_tese.

- As canções reproduzidas no texto estão destacadas em caixa alta e em linha, as partes separadas por barra (/);

- Títulos de textos e nomes de artistas estão marcados em itálico;

- Algumas palavras, expressões ou pequenas frases estão destacadas em negrito como forma de chamar a atenção do leitor e da leitora por tecerem uma linha de singularização;

- Sempre que possível, as canções citadas neste texto_tese podem ser ouvidas no endereço eletrônico disponível em nota de rodapé;

- Algumas palavras estão grafadas em uma língua estranha, um idioma estrangeiro, uma língua em movimento: idioma_terno¹⁶. Também conhecido como linguagem de andarilho;

O texto a seguir está organizado em três partes, respeitando os eixos pulsantes que sustentaram nosso movimento de estudo, pesquisa e registro.

No eixo 1 nosso olhar está apontado na direção da cidade, no eixo 2 nosso olhar estará apontado na direção da Escola e no eixo 3, na direção da subjetividade. Essa repartição revela nossa inspiração nos estudos de Michel Foucault pensando a Escola como lugar do saber, pensando a Cidade como o lugar do poder e a subjetividade como a dimensão do sujeito. *Uma tentativa de ser professor* aparece como ESQUINA, uma experiência de cruzamento dos três eixos acima. Por fim, as *últimas notas* apresentam alguns conceitos que nos ajudam a caminhar para as considerações finais.

¹⁶ Referência ao Museu da Língua Portuguesa em São Paulo/SP. Das andarilhagens na Estação da Luz, na Pinacoteca de São Paulo, no parque da Luz e toda vida musical da Sala São Paulo de espetáculos às Rodas de Choro na Contemporânea.

Só eu sei, das esquinas por que passei. Só eu sei.
(Djavan)

Eixo 1 – olhares para Cidade

Neste capítulo vamos apresentar um pouco de nosso olhar para Cidade a partir da andarilhagem pela cidade de Recife, capital do Pernambuco. Para tanto, apresentaremos o que conseguimos captar da realidade a partir de nosso contato com movimentos populares e com as lentes do cinema. As provocações vieram com o longa metragem *Aquarius* e se desdobraram na obra do diretor e roteirista recifense *Kléber Mendonça Filho*. Descobrimos a obra deste cineasta.

Com o pensamento de Suely Rolnik, trabalharemos com as câmeras de filmagem que nos ajudam a captar as imagens visíveis, ao mesmo tempo que vamos acionando também aquilo que Rolnik chama de “fator de a(fe)tivação” (ROLNIK, 1992, p. 29) como o olho que nos ajuda a ver o invisível, a ler nas entrelinhas, despertando nosso corpo vibrátil. As esquinas estão no texto como materialização das marcas desse movimento de estudo em nossos modos de ver e pensar. Ao final, apresentamos uma pequena síntese desse movimento de pensar a cidade de outra maneira.

Cena 1: A cidade de Recife.

AÇÃO !!!

O andarilho está num avião. Sobrevoa Recife e, sentado na aeronave, andarilha. Chegar à cidade de Recife sobrevoando-a é muito interessante. Cidade de beleza singular, de difícil descrição exceto pelo ‘paliteiro’. Isso mesmo, uma espécie de ‘paliteiro’: grandes torres, grandes edifícios concentrados numa porção do território, num chocante contraste com áreas de manguezais, rios e mar.

CORTA !!!

Cena 2: Sobre projetos, roteiros e obras.

AÇÃO !!!

Cinema é uma arte. Filmes são portais abertos para andarilhagem: a viagem nas quase duas horas de sala escura, um tempo fora do tempo para viver uma história fora da história. Esse viver andarilho é compreendido aqui como o movimento de:

pensar_estudar_agir_experimental_atuar_buscar_caminhar_errar_sonhar_cantar_amar...

Filmes e canções são portais, são janelas abertas que dão a acessar mundos outros. Filmes e canções são aberturas, possibilidades para acessar dimensões interessantes da existência.

O roteiro de *Aquarius* foi escrito entre 2013 e 2015, as filmagens aconteceram entre julho e setembro de 2015. O filme foi roteirizado e dirigido por *Kléber Mendonça Filho*, produção de *Emilie Lesclaux* e outros. A estreia do filme nos cinemas brasileiros aconteceu no dia 31 de agosto de 2016, coincidindo a interrupção do mandato da presidenta Dilma Rousseff em sessão do senado federal. A repercussão do filme por ocasião de sua exibição no Festival de cinema de Cannes ocorrida em maio do mesmo ano, já havia causado terremotos na cena política do país em estado de ruptura democrática. Pois bem, na primeira semana do setembro golpeado, o andarilho entra numa sala de cinema dentro de um shopping center na cidade de São José dos Campos/SP. Andarilhos passam ao largo de shopping centers. Andarilhar é uma prática de liberdade, um movimento de busca pela liberdade apesar das demarcações na terra urbana e não urbana. No shopping, se é livre para comprar. No shopping center o trânsito está ainda mais demarcado: consumidores andam numa espécie de procissão adorando as mercadorias e peças publicitárias. Shopping center é o templo da deusa mercadoria. Andarilhos entendem shoppings e templos como territórios com força colonizadora: colonizam o pensamento, colonizam territórios existenciais, são a parte visível de um iceberg chamado 'UM_modos_de_vida'. Um e apenas um. Um modo de vida para um mundo: o mercado capitalista neoliberal.

Numa ESQUINA, encontro com Cecília Meireles. Para ela,

*Liberdade, essa palavra que o sonho humano alimenta,
Não há ninguém que explique e ninguém que não entenda*

Aquarius tomou o andarilho.

A sinopse apresenta o filme assim: Clara (Sonia Braga) tem 65 anos, é jornalista aposentada, viúva e mãe de três adultos. Ela mora em um apartamento localizado na Av. Boa Viagem, no Recife, onde criou seus filhos e viveu boa parte de sua vida. Interessada em construir um novo prédio no terreno, os responsáveis por uma construtora conseguiram adquirir quase todos os apartamentos do prédio, menos o apartamento de Clara. Por mais que tenha deixado bem claro que não pretende vendê-lo, Clara sofre todo tipo de assédio e ameaça para que mude de ideia.

Andarilhar por *Aquarius* repetidas vezes na busca dos afetos que nos atravessam nesta ficção. Vamos recortar a relação estabelecida entre dois personagens, Clara (já apresentada na sinopse) e Diego (o jovem empresário representante e herdeiro da construtora).

CORTA !!!

Cena 3: cidade_sujeito x sujeito_cidade. Andarilhagens por Boa Viagem.

AÇÃO !!!

A andarilhagem agora passa por Boa Viagem, Pina e Brasília Teimosa, refazendo paisagens do filme. Oceania é o nome original do edifício locado para o filme. Aqui cabe registrar um detalhe muito interessante: entre a idealização e a realização do filme, o edifício Aquarius escolhido para locação do filme foi, ele mesmo, vítima da demolição. As filmagens aconteceram num prédio similar também na avenida Boa Viagem, um pouco mais perto de Brasília Teimosa¹⁷. A andarilhagem na cidade cenário enreda ainda mais no filme.

No limite Brasília Teimosa – Pina, uma torre comercial envidraçada. Voltaremos a este ponto em breve.



Foto 1. Vista de Brasília Teimosa. No primeiro plano e à esquerda, o JCPM Trade Center.

CORTA !!!

Cena 4: Andarilhagem entre ruínas.

AÇÃO !!!

O Andarilho está com a organização da sociedade civil *Somos Todos Muribeca*¹⁸, iniciando uma relação muito amistosa com duas lideranças locais: Lula e Marcelo. O loteamento chamado Muribeca fica na região metropolitana do Recife, no município de Jaboatão dos Guararapes. A andarilhagem acontece entre ruínas.

No início de 1982, a política habitacional tirou parcelas da população da região central do Recife alocando-as nas periferias da cidade. O Banco Nacional de Habitação (BNH) construiu os prédios de Muribeca, distrito do município de Jaboatão dos Guararapes, região metropolitana do Recife. Com 2.240 unidades habitacionais em 70 prédios e uma população residente de quase 9 mil pessoas. Após muita luta, veio a infraestrutura de água, afastamento de esgoto, iluminação e transporte público.

17 ocupação anteriormente denominada Areal Novo, iniciada em 1947. Seus habitantes, pescadores, negociantes, estudantes, donas de casa, têm ligação muito forte com o mar. Os moradores viviam sob ameaça de expulsão desta área desde há muito tempo cobiçada pelo mercado imobiliário. Nos anos 1950, quando essa área foi destinada pelo Governo do Estado à construção de depósitos inflamáveis, os primeiros moradores que reconstruíam suas casas durante a noite quando ao longo do dia eram demolidas, daí a ideia de teimosia, coincidente com o período da construção de Brasília. Em 1956 uma jangada com 5 pescadores aportou no Rio de Janeiro para assistir à posse de Juscelino Kubitschek e chamar atenção para a situação de sua comunidade, no Recife. Essa comunidade permaneceu no local à custa de seus próprios esforços, contra a cobiça de vários grupos com poder econômico e político.

¹⁸ Disponível em <<https://escoladeativismo.org.br/joao-marcelo-trindade-e-luiz-claudio-lula-de-melo-fundadores-1-do-somos-todos-muribeca/>> Acesso em janeiro de 2021.

O ano de 1991 marcou o crescimento populacional devido à divulgação da possibilidade de transformar Muribeca em Zona Especial de Interesse Social - ZEIS. Apareceram novas casas e comércios em construção desordenada (por assim dizer) do ponto de vista do planejamento urbano. Tanto a parte interna quanto externa do conjunto habitacional Muribeca (espaços entre prédios, espaços destinados à circulação, estacionamento e etc) foram ocupadas com construções. O comércio pujante atendia praticamente todas as necessidades dos moradores.

Por volta de 2003, após laudos apontando risco de colapso, a justiça decretou a desocupação de todos os prédios em troca de auxílio-moradia, que gerou êxodo da comunidade, exceto das famílias em posse irregular. Por volta de 2005, a Caixa Econômica Federal, tendo assumindo o antigo BNH, assume também a responsabilidade pelos imóveis, chamados de prédios-caixão. A demolição exigia um raio de área livre de 12 metros no entorno que, no caso de Muribeca, encontra-se toda ocupada por edificações diversas. Em 2015 a Justiça manda demolir as casas neste raio de 12 metros. A polícia militar retirou as famílias.

Desconfiados do processo, das brechas e da jogada política contra o povo, alguns moradores começaram a se movimentar, a estudar os processos e os interesses em jogo. Tais moradores criaram a associação *Somos Todos Muribeca - STM*. Desde então, a luta por moradia digna, por justiça, por habitar um pedaço de chão para fazer a vida tem aglutinado alguns moradores na STM.

A parte visível da andarilhagem, Recife – Jaboatão – Recife, dispara uma outra andarilhagem. Em entrevista à TV Unicamp¹⁹, Paulo Freire fala de sua infância e suas andarilhagens inclusive Recife – Jaboatão – Recife. Andarilhagens compreendidas como produção de subjetividade implicados com processos educacionais, uma certa educação popular que chega na intensidade das palavras de *Lula* e *Marcelo* da Associação STM.

Andar nas cidades é atravessá-las e ser atravessado por elas. Em alguns momentos o andarilho sente que as ruínas na paisagem de Muribeca correspondem a uma espécie de arruinamento das vidas, ao sofrimento vivido pelos moradores e moradoras daquele lugar.

CORTA !!!

Cena 5: Cidades para quem?

AÇÃO !!!

*AMECICLO*²⁰ é uma organização popular interessada em utilizar a cidade, em transitar utilizando bicicletas. Uma luta por outras modalidades de transporte fora da indústria do petróleo, por outra cidade.

Ocupe Estelita é um movimento que reivindica terra urbana para moradia popular. O mini documentário *Recife, cidade roubada*²¹ apresenta a ingerência do capital imobiliário na política urbana e entende o *Projeto Novo Recife* como empreendimento prejudicial à saúde da cidade.

¹⁹ Disponível em <http://blogdoivanrubens.blogspot.com/2020/04/paulo-freire-fala-de-sua-vida-pessoal-e.html>

²⁰ Organização da sociedade civil que luta pelo direito à cidade e na região metropolitana do Recife. A proposta é transformar a cidade, através da bicicleta, em um ambiente mais humano, democrático e sustentável. Disponível em https://ameciclo.org/quem_somos Acesso em fevereiro de 2021.

²¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dJY1XE2S9Pk> Acesso em janeiro de 2021.

Em 2008, um terreno pertencente à União no Cais José Estelita localizado no centro do Recife, foi vendido para um grupo de construtoras num leilão questionado pelo Ministério Público. Segundo o movimento popular, tais construtoras financiam as campanhas eleitorais na cidade de Recife e ao governo do estado de Pernambuco. Em 2012, a prefeitura do Recife aprovou um projeto de condomínios de luxo, o “Novo Recife”, apresentado por estas construtoras. O ponto de vista dos empreendedores parece destoar do ponto de vista do movimento popular.



Foto 2. As torres gêmeas



Foto 3. Via mangue. Ao fundo, o paliteiro



Foto 4. Rotina de engarrafamentos



Foto 5. Moradias e o shopping center Rio Mar

Segundo o documentário, “o Projeto Novo Recife nem é novo e nem é bom”. Para o cineasta Kléber Mendonça Filho, olhar para as Torres Gêmeas (foto 2) ajuda a entender o projeto Novo Recife:

As torres gêmeas podem ser observadas como um *trailer* do que a gente pode vir a ter com o Novo Recife. Elas impediram que o sítio histórico do centro do Recife fosse considerado patrimônio da Humanidade da UNESCO como Olinda é. Elas tiram a ideia de paisagem cultural (...) elas não têm nada a ver com o centro histórico assim como o Novo Recife não tem nada a ver com aquela área específica da cidade. (Kléber)

O shopping center (SC) como negação do espaço público

Ele surge nos EUA para atender a demanda por comércio e serviços nas periferias das cidades. No Recife, segundo o movimento, o SC é instalado dentro do espaço urbano em locais abandonados pelo poder público em um conluio cruel entre o Estado e o mercado, porque o shopping não é público:

Não se faz piquenique no shopping, não se entra ou sai a qualquer horário. O shopping tem dono, é privado, é uma simulação, um falso espaço público. (Irândhir Santos)

O andarilho tenta acessar o shopping Rio Mar no Recife por grandes avenidas e carros extremamente agressivos... Andarilhando num urbanismo cujo planejamento pressupõe carros particulares. Segundo o movimento *Ocupe Estelita*, a instalação do SC Rio Mar (foto 5) é a ponta de lança das forças econômicas e políticas que enxergam a cidade a partir dos interesses exclusivamente comerciais. Eles estão falando de segregação social e espacial. A via Mangue (foto 3) expressa um planejamento urbano orientado aos interesses das grandes empresas de incorporação e da construção civil. A maior obra viária já realizada no Recife num custo de, segundo o movimento, quase R\$ ½ bilhão, cortando e impactando o maior manguezal urbano do mundo e que serviu à parcela da população que tem carro, que mora em Boa Viagem (classe média alta), e liga dois shoppings a um condomínio de luxo. Investimento público atendendo ao interesse de quem pode consumir, quando poderia ser investido em outras modalidades de transporte público a exemplo do Veículo Leve sobre Trilhos - VLT ligando Boa Viagem ao centro da cidade.

Este 'novo' apresentado numa linda e sedutora embalagem produzida por caríssimas agências de propaganda e suas imagens para ludibriar a população. A força das imagens na venda de ilusões, quando, na verdade, esta cidade que o capital especulativo e o mercado imobiliário projetam com a anuência e conivência do poder público, desqualifica Recife como patrimônio histórico da humanidade. Podemos dizer de uma nova roupagem para a velha exclusão sócio-espacial: bairros para ricos e bairros para pobres. O velho engarrafamento, a velha insegurança promovida pela desigualdade, pela concentração de renda, por espaços na cidade esvaziados e abandonados pelo poder público. O movimento reivindica a área do antigo Cais Estelita²² para moradia popular, para lazer da classe trabalhadora, reivindica um espaço para participar da cidade. O movimento reivindica o terreno para diminuir o déficit habitacional na cidade, sobretudo para as famílias que moram em áreas de risco. Reivindicam o direito de ocupar aquele espaço, de fazer parte da paisagem da cidade, viver, passear, passar o tempo... este movimento popular pelo direito à cidade é composto pelas pessoas que não consumirão as grifes caríssimas previstas no *projeto Novo Recife*, não habitarão os *flats* e apartamentos de luxo, não possuem carros luxuosos para ocupar as áreas de estacionamento.

Jeitinho Novo Recife

Sobre o processo de concessão da área, o que o movimento chama de *jeitinho Novo Recife*, o leilão irregular, sem estudo de impacto de vizinhança e estudo de impacto ambiental. Sem autorização de

²² O Cais José Estelita, localizado na cidade do Recife, banhado pela Bacia do Pina. Do lado oposto à bacia havia uma série de galpões da extinta Rede Ferroviária Federal -RFF. Inexistia até o começo do século XX, assim como boa parte da área ocupada pelos armazéns e linhas férreas do outro lado da avenida. Surgiu como área de aterro para interligar o Forte das Cinco Pontas ao Forte Príncipe Guilherme. A Estrada de Ferro Recife - São Francisco foi inaugurada em fevereiro de 1858, a segunda do Brasil. Neste local também funcionavam pelo Porto do Recife e também estocavam o açúcar produzido na zona canavieira. Mesmo desativado permaneceu como propriedade da RFF, até que foi vendido para um complexo de empresas privadas do setor imobiliário, formado pela Moura Dubeux, Queiroz Galvão, GL Empreendimento e Ara Empreendimentos. Esta venda foi realizada em 2008, através de leilão. (Dados disponíveis na internet)

vários órgãos governamentais²³ e, por fim, sem um plano urbanístico para a área. Não que isso garanta muita coisa, o andarilho não romantiza a aliança poder_econômico_e_poder_político, mas a andarilhagem reforça a pergunta: como chega tão longe um projeto marcado por tantas irregularidades? O movimento *Ocupe Estelita* provocou atrasos no cronograma de execução do *Projeto Novo Recife* construído nesse conluio macabro de empreendedores privados e poder público local. Segundo alguns especialistas entrevistados no mini documentário, a regra no Recife parece invertida: projetos de vulto são aprovados à revelia (o andarilho diria: *com a conivência*) das instituições, com a velocidade e volatilidade do grande capital. Como se o rigor com a legislação para reprimir os pobres, como se os interesses populares fossem infinitamente inferiores aos interesses dos ricos. Um estado forte para reprimir os interesses populares, um estado fraco para regular os interesses do capital privado.

O projeto Novo Recife tem gastado rios de dinheiro em comerciais de TV. Querem convencer você de que transformar esta área do Cais José Estelita em uma série de torres de luxo vai ser bom para a cidade, vai ser bom para você. *Uma nova vida ao cais...* Tapeação! a essência é condomínio de luxo, a mesma lógica do shopping center, e os benefícios serão exclusivos para quem puder pagar por isso. (Irândhir)

Trata-se de uma série imensa de terrenos de frente para o mar cuja ocupação desses espaços atende exclusivamente aos interesses econômicos de uma elite financeira. A cidade como mercadoria possibilitando a mobilidade de uns e interdição de muitos. Ou seja, uma cidade ainda mais demarcada: aqui pode circular quem consome, quem tem poder_de_compra. Quem não tem, não é aceito: este fragmento nobre da cidade não lhe pertence. Alguns podem usar a palavra exclusão, o andarilho, acostumado com as ruas, vê uma cidade partida, dividida, cidade cindida, a sociedade que, por força do capital e sua política de subjetivação, se organiza em quem consome de um lado e, do outro lado, os pobres.

Uma mulher negra que participa da luta no Ocupe Estelita, pergunta:

Onde vão botar esses carros? na cabeça dos pobres. E os pobres vão para onde? Vai morar lá no inferno das cuias. Por que não aproveita o terreno para fazer moradia digna para as pessoas? (mulher negra)

CORTA, CORTA !!!

Aquarius II²⁴

O trailer do filme pode ajudar nessa composição²⁵:

O Andarilho entrou neste filme, nos diálogos, nos personagens. O filme marca o contraste das imagens de uma cidade passada e uma cidade atualizada. Clara é a personagem vivida por *Sônia Braga*. É autora de um livro sobre Heitor Villa-Lobos, com o título: *Todas as músicas que não conseguimos ver*.

²³ Segundo o Movimento, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte - DNIT, a Agência Nacional de Transporte Terrestre - ANTT e a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico do Pernambuco – FUNDARP.

²⁴ Caso você não conheça o filme e este texto sintético não te dê uma boa visão panorâmica do longa-metragem, veja no link uma espécie de minutagem comentada que elaboramos durante este estudo. Disponível em: <<http://blogdoivanrubens.blogspot.com/2021/07/anexo-1-leitura-comentada-do-filme.html>> acessado 27/7/21

²⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VB-5rodvHUC>>. Acesso em 19/01/2022.

Clara é do tempo do Opala, do toca fitas *Roadstar*, da vitrola para vinil, de um repertório estético e político da década de 1980. Depois de andarilhar por muitas entrevistas e reportagens a respeito do filme, do elenco, chegamos ao diretor. Um diálogo entre o diretor e roteirista *Kléber Mendonça Filho* e o ator *Humberto Carrão* (que interpreta Diego) na entrevista denominada: *a diferença entre preço e valor no filme Aquarius*²⁶.

O roteirista conta que *Aquarius* nasceu de sua vida na cidade do Recife e sua análise da ocupação dos espaços que, comercializados, correspondem a dinheiro. Isso se mistura com as relações humanas, memórias, passado, tempo, e as ideias de 1) demolição e 2) manutenção. De observar os fluxos e os movimentos na cidade, nasceu o roteiro: Clara, uma mulher de classe média, mora num apartamento antigo e de frente para a praia da Boa Viagem. Ela prefere não vender o apartamento onde mora para uma empresa que deseja o terreno para construção de um arranha-céu super moderno. A vida vira inferno porque Clara disse não! não quer sair da casa, não quer conversar sobre as propostas da Empresa, nem a melhor proposta financeira, nem a proposta muito acima dos valores de mercado. Não se trata de realizar o melhor negócio, a questão é não realizar um negócio. Clara nega o negócio! As relações de vizinhança também viram do avesso porque a Empresa já negociou com todos os demais proprietários de apartamento no edifício Aquarius que aguardam Clara para receber sua contrapartida da Empresa devido o negócio. Está estabelecido um conflito de interesses econômicos no interior da classe média branca recifense.

O ator Humberto Carrão vive o personagem Diego, o antagonista de Clara. Tão obstinado quanto ela, mas representando interesse oposto. O ator fala da sua contradição: estudou numa escola no Rio de Janeiro onde o personagem Diego poderia ter estudado, escola frequentada por uma elite que se frequenta mas não se encontra com outros mundos. Fechada em seus condomínios e shoppings centers, muralhas de segregação nas cidades. Carrão afirma: “é como se eu já conhecesse o personagem, sei da origem de gente como Diego”. Procurou seus antigos colegas de escola para criar e para entrar no personagem. Para ele, figuras como Diego são comuns, gente capaz de vislumbrar excelentes oportunidades de negócio, gente que diz: “estou vendo coisas que você ainda não consegue ver, coisas que são muito melhores para você”. Gente que produz uma certa pedagogia das elites, uma certa pedagogia dos negócios, que produz uma cidade dividida, segmentada, higienizada. Como se a cidade, ou pelo menos os espaços mais nobres da cidade e, portanto, mais caros, fossem exclusividade dessa gente limpinha e cheirosa. Diego tem uma arrogância típica de quem é muito jovem e acha que já entendeu tudo da vida (mas não entendeu nada), arrogância que para Kléber está potencializada pelas tecnologias e pela lógica do mercado. Mas “Diego tem uma carinha ótima”, finaliza o cineasta.

ESQUINA: o_tempo_no_cinema ou *Regressar é reunir dois lados*.

Entre o passado de Clara e o futuro da Empresa está o presente do filme, imaginado e roteirizado num presente que já é passado também. O filme tem mais de 2 horas de duração, o diretor apresenta a trama aos poucos, um passo depois do outro. Uma boa andarilhagem exige respiração. É possível andarilhar mesmo estando dentro de um *Aquarius*.

²⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fv3n10A3aj0>> Acesso em 27/07/2021

Mas um filme é também um presente, um regalo que nos coloca a pensar o que passa, o que atravessa, o que acontece e subjetiva... para poder derivar e inventar mundos. Pensamos alguns filmes como *aíón*, como o tempo da experiência.

Regressar é reunir dois lados²⁷

Essa frase parece esconder mas, na verdade, revela. As canções escritas por *Aldir Blanc* nos levam aos bairros e ruas do Rio de Janeiro, seus personagens em suas carioquices. Estou te convidando a pensar numa alegria tipicamente carioca, uma alegria que vem da paisagem de uma cidade que, não à toa, é conhecida como cidade maravilhosa. Uma cidade que, como tantas outras, tem suas contradições, desigualdades, durezas e injustiças. Tem uma beleza singular, uma alegria que se revela num sem número de blocos de carnaval, na praia, na Lapa, na favela, no Aterro, no morro, na Bossa, no Samba, no Choro, no Rap, no Charme, no Funk...

REGRESSAR É REUNIR DOIS LADOS / À DOR DO DIA DE PARTIR / COM SEUS FIOS
ENREDADOS / NA ALEGRIA DE SENTIR / QUE A VELHA MÁGOA / É MOÇA TEMPORÃ / SEU
BELO NOIVO É O AMANHÃ

Coração do Agreste, canção dos cariocas Moacyr Luz e Aldir Blanc, conhecida na voz da Fafá de Belém para a protagonista da novela *Tieta do Agreste* (1989-1990), não fala exatamente disso. Mas fala. Fala de uma ligação, de linhas rompidas, de fios enredados. Uma espécie de ligação atemporal. Fala de sentimentos adormecidos e que retornam, que emergem inesperadamente. A psicanalista Suely Rolnik diria das marcas subjetivas que vibram. Aldir talvez esteja falando de um tempo *aíón*, compreendido como experiência, um tempo fora do tempo, alforriado da tirania de *Chronos*.

EU VOLTEI PRA JUNTAR PEDAÇOS / DE TANTA COISA QUE PASSEI / DA INFÂNCIA ABRIU-SE
O LAÇO / NAS MÃOS DO HOMEM QUE EU AMEI / O ANZOL DESSA PAIXÃO ME MACHUCOU /
HOJE SOU PEIXE / E SOU MEU PRÓPRIO PESCADOR

Sinto que a força da escrita de Aldir Blanc vem da sua infância em Vila Isabel. Uma infância não como a parte inicial da sua vida mas compreendida como experiência. Uma infância viva nele independentemente da idade.

Uma canção que se escuta muitas vezes produz efeitos no ouvinte. Ouvir *Coração do Agreste* é procurar por si mesmo, se encontrar num trecho e se perder noutro. Essa deriva dispara sentidos, sentidos outros, novos ou repetidos, retornando à canção vez por outra. E seguir compondo.

RIO, VOLTEI NO CURSO / REVI O MEU PERCURSO / ME PERDI NO LESTE / E A ALMA
RENASCEU / COM FLORES DE ALGODÃO / NO CORAÇÃO DO AGRESTE / QUANDO EU
MORAVA AQUI / OLHAVA O MAR AZUL / NO AFÃ DE IR E VIR

Rio pode ser a cidade do Rio de Janeiro, terra de Blanc e de Luz. Mas pode também ser um curso d'água qualquer, afluente de uma bacia qualquer. Uma vida em fluxo, uma deriva, movimento de germinar, brotar, desabrochar. Uma espécie de nascimento, um certo vir ao mundo como disse a

²⁷ Publicado no Jornal Cidade de Rio Claro na edição de 17 de agosto de 2021

filósofa Hannah Arendt. Tornar-se presença na emergência de uma obra. Esse ir e vir, esse movimento que só termina com a morte. Talvez nem com a morte porque ficamos vibrando, nascendo, gestando dentro daqueles que ficam, como Aldir fica em nós por meio de sua obra. A obra imortaliza seu criador.

AH FIZ DE UMA SAUDADE / A FELICIDADE / PRA VOLTAR AQUI

Do ponto de vista da Empresa (Construtora) em seus interesses comerciais, Clara é uma cliente!

Aquarius, take 1 (do minuto 108 ao 114)

A cena longa com duas câmeras, uma fechada em cada rosto). Atenção...

AÇÃO !!!

No estacionamento do edifício *Aquarius*, diálogo tenso entre Clara e Diego, observados por Leidjane (trabalhadora doméstica e amiga de Clara, que mora em Brasília Teimosa).

Diego: Estou focado, este é o meu primeiro projeto desde que conclui meu curso de business nos EUA.

Clara: Você não tem caráter, Diego. Ou melhor, tem sim: o seu caráter é o dinheiro. Portanto, você é um sem caráter.

Diego: Olhando daqui, Clara, você deve vir de uma família que batalhou muito para chegar aonde chegou. Uma família de pele mais morena que deu muito suor, eu te respeito.

CORTA !!!

(Há nuances nessa marcação social burguesa.) O clima é tenso.

Para o ator Humberto Carrão, o filme traz as hierarquias do sistema social para a cena: os conflitos urbanos ali representados na disputa do espaço com vista para praia de Boa Viagem. Diego certamente não entende nada da vida, mas mostra que a disputa é pesada.

Um filme lançado em 2016 no momento mesmo do golpe de Estado cínico, nas palavras de Kléber. *Aquarius* estreava em Cannes enquanto o Ministério da Cultura era extinto e reincorporado ao Ministério da Educação, retrocedendo ao formato que perdurou entre 1953-1985. Aqui nas terras brasileiras, mais uma mulher lutando pelo direito de permanecer na sua casa, de pertencer ao chão, lutando contra as forças que tentavam despejá-la, mas neste caso, uma mulher de classe média que possui um apartamento de frente para a praia de Boa Viagem, lugar desejado por seus iguais. Uma narrativa paralela ao filme. A vida imita a arte ou a arte imita a vida, as forças de vida ganhando a forma de uma obra de arte... As imagens do elenco sobre o tapete vermelho de Cannes causam abalos sísmicos. Ao posicionar politicamente o filme promovem um encontro entre Dilma Roussef e Clara.



Foto 6. Elenco se manifesta durante o festival de Cannes²⁸

Aquarius, take 2: para viver a vida com intensidade.

AÇÃO !!!

Clara está no carro com o sobrinho Thomaz. Falam de canções ao som de Maria Bethânia²⁹:

*EU SEI QUE EU TENHO UM JEITO / MEIO ESTÚPIDO DE SER / E DE DIZER COISAS QUE PODEM
MAGOAR E TE OFENDER / MAS CADA UM TEM O SEU JEITO / TODO PRÓPRIO DE AMAR E DE
SE DEFENDER / VOCÊ ME ACUSA E SÓ ME PREOCUPA / AGRAVA MAIS E MAIS A MINHA CULPA
/ EU FAÇO, E DESFAÇO, CONTRAFEITO / O MEU DEFEITO É TE AMAR DEMAIS...*

As partilhas são musicais e Maria Bethânia aparece como referência de intensidade. Thomaz conta da chegada ao Recife de uma nova namorada, Julia. Fala de seus sentimentos pela jovem. Clara orienta:

- *Toca Bethânia para ela, mostra que você é intenso.*

*PALAVRAS SÃO PALAVRAS / E A GENTE NEM PERCEBE O QUE DISSE SEM QUERER / E O QUE
DEIXOU PRA DEPOIS / MAIS O IMPORTANTE É PERCEBER / QUE A NOSSA VIDA EM COMUM /
DEPENDE SÓ E UNICAMENTE DE NÓS DOIS / EU TENTO ACHAR UM JEITO DE EXPLICAR / VOCÊ
BEM QUE PODIA ME ACEITAR...*

CORTA !!!

A cena preferida de Kléber que também é a cena preferida deste pesquisador.

²⁸ Disponível em <<https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/05/1772071-em-cannes-equipe-de-aquarius-protesta-contr-impeachment-no-tapete-vermelho.shtml>> Acesso em janeiro de 2021.

²⁹ Maria Bethânia Viana Teles Veloso (Santo Amaro, 18 de junho de 1946) é uma cantora e compositora brasileira. Maria Bethânia é irmã do também cantor e compositor Caetano Veloso. Em 1965, mudou-se para o Rio de Janeiro onde começou sua carreira musical substituindo a cantora Nara Leão no espetáculo Opinião, ao lado de Zé Ketti e João do Valle entre outros. Considerada uma das grandes vozes da música brasileira em todos os tempos.

Aquarius, take 3 (minuto 98)

AÇÃO !!!

Entre a organização de um casamento típico classe média e um amor que se revela no encontro de Thomaz e a jovem carioca Julia, envolvidos na canção de Gilberto Gil:

EU PASSEI MUITO TEMPO / APRENDENDO A BEIJAR / OUTROS HOMENS / COMO BEIJO O MEU PAI / EU PASSEI MUITO TEMPO / PRA SABER QUE A MULHER / QUE EU AMEI / QUE AMO / QUE AMAREI / SERÁ SEMPRE A MULHER / COMO É MINHA MÃE

COMO É, MINHA MÃE? / COMO VÃO SEUS TEMORES? / MEU PAI, COMO VAI? / DIGA A ELE QUE NÃO / SE ABORREÇA COMIGO / QUANDO ME VIR BEIJAR / OUTRO HOMEM QUALQUER / DIGA A ELE QUE EU / QUANDO BEIJO UM AMIGO / ESTOU CERTO DE SER / ALGUÉM COMO ELE É

ALGUÉM COM SUA FORÇA / PRA ME PROTEGER / ALGUÉM COM SEU CARINHO / PRA ME CONFORTAR / ALGUÉM COM OLHOS / E CORAÇÃO BEM ABERTOS / PRA ME COMPREENDER

Sobre a canção Pai e Mãe, o compositor baiano e ex-ministro da Cultura comenta:

Pai e mãe é uma canção composta no dia em que eu completei 33 anos, 26 de junho de 1975. Uma música de confissão de afeto profundo pelos pais, colocando todos os homens queridos como sendo um prolongamento do pai e todas as mulheres amadas como um prolongamento da mãe. Meus pais moravam em Vitória da Conquista na época e festejaram muito a canção. (GIL. 2003, p.199)

CORTA !!!

Andarilhar é traçar linhas, linhas_de_vida. Toda obra de Kleber Mendonça Filho foi descoberta neste estudo. Aquarius foi a brecha, a porta de entrada para aquilo que se tornou um grande percurso andarilho. Andarilhamos pelos curtas *Eletrodoméstica*³⁰, *Enjaulado*³¹ e *Recife Frio*³². Sua obra de arte nos ajuda a pensar a vida nas cidades brasileiras marcadas por uma urbanização separatista e um mercado imobiliário cada vez mais agressivo, processo que parece desumanizar a cidade.

Para Félix Guattari, não existe mais uma capital dominando a economia mundial. O que existe é um arquipélago de cidades, subconjuntos de grandes cidades conectadas por meios digitais, extremamente próximas apesar da distância, algo que ele chama de um rizoma multipolar urbano planetário. Como se um capitalismo inteligente devido ao avanço das tecnologias, ligasse os imensos bolsões de pobreza, focos urbanos altamente desenvolvidos, campos fortificados habitados pelo

³⁰ Disponível em: <https://vimeo.com/10022944> . Acesso em janeiro de 2021.

³¹ Disponível em: <https://vimeo.com/10153595>. Acesso em janeiro de 2021.

³² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U9mu2TJ0scY>. Acesso em janeiro de 2021.

poder. Como se as diferenças na cidade estivessem agora transitando, se trombando, se atravessando apenas no âmbito da circulação do mercado global.

As cidades são imensas máquinas (...) produtoras de subjetividade individual e coletiva. O que conta, com as cidades de hoje, é menos os seus aspectos de infraestrutura, de comunicação e de serviço do que o fato de engendrarem, por meio de equipamentos materiais e imateriais, a existência humana sob todos os aspectos em que se queira considerá-las. Daí a imensa importância de uma colaboração, de uma transdisciplinaridade entre os urbanistas, os arquitetos e todas as outras disciplinas das ciências sociais, das ciências humanas, das ciências ecológicas etc... (Guattari, 2012, p.152)

É necessário, portanto, recolocar em discussão o atual espírito de competição econômica entre empresas e nações, revisão da industrialização, da emissão de poluentes, da circulação, rever todo um modo de vida atual. Percebemos com Guattari que a força subjetiva das cidades como materialização de um modo de vida fez com que tanto ambientes construídos como ambientes naturais produzam formas de pensamento muito parecidas. Ou seja, o modo de vida contemporâneo está determinado por uma urbanidade cujo padrão de consumo tem colocado em risco todas as formas de vida sobre a Terra. Neste horizonte de catástrofe ambiental, novas formas de subjetividade individual e coletiva se fazem urgentes e, nesta perspectiva, tentamos perceber se as lutas populares ensaiam coletivamente a produção de outros sentidos para a cidade. A cidade é o cruzamento das questões econômicas, sociais, culturais. Contudo, apesar de a cidade produzir o destino da humanidade (Guattari, 2012, pg.153) entendemos com Guattari e Harvey um certo desconhecimento dessa dimensão da cidade como produtora de subjetividade.

Outro jeito de pensar Cidade

Até aqui, apresentamos algumas andarilhagens na cidade do Recife. Colocamos nossa atenção na materialidade da cidade nessa contradição real entre os interesses do capital, a cidade como mercadoria, e os interesses populares organizados em movimentos que lutam para produzir uma cidade com outros sentidos. O longa metragem *Aquarius* como obra coletiva apresentou dois personagens que nos ajudam a perceber essa contradição na produção de sentidos para a cidade: Clara, que nega o negócio, e Diego, o jovem empresário. Vemos em Clara um tanto de *Batlerby*, o escriturário de *Herman Melville (2014)*, vemos em Diego a cara do vale tudo pelo dinheiro e sucesso profissional. São duas visões de mundo que disputam a cidade. Este estudo em cruzamento com a arte produz diferenças em nosso pensamento acerca das cidades.

As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa. [...] As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem o outro bastam para sustentar suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos as suas 7

ou 70 maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas. (CALVINO, 2005, p.44)

As cidades não podem ser vistas apenas como mercadoria. A visão de mundo do personagem Diego, que representa os interesses da empresa, da construtora, não pode determinar os modos de vida na cidade. Porque tem Claras, porque tem andarilhos, porque tem pobres na cidade. Porque tem andarilhagens, porque tem gente que se organiza em movimentos como *Ame ciclo*, como *Somos_Todos_Muribeca*, como *Ocupe_Estelita*, e reivindica a cidade para bicicletas, a cidade para habitação popular, reivindica a cidade para fruição da vida. A vida real se dá nas ruas, nas praças, nas esquinas e nos cruzamentos da cidade. A vida no interior dos muros dos condomínios, nos playground's, das escolas particulares, nos shopping_centeres é uma vida falseada pois separa, limita, não permite encontros com as diferenças sobretudo as diferenças sociais e seus modos de vida. As diferenças políticas no sentido forte da palavra, aqui compreendida como criação, invenção de modos de vida alimentados na força da miséria e do sofrimento. Na força do desapego. Na força da andarilhagem.

As escolhas sobre o que fazer neste chão, como fazer neste chão, tais decisões e demarcações não podem ficar apenas ao sabor dos interesses econômicos e imobiliários. A configuração das cidades, a forma atual das cidades é o resultado do jogo das forças que a produzem. Como os espaços confinados na cidade podem ditar seu modo de vida? Um modo de vida condomínio? Um modo de vida determinado pelo Shopping Center, esse falso espaço público como vimos com o *Ocupe Estelita*? As cidades são obra aberta, as cidades são um organismo vivo como vemos em *Leonardo Boff* (2012) e *Yi-Fu Tuan* (2012). As cidades são inacabadas, estão vindo a ser outra coisa, estão em processo, em permanente construção. As cidades estão em obra.

Então, se os poderes locais ao planejar uma cidade e investir o dinheiro público nas grandes avenidas e ruas para circulação dos automóveis em alta velocidade, estão priorizando uma cidade para carros. Mas encontros a altas velocidades costumam ser violentos. Maus encontros. Se poderes locais priorizam outras modalidades de circulação como bicicletas, corridas, caminhadas, calçadões, os encontros acontecem na velocidade dos pés. Bons encontros requerem tempo. Andarilhos se encontram nas esquinas, nos cruzamentos, nas aberturas de caminhos possíveis. Assim, pensar a cidade significa necessariamente pensar também o sujeito. Sujeito e cidade, cidade e sujeito se implicam mutuamente.

Edifícios Aquarius **OU** Empresas? Claras **OU** Diegos?

A ocupação Brasília Teimosa **OU** o JCPM Trade Center?

Recife patrimônio histórico **OU** Torres Gêmeas

Estelitas **OU** Novo Recife?

Manguezais **OU** grandes avenidas para carros?

Moradias populares **OU** Projeto Novo Recife?

Bicicletas e pedestres **OU** engarrafamentos?

Encontros desacelerados **OU** colisões a alta velocidade?

Ameciclo, Somos Todos Muribeca, Ocupe Estelita **OU** Empresa e condomínio?

Palafitas e moradias populares **OU** shopping center? (foto 5). E a pretensão cínica de quem reivindica para si, para seu uso, para seus interesses, tanto o rio quanto o mar. O nome do shopping parece um ato falho do capital. Sim, porque no fundo, no fundo, o capital quer tudo para ele. Essa metáfora do Rio Mar parece bem apropriada.

Por que tanta oposição, tanto **OU** aquilo? Andarilhos preferem composição: isso **E** aquilo! Andarilhar é encontrar, é compor. Andar **E** encontrar, **E** deferir, **E** compor com o outro, **E** compor com a diferença, e diferir, **E, E, E, E...** cifra da nota Mi, sugestão de mim.

A andarilhagem produz andarilhos: espaços de **OU** não são bons para andarilhagem. Espaços de **OU** não recebem bem andarilhos. Andarilhar em espaços de **OU** é sentir na pele a crueldade com o ser esquivo, com o esquisito. Mas você não gosta de shopping?

Andarilhos sabem que, quando a disputa é muito pesada, quando os interesses em jogo são muito grandes, quando o dinheiro é muito, quando a vontade de dinheiro é muita, quando o poder é muito, quando a vontade de poder é muita, não tem espaço para **E**. É como tentamos representar com a foto 6: a presidenta Dilma Rousseff **OU** Michel Temer e o congresso nacional macho branco!

Mas a cidade não é apenas lugar de oposições e composições. A cidade é resultado de contradições.

Eixo 2 – olhares para Escola

Neste eixo vamos apresentar um pouco de nosso olhar para Escolas. As provocações vieram com a experiência das escolas ocupadas por estudantes, movimento conhecido como *Primavera Estudantil*, e nossa andarilhagem nas escolas públicas de tempo integral em várias redes estaduais de ensino. Para tanto, apresentamos o que conseguimos captar da realidade a partir de três documentários que apresentam as escolas ocupadas por dentro, do ponto de vista dos estudantes que ocupam e se ocupam das escolas.

Com o pensamento de Suely Rolnik, trabalharemos com as câmeras de filmagem que nos ajudam a captar as imagens visíveis, ao mesmo tempo que vamos acionando também aquilo que Rolnik chama de “fator de a(fe)tivação” (ROLNIK, 1992, p. 29) como o olho que nos ajuda a ver o invisível, a ler nas entrelinhas, despertando nosso corpo vibrátil. As ESQUINAS, TRAVESSAS, CRUZAMENTOS estão no texto como materialização das marcas desse movimento de estudo em nossos modos de ver e pensar. Ao final, apresentamos uma pequena síntese desse movimento de pensar a escola cidade de outra maneira.

Cena 1: Dois andarilhos na escola ocupada.

AÇÃO !!!

Escola Ocupada Estadual Moabe Cury, São José dos Campos (zona Sul), novembro de 2015. Cerca de 70 alunos/as lutam contra a reorganização promovida pelo governo estadual.

Na calçada: uma barraquinha, protegendo da chuva, algumas pessoas sentadas, conversando. Um jovem falando para uma mulher a respeito do sofrimento de trabalhadores/as terceirizados/as.

No portão da escola: um jovem, de cabelo moicano e a palavra “punk” tatuada nos dedos da mão. É de outra escola e apoia a ocupação integrando o comitê de segurança. Está dormindo na escola. A ocupação tem três dias. Ele disse que fizeram uma assembleia de manhã, a galera não sabia fazer assembleia, estão aprendendo aos poucos. Decidiram que é proibido andar de bike e fumar maconha dentro da escola. Quando dois adolescentes chegam de bicicleta, ele já avisa que não podem circular de bike dentro da escola. Diz que a escola está muito ruim, a quadra suja, que eles arrombaram o portão da quadra, mas que vão trabalhar na escola, pintar, grafitar, arrumar o banheiro. “A galera não tem noção de comum, então isto será aprendido nestes dias”, disse ele. Ainda no portão, um estudante no ensino superior representa uma organização de estudantes. Pergunta se representamos alguma organização. Ele é da comissão de informação.

Ainda no portão, vemos a chegada de um fotógrafo da imprensa local. Os dois jovens avaliam que ele é um cara interessante. Mas a comissão de informação é quem cuida disso. A presença do fotógrafo traz para nossa rápida conversa um episódio ocorrido recentemente: como o Vale (jornal local) e a TV Vanguarda (grupo Globo) divulgaram a ocupação, as diferenças entre o comportamento dos repórteres que estiveram na escola e o filtro na edição dessas questões, as vinculações políticas e os interesses, o jogo de forças que faz validar uma determinada informação ou uma determinada abordagem como verdade na construção das narrativas que interessem às empresas de comunicação. Entendem que os repórteres são trabalhadores, já o editorial da imprensa é outra coisa. Dizem que um fotógrafo ofereceu 4 cigarros para um menino fotografar a escola ocupada por dentro, passando a máquina fotográfica por cima do muro.

Decidimos andar pela escola. Quatro garotos jogam pingue pongue. Há uma faixa estendida no chão, um pouco dobrada pelo vento. Paramos para vê-la e um dos jovens a desenrola. Foi feita junto com o professor de grafite, que havia dormido lá. Tentamos puxar papo: “ficou da hora a faixa”. Parou nisso.

Vamos em direção ao pátio. Um cara diz que é professor em outra escola, mas veio apoiar. Está dormindo lá há dois dias. Conta que rolou grafite, yoga e cordel ao longo destes três dias. Vê um cara da UNE andando pela escola. “Quem é aquele cara?” Desconfia de todos que circulam por ali.

O som que emana no alto falante é Funk. Alto. Músicas sensualizadas. Meninas e meninos sentados. Cumprimentamos uma e outro. Pouco papo rola. Estão por ali, dormindo, acordando, se abraçando... Chegamos a uma parte onde parecem ficar os quartos. Vários caras na porta. No banheiro, vemos um chuveiro e uma placa: tomou banho, enxugou. Um garoto passa por nós.

- E aí? Você é aluno aqui? Está legal a ocupação?

- Sou. Tá da hora. Foda pra dormir.

- Ah! Você está dormindo aqui?

- É. Tá foda de dormir. Acordei agora. Dormi na diretoria. Já vou pra lá todo dia mesmo!

Seguimos em direção à quadra. Fomos tentando percursos até chegar a um portão pequeno, estreito, verde. Tão verde quanto o mato a sua volta. O mato estava alto, processo que evidentemente se estende por semanas. O portão estava fechado e faltando uma das placas de ferro. Soubemos que alguns alunos retiraram essa parte do portão para acessar a quadra. Foram reprimidos por essa atitude sob alegação de que estariam dando motivos do tipo destruindo a escola.

CORTA !!!

Sentimos uma espécie de esvaziamento de certos discursos em vigor até então a respeito da escola. O desinteresse dos jovens pela escola e pela educação, as ausências, a evasão física ou a evasão no espírito quando apenas o corpo se faz presente, o desinteresse de outras instituições em torno do escolar, famílias, vizinhos, integração com outras escolas e outros estudantes.

O que esses jovens estão nos dizendo sobre as escolas?

As escolas não estão vazias, elas estão OCUPADAS por corpos em movimento: limpeza, cuidado, segurança, comunicação, organização, movimento de estudos. Eles e elas estão lá, ocuparam várias escolas. Selecionamos três documentários que mostram as escolas ocupadas por meio das lentes de alunos e alunas: 1) *Escolas em Luta*, 2) *Lute como uma menina* e 3) *Acabou a paz*.

Em outubro de 2015, o governo do estado de São Paulo anunciou a decisão de fechar 94 escolas como parte do processo conhecido como *reorganização escolar*. Em entrevista para o jornal Bom Dia SP da rede Globo de televisão, o secretário de estado da educação anunciou: “no dia 14 de novembro, nós estamos chamando de o dia ‘E’, os pais e os alunos serão chamados na escola e serão informados a escola para onde seu filho estará indo.” A *reorganização* encontrou resistência e motivou os/as estudantes à manifestação.

➤ Documentário 1: *Escolas em luta*

Direção de Eduardo Consonni, Rodrigo Marques e Tiago Tambelli, lançado em setembro/2017. A sinopse apresenta o documentário:

No estado mais rico e um dos mais conservadores do Brasil, o *modus operandi* da educação pública sofre um revés quando estudantes secundaristas reagem ao decreto oficial que determina o fechamento de 94 escolas e a realocação dos alunos. A resposta estudantil surpreende. Em poucos dias, por meio de redes sociais e aplicativos, eles organizam uma reação em uma verdadeira Primavera Secundarista – algo completamente inédito. Ocupam 241 escolas e saem às ruas para protestar. O estado decreta guerra aos estudantes. Toda relação se transforma após uma revolução. ESCOLAS EM LUTA aprende e apreende com essa juventude um novo modo de construção e de estar no mundo.

Documentário 2: *Lute como uma menina!*

Dirigido por Beatriz Alonso e Flávio Colombini, lançado no Brasil em outubro/2016. Diz a sinopse:

O documentário conta a história das meninas que participaram do movimento secundarista que ocupou escolas e foi às ruas para lutar contra um projeto de reorganização escolar imposto pelo governador de São Paulo, que previa o fechamento de quase cem escolas. As meninas contam suas histórias enfrentando figuras de autoridade, desde a luta pela autogestão das escolas até a violência desenfreada da polícia militar. Uma importante reflexão sobre o feminismo, o atual modelo educacional, e o poder popular.

O filme foi produzido de forma independente pelos cineastas Flávio e Beatriz, que visitaram diversas escolas ocupadas em São Paulo e entrevistaram dezenas de meninas que participaram do movimento secundarista. Depois receberam o apoio de vários cinegrafistas e fotógrafos independentes que documentaram o início das ocupações e diversas manifestações de rua feitas pelas estudantes. Com imagens adicionais de Caio Castor e vários outros cinegrafistas e fotógrafos de rua.

Documentário 3: *ACABOU A PAZ, Isto aqui vai virar o Chile!*

Dirigido por Carlos Pronzato³³ e lançado em março de 2017. A sinopse apresenta o documentário:

A saga dos estudantes secundaristas de São Paulo por uma educação de qualidade. O levante do segundo semestre de 2015 contra o fechamento de 94 escolas, culminou na ocupação de mais de 200 que seriam afetadas pelas ações de precarização do ensino público engendradas pelo Governo de Geraldo Alckmin que vem perdendo apoio dia após dia. A coragem, a autonomia, a horizontalidade, a solidariedade demonstrada pelos secundaristas e o apoio popular presentes! Os gritos seguem ecoando na rua talvez anunciando uma profecia já concretizada: Acabou a paz, isto aqui vai virar o Chile!

Os três documentários são realistas e apresentam o movimento de ocupação das escolas em ato, o cotidiano e a realidade das escolas ocupadas. Apresentam as rotinas das escolas ocupadas. São cenas reais, intensas, fortes e até violentas quando a polícia entra na cena.

Andarilhagens: a dimensão da descoberta.

São muitas as descobertas do corpo discente no mergulho intensivo que realizaram no interior das escolas. Descobriram espaços, descobriram as cozinhas e os objetos de cozinha. Assim foi com o pequeno porquinho cozido no panelão da Escola Estadual Barão de Piracicaba. Na primeira metade da década de 1970, o pequenino era neto da vice diretora e filho da professora substituta³⁴. Não havendo substituição a cumprir, a mãe ajudava as merendeiras na cozinha. A escola era um ambiente bom, as amizades se expandiram: depois de aposentadas, as professoras continuaram se reunindo, se encontrando num coletivo chamado *As Baronesas*. O pequeno andarilho ficava por ali ajudando_atrapalhando_brincando com as merendeiras. Uma das brincadeiras era esconder o pequeno em caixas de papelão e nas imensas panelas: “porquinho no panelão”.

Estudantes parecem perceber que são gente, não são apenas um número na lista de chamada ou um nome na lista de matrícula. Tendo as câmeras como olho para o que está visível nas ocupações, observamos estudantes limpando escolas, pintando escolas, mantendo escolas limpas, cuidando das escolas. Mas não apenas da escola física, sobretudo da escola que é gente convivendo, gente cuidando, gente organizando, gente lendo, gente brincando, cantando, tocando, conversando. Gente criando as regras para o convívio, gente revendo essas regras, criando e recriando à medida que aplicam e sentem cada decisão tomada. Gente, portanto, avaliando no sentido de criar valores e ponderar, saber o peso e a leveza de suas decisões e ações.

³³ também dirigiu o documentário de 2007, *A rebelião dos pinguins*. Registro da luta dos estudantes secundaristas chilenos contra o sistema educacional. Em maio de 2006, o Chile presenciou o surgimento e o amadurecimento do movimento dos estudantes secundaristas, que configuraram um processo bastante original de luta, com mais de 1 milhão de estudantes mobilizados naquele país. Com protestos de rua e principalmente ocupações de colégios, exigindo não só melhoras na educação, mas também mudanças estruturais no país.

³⁴ Uma pessoa formada professora que ia pra uma escola, ficava lá e, se faltasse alguma professora, ela assumia aquela aula.

Vimos os documentários com duas sobrinhas, então com 13 e 15 anos de idade. Atento aos corpos, aos olhares, aos comentários, às perguntas que elas faziam neste encontro com o acontecimento ocupação de escola. Pensando com Paulo Freire, parece que estudantes ocupam escolas movidos por curiosidade de um lado e compromisso político de outro. Cansados de esperar que a palavra fosse liberada pelos representantes formais da escola, por gestores (essa nomenclatura meio corrupta) e em certa medida por professores, estudantes tomaram para si a palavra (RANCIÈRE, 2021) na mesma medida em que ocuparam as escolas. Talvez esse exercício de liberação da palavra por meio das redes sociais e da internet, ambientes por onde o movimento estudantil organizou e sustentou as ocupações, mas a tomada da palavra também aconteceu porque os estudos, o pensamento, a experiência, as expectativas e objetivos do movimento foram dados a público diretamente pelos/as estudantes. Ou seja, fez-se ouvir durante a ocupação das escolas uma voz que certamente pouco tem sido ouvida. O movimento estudantil produziu uma cena que ampliou sua voz e partilhou as palavras entre eles e elas, dentro das escolas e com a cidade.

Trânsito proibido: grades não agradam

No documentário *Escolas em Luta* a presença de grades, muitas grades. Na verdade, fazem vibrar as marcas de uma vida passada dentro de escolas estaduais, especialmente no ensino médio. Entramos na primeira escola muito antes da nossa primeira matrícula, passamos por muitas escolas de diversos níveis como estudante, professor, pesquisador e ainda estamos numa escola. São grades nas janelas, grades nas portas, grades no atendimento da secretaria da escola, enfim, grades que não agradam. Não há uma regra, mas parece que a regra é haver grades. Não estamos dizendo que todas as escolas estão enjauladas, que todas as escolas “protegem” com as grades algumas pessoas da agressão e da violência de outras. Estamos dizendo apenas do incômodo com essa imagem. Queremos pensar um pouco nas grades como imagem de separação, da segregação, uma violência para proteger da suposta violência. Em que medida as grades enquanto símbolo de separação impactam o processo educacional e a produção de subjetividades? O estranhamento dos muros dos condomínios e das grades nas escolas.

Cenas 1: na Escola Fernão Dias (Pinheiros, SP)

AÇÃO !!!

Dentro da escola, estudantes. Fora da escola, policiais prontos para invadir. Ao entregar a ordem de desocupação, oficiais de justiça propõem diálogo. A decisão da assembleia de estudantes diz assim:

Começamos a nos organizar a partir da proposta da Reorganização da rede estadual de ensino. Desde 6 de outubro estamos realizando manifestações que buscaram dialogar (...) mas não fomos ouvidos. A Ocupação potencializa a voz dos estudantes pois, sendo nós reorganizados, precisamos ser ouvidos. (...) Contra a reorganização! Vamos ocupar as escolas por mais educação. E gritam: O Estado veio quente, Nós já está fervendo (...) O Fernão é escola de luta, Diadema e o Ana Rosa é escola de luta. Fica preparado que se fechar nós ocupa. (transcrição do autor)

ESQUINA: as grades curriculares fecham as experiências na escola? Ocupar a escola como maneira de disputar a existência de outros mundos possíveis?

Faixas e cartazes comunicam o pensamento de alunos e alunas na luta. Se não bastassem as inúmeras grades, outros dispositivos tecnológicos para garantir a tão sonhada e desejada segurança, mas também de controle: alarmes, câmeras e vigilância. Então, estudantes interrompem os corredores com cadeiras e carteiras.

Cena 2: Escola e prisão

AÇÃO !!!

Estudantes comparam escola e prisão. No corredor, um grupo de jovens conversa:

- Tem uma grade para subir a escada e outra grade no segundo andar. Tem um monte de fechaduras e mais grades. Tem grade na porta das salas (de aula). Pra chegar no pátio tem duas grades.
- É tudo lacrado, tudo separado. O conceito é que nós somos marginais.
- A escola deve ser o lugar de formar cidadãos, para tirar as pessoas da marginalidade. Mas ela aumenta a segregação.
- Tem horário para o banho de sol. Cumprimos um regime semiaberto: de casa para a escola.

A paisagem vista da janela é verde das árvores e azul do céu. Tudo quadriculado pelas grades. Mas a ocupação é também, e sobretudo, descoberta.

Cena 3: tirando a cobertura da escola.

AÇÃO (o ato em si)

Um menino filma uma menina numa espécie de apresentação da escola, cômodo por cômodo. São materiais esportivos, material de química, jogos, livros. Ela diz:

- Tudo que falavam que não tinha, tem. Tem até ventiladores.

Cena 4: cuidando da escola

AÇÃO !!!

Meninos e meninas limpando a escola, pintando a escola, cuidando da escola.

- É muito cansativo porque nós temos que fazer tudo na escola, disse Vitória.

Durante a ocupação estão registradas muitas cenas de meninos e meninas faxinando a escola, limpando os banheiros, a cozinha. Cozinhando as refeições consumidas na ocupação, lavando a louça e etc. Aparentemente a escola está bem cuidada. Estudantes se mostram envolvidos nesse trabalho de cuidar da escola e falam desse esforço com convicção.

ESQUINA: uma andarilha acostumada a escolas, provoca: “Talvez, cuidar da escola seja também cuidar da própria vida e sua relação consigo e com a cidade”. Trazido na banca de qualificação, esse cruzamento nos coloca a pensar que as ocupações foram, em alguma medida, produtoras de sentido para a escola e para o processo educacional. Ocupando, meninos e meninas puderam experimentar um sentido outro em ser estudante e, a partir do momento que decidem que sua luta deve ir para as ruas, produzem um sentido outro para ser e estar na cidade.

E as falas nesses momentos de cuidado com a escola apontam também para um encontro:

- Na ocupação é que nós conhecemos os/as colegas.
- Sempre é: entrar na escola, vai pro pátio. Entra na sala, sai da sala, sai da escola e vai pra casa. Ocupar é descobrir a escola, conhecer a escola. A escola nos pertence. Estamos amando a escola.

TRAVESSA. A andarilha acostumada com escolas continua: “Talvez porque a escola se tornou uma outra coisa... rssss”. Pois é, andarilha, a escola se tornou uma outra escola, pelo menos durante as ocupações. E isso é, certamente, uma ruptura. A Escola não será como antes das ocupações.

Piano na escola

Na Escola Estadual Maria José, um menino toca piano lindamente, meninos e meninas dançam. Toca, canta e dança o corpo discente.

Cena 5: cinema na escola

AÇÃO !!!

Tem sessão de cinema. Num *frame* percebemos a exibição de um vídeo chamado Pena³⁵, produzido pelo grupo Porta dos Fundos e seu humor cortante e inteligente. Um juiz loiro, branco e extremamente parcial no momento da sentença, absolve políticos criminosos e condena pobres negros injustamente. O vídeo é de setembro/2015 e contabiliza mais de 10 milhões de exibições. Depois da exibição dos filmes acontecem rodas de conversa sobre minorias, resistência, do movimento em si e suas implicações com os interesses de quem está na escola. Tem análise do já feito e tem organização para

³⁵ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NdIqyc-jSSs>> Acesso em fevereiro de 2021.

os próximos passos. Tem voz de aluno porque, segundo eles, a escola agora não é do diretor. É possível mudar o sistema de ensino porque tem outras formas possíveis de funcionar:

- A escola que eu quero é uma escola livre onde todo mundo possa ser igual e diferente ao mesmo tempo. A escola tem que ser o que o aluno se propõe a fazer. As escolas não podem ser todas iguais (em seu funcionamento), afirma uma aluna.

➤ Documentário 2: Lute como uma menina!

Este documentário conta a história das ocupações, as relações dentro da ocupação, as relações da ocupação com a cidade. O documentário também acontece em ato, ou seja, as filmagens estão dentro da ação em si, na rua, nas manifestações, nos enfrentamentos com o poder constituído. São chocantes as cenas de violência policial no enfrentamento de corpos armados pela força do estado contra corpos discentes. As vozes das meninas apontam para uma compreensão da reorganização: a transferência no sentido de retirar a escolha das estudantes. Percebem que se trata de “corte de gastos”, ou seja, uma medida na lógica da gestão travestida de mudança pedagógica. Entendem que se trata do sucateamento da educação pública.

O caderno Cotidiano na Folha de São Paulo de 7 de outubro de 2015 apresenta a seguinte manchete: “Projeto de mudança nas escolas estaduais leva estudantes às ruas”. E acrescenta: Manifestações se espalham pelo Estado de São Paulo desde a semana passada após boatos de fechamento de colégios.

Para Luana Nardi (15 anos), aluna da Escola Estadual Fernão Dias, “na ocupação, começamos a discutir direita e esquerda, os partidos, as quantidades”. Estudantes gritam: “Sem liderança”. Interessante pensar esse ponto: dentro da escola, meninos e meninas estudam os partidos políticos, a ocupação dos espaços institucionais e a representação política definida por meio das eleições democráticas, mas na rua, em ato, o movimento nega essa representação reivindicando a ação para si. São acontecimentos pois parecem produzir relações outras, relações intersubjetivas e relações outras com a cidade.

As meninas afirmam que tentaram o diálogo como Estado de várias formas.

- Começamos a fazer reuniões para ver quais seriam os próximos passos, o que a gente podia fazer para ser ouvidos. A gente chegou à conclusão que ocupar seria a melhor solução, afirma Othilia Balades (18 anos) da EE Fernão Dias. Com um pequeno sorriso malandro no seu rosto.

- A gente viu uma cartilha do *Mal Educado* dizendo sobre a ocupação que teve no Chile e a gente pensou: pô cara, e se a gente tentar fazer isso? conta Beatriz Gonçalves (15 anos) da EE Diadema.

ESQUINA. A grade curricular está aparecendo. Uma concepção de pesquisa também. A ocupação da escola parece também ocupar meninos e meninas. Ocupados, comprometidos, precisam encontrar solução para os problemas e para as questões que vão se apresentando. No caso das ocupações, elas não estavam presas nas grades de nenhum projeto, de nenhuma ideia concebida anteriormente. Pelo contrário. A ocupação se dá no ato mesmo de ocupar: se ocupa ocupando. Escolas ocupadas, corpos ocupados, pensamento em movimento. Aqui pensamos as ocupações como uma espécie de descolonização da escola e do pensamento, como des_subjetivação e as aberturas para a criação de um outro modo, um outro jeito de ser aluno e aluna numa escola pública.

- Subi no banco para comunicar todo mundo que estávamos ocupando a escola. Meu, foi uma resposta, nossa... eu choro quando conto isso. Aí vem 400 alunos neste refeitório. O sinal bateu mas ninguém subiu para as salas, então chega a direção também. Ela chegou e viu a escada já cheia de mochila, faixa porque os alunos já vieram prontos. Então eu falei que nós, alunos do período noturno e outros períodos estamos unificando as nossas ideias e se juntando para ocupar a EE Diadema. Algumas pessoas perguntaram: o que é ocupar um prédio? E eu falei: nós vamos dormir na escola e nós vamos acampar dentro do prédio da EE Diadema até o governo Alckmim recuar. Aí ela disse: para de agonizar, você acha que o governo vai lembrar que você existe? Os alunos gritaram: “aqui eu tô, aqui eu vou ficar”. Ela ligou pros meus pais: “olha, sua filha está aqui quebrando a escola”. E meu pai: “eu autorizei”. Ainda segundo Rafaela Coani (16 anos), a organização da ocupação já havia redigido um documento em que os/as responsáveis autorizavam filhos e filhas a permanecer na escola além do horário das aulas incluindo o período da noite. As ocupações contaram com apoio da comunidade.

As ocupações se organizaram em comissões: comissão de segurança, comissão de alimentação, comissão de comunicação, comissão de limpeza. Nos primeiros dias, a direção entrava na EE Diadema ocupada e as aulas regulares permaneceram por alguns dias, tempo suficiente para as comissões ampliassem seu diálogo com estudantes de outros períodos. Até que o portão foi fechado e o acesso à escola ocupada passou a ser permitido (ou não) pela assembleia, e o portão controlado pela comissão de segurança: somente alunos entravam na escola.

- A diretora pulou o portão, entrou na escola, ligou para a secretaria de ensino e falou que estudantes estavam mantendo-a em cárcere privado. Falou que se tratava de um sequestro. Nós abrimos o portão e ela não quis sair. Nos acusou de muita coisa, disse que iria nos processar, que os pais responderiam, que ela não iria deixar barato, afirma Evellyn Dias (17).

A ocupação da Escola Fernão Dias seguiu basicamente os mesmos passos. A caseira ameaçou chamar a polícia. Disse a diretora da escola aos estudantes: “Eu acho que todo o movimento no Brasil se perde justamente por causa de pessoas desinformadas como vocês”. À polícia, estudantes cantam:

O ESTADO VEIO QUENTE, NÓS JÁ TÁ FERVENDO / QUER DESAFIAR, NÃO TÔ ENTENDENDO / MEXEU COM ESTUDANTES VOCÊS VÃO SAIR PERDENDO.

De fato, o Estado mostra sua face dura e a relação deixa de ser escolar, ou melhor, a violência ganha outra faceta com a chegada da polícia militar. A PM chegou com ônibus e “convidou” os estudantes

que ocuparam a EE Fernão Dias para seguirem pacificamente até a delegacia. – “NÃO! se o governo quisesse melhorar a educação, não fecharia escolas. Nós que sofremos com a precarização do ensino, não fomos consultados sobre a reorganização. Vamos ocupar as escolas por mais educação. Ontem, na escola estadual Diadema os alunos ocuparam. Não começou no Diadema e não vai terminar no Fernão”. O discurso-manifesto acaba em festa: Pula e sai do chão quem defende a educação.

Relações entre Escola ocupada e Cidade

Os apoios foram chegando, apoio político, alimentos, produtos de limpeza, material de manutenção. As ameaças também chegaram por telefone. Na EE Ana Rosa o início da ocupação aconteceu entre trancamentos, força policial, chuva e insistência. Na EE Firmino de Proença o alarme tocou por conta da ocupação, a PM chegou rapidamente.

- Cerca de 8 viaturas e 40 policiais, arrebentaram o cadeado e entraram. Um policial apontando a arma na nossa cara, dois policiais me pegaram pelos braços. Das 8h30 até 11h30 na DP (delegacia de polícia), Inaê Lima (16 anos) fala ainda do sentimento de euforia e alegria quando entraram na escola dando início à ocupação, e do medo que se seguiu com a chegada da PM. Tudo isso dentro de uma Escola: os sentidos da educação. Na delegacia, “o sentimento era de frustração, de decepção, até que chega a notícia: o Firmino foi ocupado pelos demais estudantes em solidariedade aos que estavam presos”, acrescenta. Interessante perceber a fisionomia, o rosto das estudantes durante essas falas. Os olhos revelam as inúmeras emoções e a vibração das marcas subjetivas que ocupam seus corpos.

A ocupação da EE João XXII começou com a reunião de 3 pessoas. Depois 14 estudantes. Segundo Renata Letícia (21 anos), a direção da escola procurou as ‘bocas do tráfico’ alegando que a ocupação traria muita polícia para o bairro, numa tentativa de jogar a comunidade contra o movimento. Em 26/11/2015 o portal G1 publicou: 191 escolas ocupadas em protesto contra a reorganização.

- Quando eu vi aquilo, comecei a chorar. Por que esconderam isso de mim se é meu?... nunca vi papel higiênico no banheiro, eles usam só no banheiro dos professores. É constrangedor ter que pedir papel higiênico e receber um pedacinho para usar no banheiro, afirma Sarah Luna (17 anos) da EE Anhanguera. “Achamos caderno, lápis, caneta, cola, durex, tesoura, régua, bola, violão, que eles diziam que a escola não tinha”.

Na EE Firmino (onde estudou José Serra), descobriram ar condicionado e, durante a ocupação os espaços foram utilizados para aula de samba por exemplo. A maquete da cidade de Diadema, feita na disciplina de Geografia e premiada na USP, estava escondida numa sala onde os as estudantes não tinham acesso. Material de química, instrumentos musicais e etc.

A reintegração de posse

Palavras de Fernando Padula Novaes, chefe de gabinete do secretário de estado da educação de SP:

- É ação política, nós vamos brigar até o fim e vamos ganhar, e vamos desmoralizar e desqualificar o movimento. Na guerra de guerrilha a gente tem que pegar os instrumentos para também guerrear.

A autoridade governamental responde por meio de duas secretarias: 1) educação e 2) segurança pública. As direções de escola e a polícia militar vão construindo uma cumplicidade violenta. Desmoralizar e desqualificar compreendem muitos significados, na prática a opressão violenta se instala. É a pedagogia da porrada: tapas, empurrões, bomba de gás e de efeito moral. Diretores assistem às cenas. Jovens respondem com gritos e resistem sentados no chão do pátio.

Ocupação é política

Em assembleia, estudantes organizam a ocupação em comissões, listam as tarefas necessárias à vida na escola e compõem as equipes. Nada de meninas na cozinha e meninos na segurança, quando as rodas de conversa e debates a respeito da igualdade de gênero acontecem não no sentido da lição, da moral ou no limite da expulsão da ocupação, mas no sentido da desconstrução de alguns discursos e formas de pensar. Aconteceram oficinas a partir de perguntas: o que é ocupar? O que é uma ocupação? O que é o seu corpo ocupando um lugar no espaço? As opressões na escola foram debatidas entre estudantes e também com convidados/as. As escolas estão organizadas a partir das necessidades da ocupação, um currículo se constrói naturalmente:

- Estamos aqui numa energia boa, uma energia do bem, de amor mesmo. Diz uma jovem_ocupada.

A escola do sonho

É possível perceber o desejo de uma escola. Nas falas das meninas, a escola do sonho é:

- Sonho com uma Escola colorida, cheia de grafite onde os alunos possam sentar em roda ou do jeito que eles quiserem, do jeito que eles aprenderem melhor.

- Sonho com uma escola onde as salas de aula sejam menos lotadas, onde as meninas possam ir vestidas como elas quiserem.

- Sonho com uma escola que fale da cultura negra porque eu só ouço falar dos portugueses.

- Sonho com uma escola sem grades e portões. Uma escola com árvore, com área verde para plantar.

- Sonho com uma escola livre e que funcione no esquema de assembleias de estudantes. Um ensino sem cabresto. Que os alunos problema sejam entendidos como aqueles que não se adaptam a essa lógica da escola funcionando como uma empresa.

ESQUINA: A empresa discutida no eixo Cidade, a empresa que faz da cidade um grande negócio, faz da moradia mercadoria, da saúde mercadoria, uma lógica de empresariamento da vida (Ambrósio, 2018), uma lógica que torna a vida de Clara praticamente impossível como se ela não pudesse viver à

sua maneira porque o 'negócio é excelente'. Uma espécie de colonização do território do pensamento também na escola visto que aparece na fala das alunas. O andarilho diria: um modo de vida shopping center.

➤ Documentário 3: ACABOU A PAZ, Isto aqui vai virar o Chile!

Folha de São Paulo de 19/11/2015, caderno de política: "Alckmin reduz orçamento da Educação em R\$ 2 bilhões". Políticas educacionais e a agenda econômica neoliberal.

Na EE Alberto Comte, Manuela encontra livros guardados na escola e pensa na biblioteca: por que não oferecer os livros para a vizinhança da escola? Ela entende que aprendeu mais durante a ocupação do que em toda sua vida estudantil. Na EE Joaquim Adolfo, Natália fala da dificuldade em conciliar trabalho e estudo e de seu gosto pela escola. No documentário, as falas de estudantes e professores demonstram que os vínculos estabelecidos entre estudantes e escola são multidimensionais. Afinal, por que os/as estudantes querem tanto ficar na escola agora? Viviane D'Almeida, que participa do comitê de mães e pais em luta, responde: "Antes das ocupações, a escola que evadiu". Interessante pensar a evasão escolar nesta perspectiva. A evasão é escolar: quando obriga, o_briga, a escola evade, esvazia os sentidos, fica vazia de sentido.

Cenas: Ocupando a cidade



Foto 7. A aula é nas ruas de SP.



Foto 8. Movimento tomando as ruas da cidade.

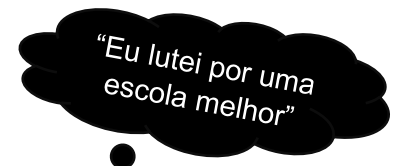
A organização das ocupações se mostra horizontal com a prática da realização de assembleias. Já o movimento se organizava em assembleias do comando das escolas ocupadas. Aconteceu uma assembleia a partir de uma pergunta: como seria ocupar uma escola aqui no Brasil? Apresentamos a seguir, duas respostas que nos ajudam a pensar na dimensão acontecimental:

- A gente só vai saber o que é ocupar uma escola quando a gente ocupar.

- Nós ocupamos a escola no dia do SARESP. Vamos impedir o SARESP para (nossa ação) ganhar algum efeito. Nesta cena aparece um jovem negro deitado no chão lendo o livro: *Ocupe sua mente*.

Frei Agostinho passou a tarde com os estudantes, cozinhou, esteve linha de frente nas ruas com os/as estudantes. O coletivo Mal Educado contribuiu muito com a elaboração do panfleto *Como ocupar uma escola*. E o apoio foi aumentando com a adesão de outros movimentos populares como a Frente Povo sem Medo. Foram peças de teatro, shows, aulas, cursos oferecidos pela comunidade. “Escola é além da sala de aula, educação também é cultura. Essa comunidade percebe que a escola foi apropriada por estudantes, que houve um empoderamento, que os estudantes se descobriram ao ocuparem as escolas,” disse uma aluna. As ocupações foram em si um processo educacional. As falas a seguir dão a dimensão do que ficou ou, dito de outra maneira, de uma pedagogia da ocupação:

- Aprendi mais nas aulas da rua sobre a política atual;
- Entendi sobre a política na ocupação;
- Estou vendo o mundo de um jeito diferente;
- Cresci como pessoa, aprendi a trabalhar em grupo e a respeitar as diferenças;
- Nós temos força para lutar, enfrentamos o Estado, tá ligado?



Educação e subjetividade.

Gert Biesta (2017) nos convida a pensar a educação e a produção do humano. Um humano dado, ser humano preconcebido, e a educação como o processo de produção deste ser, uma pessoa racional, um indivíduo autônomo, um cidadão democrático, ou seja, a educação como preparação do sujeito para vida na sociedade. Mas podemos superar os fundamentos humanistas pressupostos na educação moderna? Essa nossa andarilhagem por dentro das escolas ocupadas no Brasil nos coloca a pensar a educação a partir de uma humanidade aberta, um fazer educacional onde a humanidade do ser humano pode se produzir no processo educacional.

Ser humano como uma questão radicalmente aberta só pode ser respondida participando na educação. Não se trata, portanto, de responder a uma questão cuja resposta esteja dada de antemão. Estamos pensando aqui numa espécie de reinvenção do humanismo compreendendo re-invenção como processualidade, como trabalho permanente de fazer e refazer, fazenda e re-fazenda³⁶, não de ser aquilo que já está definido caminhando na direção de um acerto, mas do ser_ sendo.

³⁶ Expressão de Gilberto Gil na canção Re-Fazenda.

ESQUINA em D (RÉ maior)³⁷: Quanto mais purpurina, melhor!!!

Gilberto Gil é um antropófago. Exilado pela ditadura militar em Londres por conta do movimento tropicalista, ele imediatamente se mistura, mergulha na cena cultural da capital britânica com os movimentos, com os personagens e artistas do Blues, do Jazz, do Rock. O próprio Gil conta que viu os primeiros trabalhos de *David Bowie*, os grandes festivais de música, *Miles Davis*, que viu a última aparição de *Jimmy Hendrix* em 16/ago/1970 no Isle of Wight Festival, que mergulhou de fato na cena artístico-cultural. De volta ao Brasil em 1972, essa mistura ainda incipiente no Tropicalismo re_surge com toda a força de uma mistura. Gil produz a Trilogia em RE com os discos *Refazenda* (1975), *Refavela* (1977) e *Realce* (1979).

Refazenda é olhar para o interior, interior de Gil e mesmo do interior do Brasil. Para Gil, são suas origens na caatinga na Bahia, a vida catingueira, no universo musical de *Luiz Gonzaga* e etc. Em *Refazenda* há uma vontade de retomar o tropicalismo interrompido e contribuir com as novidades todas vividas em Londres para renovar o movimento. Neste álbum está a primeira versão de *Pai e Mãe*, presente no longa-metragem *Aquarius* e já citada neste texto_tese.

Refazenda é uma re_entrada, re_tomada, re_constituição, re_produção. Re no sentido de re-stauração, re_novação, no sentido de transformação mas também no sentido de recuo. Uma marcha à ré para revisitar etapas anteriores da formação musical. (GIL, Gilberto. Transcrição do autor)

Nos anos 70 Gil vai para a Nigéria participar de um encontro de cultura Negra.

Então nasce Refavela como um manifesto do aspecto ré da favela, o re_favelar, esses grandes aglomerados urbanos especialmente das metrópoles tropicais onde os descendentes africanos são recambiados das favelas para esses novos conjuntos habitacionais, o BNH e o início dos projetos de habitação popular no Brasil. Mas também uma lembrança da 'vila olímpica' onde nós ficamos no festival, que havia sido construída em Lagos/Nigéria, um grande conjunto habitacional de apartamentos que abrigou as mais de 50 mil pessoas de vários países da África e da diáspora que foram para o festival. (...) Essa viagem me deu a consciência plena da afrodescendência de que eu sou, e que nós brasileiros somos descendentes africanos. Mas, a minha família havia sido programada para viver o branqueamento, para disfarçar, para esconder os elementos negros, para seguir a digamos norma social, ascender socialmente a partir do branqueamento. Como se o mulato, não sendo propriamente negro, pode reivindicar sua porção branca. Por questões culturais (...) a família da minha mãe e do meu pai seguia essa trilha do branqueamento (...) Durante anos eu passei em frente a uma casa com uma bandeira branca, uma casa de santo do candomblé, e eu nunca me interessei por isso. Eu me interessei profundamente pela questão negra na volta de Londres e (no retorno do festival em Lagos) com Refavela. (idem)

Com *Re_fazenda* a equipe viajava pelo Brasil tocando as canções. Um caminhão com equipamentos e uma *Veraneio*³⁸ com os músicos. Com *Re_favela* a estrutura melhorou: um ônibus carregava tudo, músicos e equipamentos. A andarilhagem permitiu muitas composições, dentre elas, *Lamento Sertanejo* de *Gilberto Gil* e *Dominguinhos*, parceiro e motorista de veraneio. Permitiu também o nascimento do primeiro grande sucesso nacional de Gil: *Não Chore Mais*.

³⁷ Com base no programa O Som do Vinil, transmitido pelo Canal Brasil. Programa número 100. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=K3d_9TkZkcU> Acesso em jan/2022

³⁸ Carro da Chevrolet fabricado desde 1964 com capacidade de levar até 9 pessoas e amplo espaço para carga.

Fechando a trilogia, nasce *Realce*. Numa estrada, Gil rabisca *Realce*. O manifesto do disco diz assim:

Realce, uma maneira de dizer a luz geral. Denominar o brilho anônimo, como um salário mínimo de cintilância a que todos tivessem direito. *Realce* trata da visibilidade que as grandes populações urbanas têm (...) um salário mínimo nos trajetos da casa e o metrô, entre o metrô e o trabalho, do trabalho e o cinema. *Realce* era para dar conta da dimensão cultural, do entretenimento, das subjetividades em ebulição nas ruas, nos lugares, coletivos, multidões, mas indivíduos. (idem)

O artista_compositor_antropófago resume a trilogia *Refazenda*, *Refavela* e *Realce*, assim: “Eles me deram o assentamento definitivo nos gêneros que mais significam elementos básicos da minha formação musical. Esses três discos são a versão amadurecida do meu compromisso com a infância, a adolescência e a vida adulta pós exílio”. (idem)

Realce, quanto mais purpurina, melhor!!!

Biesta sugere, logo de início, que a tarefa e a finalidade da educação não precisam apenas ser compreendidas como disciplina, como socialização ou treinamento moral, como inserção e adaptação, mas voltada também para o cultivo da pessoa humana, da humanidade no sentido filosófico. Cultivo aqui quase que, na nossa leitura, compreendido como cultura, como cuidado, como o cuidado da semente e da terra no ato mesmo da plantação, da germinação, da brotação, da floração, do fruto e da colheita. Com Emmanuel Levinas, afirma que o humanismo não é suficientemente humano. Com Martin Heidegger afirma que o humanismo deve ser combatido por não colocar a *humanitas* do homem num patamar suficientemente alto. Tais afirmações consideram as atrocidades praticadas no século XX como o holocausto, os genocídios no Camboja, Ruanda e Bósnia que estavam baseadas numa compreensão do que conta como humano e, pior, de quem conta como humano. Do fascismo, das guerras mundiais, dos bombardeios atômicos e outros. Podemos acrescentar colonização das terras brasileiras, o genocídio dos povos ameríndios e africanos, a escravidão. “O problema com o humanismo é, portanto, que ele propõe uma norma de humanidade, uma norma do que significa ser humano e, ao fazê-lo, exclui aqueles que não vivem ou não são capazes de viverem de acordo com essa norma” (BIESTA, 2017, p. 22). Do ponto de vista educacional,

O problema com o humanismo é que ele especifica uma norma do que significa ser humano *antes* da real manifestação de “exemplos” de humanidade. O humanismo especifica o que a criança, o estudante ou o “recém chegado” deve se tornar antes de lhes dar a oportunidade de mostrar quem eles são e quem eles desejam ser. O humanismo parece assim incapaz de estar aberto para a possibilidade de que os recém-chegados possam alterar radicalmente nossa compreensão do que significa ser humano. (BIESTA, 2017, p. 22)

Olhar as ocupações nessa perspectiva acontecimental nos coloca a pensar a escola não meramente como o lugar da aprendizagem, aqui compreendida como a inserção em uma norma vigente e na (re)produção de uma norma de humanidade anteriormente definida. Queremos colocar nossa atenção

na relação entre escola e cidade, a cidade como expressão da obra aberta, sempre inacabada, resultante da força de construir, de edificar, de homens e mulheres cooperando num trabalho material e cotidiano. Ao mesmo tempo que a cidade é apropriada ou desapropriada, é utilizada como chão para fruição da vida, utilizada como território material da sobrevivência. Neste sentido, a escola não pode estar fechada em si, ela precisa estar aberta, ir ao encontro da cidade na mesma medida em que a cidade segue ao encontro da escola. O encontro aqui compreendido como encontro de mundos que se atravessam, que se modificam, que se complementam, que se constroem na relação. Um andarilho não sabe de antemão para onde vai tampouco lhe interessa muito o ponto de chegada. Ao andarilho interessa a andarilhagem, nela está o movimento, nos cruzamentos e encruzilhadas, nas derivas, nos encontros e nos acontecimentos. Uma escola para além das grades, dos muros e, sobretudo, para além da aprendizagem. Tendo o humanismo discutido acima, ou melhor, a reinvenção do humanismo como pano de fundo, cabe à escola trabalhar com a razão humana e não com o pensamento mágico ou à espera de um milagre. Cabe à escola conduzir estudantes no exercício da ação.

Seres humanos (não o Homem ou um Homem determinado) vivem na terra e habitam o mundo de pluralidade, diversidade e diferença. Como a política responde ao fato da pluralidade? Para Biesta, a filosofia política liberal constitui uma comunidade política onde pluralidade e diferença aparecem como obstáculo a ser superado. Assim, uma certa ordem, uma certa norma, uma subjetividade deve ser produzida, e isso define que a finalidade da educação escolar como a produção de uma subjetividade determinada. Quem não se encaixa nesse modelo (de sujeito e de sociedade), nesta norma, tende a ser excluído ou violentado em seu modo de vida. Há, por assim dizer, um modo de vida onde todos devemos nos adaptar, nos encaixar.

Vida Ativa

Vamos olhar um pouco para o conceito de vida ativa como a vida da práxis em oposição a vida da contemplação. Vida ativa reúne o *labor*, o *trabalho* e a *ação*. Com *Hannah Arendt* compreendemos:

1. *Labor* como a atividade biológica do corpo humano para sustentação da vida. A repetição sem fim, comer para laborar e laborar para comer. “A condição humana do labor e, portanto, a própria vida” (BIESTA, 2017 p. 110). Diz respeito à interação de seres humanos como o mundo material;
2. *Trabalho* como a atividade que cria um mundo artificial, cria as coisas, que não é da naturalidade mas da inaturalidade da existência humana. Trata-se do fazer, dos instrumentos e, portanto, determinado pelas categorias de meio e de fim. Produz um mundo de objetos duráveis e permanentes, tem objetividade. Da mundanidade, diz respeito à interação de seres humanos com o mundo material;

Trabalho e labor colocam seres humanos em relação com as coisas.

3. *Ação* coloca seres humanos em relação com seres humanos diretamente. Agir compreendido como tomar iniciativa, como iniciar, como dar início a. Humanos são, portanto, iniciadores, natalícios. Neste ponto, tivemos contato com a ideia da natalidade: “a ação como um início corresponde ao fato do nascimento, já que a cada nascimento algo “unicamente novo” vem ao mundo. A ação é a realização da condição humana da natalidade”. (idem, p. 111)

Com Biesta e Arendt podemos considerar a condição humana da pluralidade enquanto natalidade. Todo homem e toda mulher são início e iniciador/a, neste aspecto somos todos capazes de tomar iniciativa e, agindo, iniciar um inédito, algo novo no mundo. Natalidade no sentido da irrupção de uma novidade. Nesta perspectiva, os depoimentos acima retirados de documentários realistas no interior das escolas ocupadas apresentam alunos e alunas como iniciadores/as: Algo novo, inesperado foi dado ao mundo. É na ação que a unicidade do ser humano se revela. Em atos e palavras se revela não se sabe exatamente o que. Tal revelação singular acontece num ambiente onde outros, igualmente iniciadores, também agem. Biesta cita Arendt: “o agente que é revelado no ato não é, portanto, um autor ou um produtor, mas um sujeito no duplo sentido da palavra, a saber, alguém que iniciou uma ação e alguém que sofre suas consequências” (in BIESTA, 2017 p. 113). Este é, para Hannah Arendt, o “risco da revelação”. Nas escolas ocupadas, as ações traziam consequências que, via de regra, agradavam setores e desagradavam outros. Ação é impossível no isolamento, portanto essa condição de ser com outros é difícil, claro que é, mas é também o que torna a ação no mundo possível. Compreendemos que ser é, então, ser com outros. Uma vida ativa é ser com outros e outras.

Pluralidade e ação.

Com Biesta e Arendt, compreendemos aqui a liberdade de trazer à vida algo que ainda não existia, ou seja, necessariamente um fenômeno público, portanto, político. A liberdade na ação exige o espaço público em que homens e mulheres ajam, nem antes e nem depois. Um exemplo pode nos ajudar: as artes performáticas. A performance existe em si, em ato e no espaço público, a obra performática é a própria performance.

TRAVESSA. A banca de qualificação abriu perspectivas para pensar a pluralidade performática do gesto problematizador e crítico. Nele podemos ir ao limite de nós mesmos abrindo para o devir, poder ser outro, pensar e sentir diferentemente do que se pensava e sentia anteriormente. Retornaremos, quando possível, a Michel Foucault para re_pensar a performance.

Estamos pensando a arte performática como obra que não se materializa num produto mas no atravessamento promovido pelo agir artístico no público. Assim, agir e ser livre são a mesma coisa, o espaço da liberdade, onde a liberdade pode aparecer, onde novos inícios podem vir ao mundo, um espaço onde sujeitos tornam-se presença é um espaço extremamente frágil.

A liberdade só existe *em* ação, o que, por definição, é ação-com-outros. Não podemos ser livres se estamos sós e isolados; só podemos ser livres quando agimos. Isso também significa que só podemos ser livres num espaço mundano, um espaço de pluralidade e diferença. (BIESTA, 2017 p.125)

Nas escolas e demais espaços institucionalizados de educação, ensino e aprendizagem pressupõem aquisição de conhecimento, o que podemos chamar de instrução. Instruir no sentido de transmitir um conhecimento dado com o objetivo de desenvolver habilidades e competências, valores e atitudes.

Reproduzimos aqui as palavras que ouvimos repetidas vezes durante os Ciclos de Acompanhamento³⁹ nas mais de 50 escolas estaduais que estivemos pelo Instituto que, junto às Secretarias Estaduais, se responsabilizava pela implantação do Modelo de Educação Integral. Durante a cantilena enfadonha nas visitas, pensávamos com Biesta que a educação não se resume a isso visto que tornar-se alguém passa necessariamente pela maneira como nos envolvemos com aquilo que aprendemos.

Qualquer tentativa de tornar a educação uma técnica, qualquer tentativa de concebê-la em termos de instrumentalidade, representa uma ameaça à própria possibilidade de tornar-se alguém *por meio* da educação – o que, parafraseando Arendt, acabará indo contra “os elementos essenciais da própria educação”. Afinal, transformar a educação numa técnica requer uma eliminação da pluralidade, diversidade e diferença. Requer uma eliminação, em outras palavras, do que torna a educação difícil. Por essa razão, podemos dizer que a pluralidade não é somente a condição da ação humana, mas que é a condição da própria educação. (idem, p.127)

Estamos falando de uma pluralidade que se dá no espaço público, povoado por seres outros, uma pluralidade em interação. Para Biesta, Arendt afirma que “a liberdade só existe na ação, o que, por definição, é ação-com-outros. Não podemos ser livres se estamos sós e isolados; só podemos ser livres quando agimos. (...) Só podemos ser livres num espaço mundano, um espaço de pluralidade e diferença” (idem, p.125). Se aceitamos a liberdade-como-ação de Arendt, pensamos no quão arriscada é a liberdade. Portanto, espaço e ação são indissociáveis. Mas o que seria esse espaço da ação, espaço onde ser é possível, ser com outros na ação?

Um ponto muito importante no pensamento de Biesta para este nosso estudo está na passagem da política para a educação. Para ele, a educação consiste em indivíduos se tornarem alguém. Claro que a educação escolar está interessada em instruir indivíduos, dar-lhes conhecimento, em torna-los/as hábeis, competentes, contudo ele nos convida a pensar para além disso. Este ponto nos interessa: “nos tornamos alguém pela maneira como nos envolvemos com aquilo que aprendemos” (p.127). Reduzir a educação a uma técnica, a alguma instrumentalidade, reduz a possibilidade de tornar-se alguém por meio da educação visto que tal redução elimina a pluralidade, a diversidade e a diferença. Assim, entendemos com este autor que a pluralidade é condição também para a educação. Portanto, a tarefa e responsabilidade da educação “é manter a existência de um espaço em que a liberdade pode aparecer, um espaço em que indivíduos únicos, singulares podem vir ao mundo” (idem, p.128).

Afinal, o que entendemos por educação? Ao formular essa pergunta nas escolas que visitamos, ouvimos que a educação serve para “criação de identidades particulares”, “o aprendiz de uma vida inteira”, “formar o cidadão”, “o estudante de boas notas para entrar numa boa faculdade”, “para conquistar um bom emprego” ou “para ser um empreendedor”. Ou seja, a inserção numa sociedade já dada, competitiva, onde os melhores atingem o sucesso. Em outras esferas institucionais do sistema escolar, ouvimos que a educação serve para garantir a competitividade do país na economia global,

³⁹ Assim era chamado o tempo dos Assessores representando o Instituto XXX (vinculado ao Todos pela Educação) dentro da Escola.

para transmitir conhecimento, valores, formar o bom cidadão. Garantir boas notas nos testes e melhorar a posição das escolas, redes e do país nos ranqueamentos instituídos.

Olhar para as escolas ocupadas, ouvir o que pensam alunos e alunas, o que sentem e desejam da escola coloca em xeque a ideia de gestão, a ideia de administração, a ideia de educação como ensino e aprendizagem. Coloca em xeque toda essa ideologia de mercado aplicada à educação. Na nossa modesta visão, as escolas ocupadas se mostraram Espaços Mundanos onde meninos e meninas tornaram-se presença, iniciaram algo novo no mundo, criaram e viveram liberdade.

ESQUINA. Visitamos cerca de 50 escolas de fundamental II e médio nos chamados Ciclos de Acompanhamento Formativo - CAFs pelo Instituto, em reforço à narrativa: formar o jovem autônomo, solidário e competente. Ponta de lança de uma repetida cantilena enfadonha.

Ao capitalismo global interessa produzir o sujeito consumidor, aquele que perambula no shopping center reverenciando a deusa mercadoria. O sujeito neoliberal que sonha com o sucesso, com mercadorias e tal. Por outro lado, uma escola comprometida com a vida de cada aluno e aluna, professor e professora pode compreender com Biesta a responsabilidade educacional com a singularidade e a unicidade de cada ser humano. “A resposta educacional tem de ser aberta; uma abertura para novos e diferentes modos de ser humano” (idem, p.140). Uma resposta experimental, onde a humanidade do ser humano compreendida como questão prática, uma questão que requer resposta a cada manifestação de subjetividade, sempre que apareça um novo, um recém-chegado. Assim Biesta define espaço mundano: “a comunidade daqueles que não têm nada em comum, só existe na interrupção da comunidade racional, a comunidade lógica, racionalidade, ordem, estrutura e propósito”. E segue:

A responsabilidade de educador reside precisamente num interesse pela combinação paradoxal – ou desconstrutiva – da educação e seu desfazer. (...) Educadores e os professores devem estar cientes de que aquilo que rompe a operação fluente da comunidade racional não é necessariamente um distúrbio do processo educacional, mas poderia muito bem ser o próprio ponto em que os estudantes começam a encontrar sua própria voz única. Isso também mostra que a responsabilidade do educador, a responsabilidade educacional, é uma responsabilidade por algo que não pode ser conhecido de antemão – é uma responsabilidade sem conhecimento daquilo pelo qual se é responsável. (idem, 152, 153)

Assim, nossa compreensão de ‘espaço mundano’ e ‘cidade’ se aproximam: espaço de encontro e diferença. Um espaço de confrontação com a diferença, estar frente a frente com o outro que é diferente. Biesta afirma com arquiteto holandês Herman Hertzberger que “a cidade é o espaço onde estamos constantemente preocupados em nos avaliar, espelhar e confrontar uns com os outros, porque não somos nós que determinamos quem somos, mas são principalmente os outros (idem, p.148).

Como parte da cantilena enfadonha que ouvíamos durante os ciclos de acompanhamento formativo estava a crítica reformista: a escola não está conectada com a realidade, está desatualizada, não acompanha as tecnologias e o desenvolvimento, o samba de uma nota só. As aulas precisam ser mais dinâmicas e vai por aí. Para *Jan Masschelein e Maarten Simons* (2018), estar desajeitada à realidade contemporânea permite evidenciar a escola naquilo que ela é e naquilo que ela faz: a escola oferece

as condições para re_novar o mundo. Deste ponto de vista, a escola é uma ameaça para as forças de conservação (aqui incluindo evidentemente os interesses do grande capital mundial) em função de sua radicalidade transformadora.

Jan Masschelein concentra seus estudos no papel público e no significado da educação, no “mapear” e no “andar” como práticas críticas de pesquisa. Está comprometido com arquitetos e artistas no desenvolvimento de práticas de experimentação educacional. Com *Masschelein e Simons* pensamos a Escola como *skholé*, ou seja, tempo livre para o estudo e a prática oferecida às pessoas que não tinham nenhum direito a ele de acordo com a ordem vigente. Estamos falando das origens da escola ainda nas cidades-estados gregas. A Escola era uma fonte de conhecimento e experiência disponibilizada como um bem comum. Essa veia transgressora original tem colocado a Escola como alvo de constante regulação. Ela pode ser tolerada pelas forças dominantes desde que seja melhorada e reformulada constantemente. Estes autores afirmam que as forças políticas e religiosas em seus ideais fixos, projetos prontos como a construção da nação e as missões civilizadoras, submetem a escola a reformas no sentido do ajuste de rota, ou seja, aos seus interesses. A Escola é uma criação grega e, como foi inventada, pode ser desinventada.

TRAVERSA em D (ré). as escolas ocupadas seriam escolas re_inventadas?

O afastamento social como medida de contenção da pandemia do coronavírus e o consequente fechamento das escolas acelerou o processo de inserção das tecnologias digitais por meio das telas de computadores, celulares etc que ‘atualizam’ e conectam a escola às ondas da internet, desta internet colonizada pelas grandes empresas. Nos recusamos a endossar a condenação da Escola como desconectada da realidade. Esse ódio à escola vem do temor (já antigo) de sua radicalidade:

a escola oferece tempo livre e transforma o conhecimento e as habilidades em “bens comuns” e, portanto, tem o *potencial* para dar a todos, independentemente de antecedentes, talento natural ou aptidão, o tempo e o espaço para sair de seu ambiente conhecido, para se superar e renovar (e, portanto, mudar de forma imprevisível) o mundo.” (Masschelein e Simons, 2018, p.10).

Isso desagrade as forças conservadoras, aquelas que preferem perpetuar um mundo bem como para as forças que determinam um ‘novo’ mundo, já definido. Forças que usam as gerações mais jovens para construção deste mundo determinado e pré-definido pela elite econômica e política. Eles domam a escola colonizando-a com seus interesses, capturando-a em sua potência.

Compreendemos neste nosso estudo que é no coletivo em cooperação que se produz o humano. Não um humano dado, pré-determinado, anteriormente esquadrinhado como vimos neste mesmo capítulo, mas a escola em sua responsabilidade de produção do humano em se fazendo humano, em sua imperfeição, em sua precariedade, em seu processo de humanização. “Uma sociedade que provê tempo e espaço para renovar a si mesma, oferecendo-se, assim, em toda a sua vulnerabilidade” (idem, p.11).

Escolar: a escola tornada verbo, tornada ação.

Para *Masschelein* e *Simons*, a escola é constantemente acusada de alienação, de consolidar o poder e corromper, a escola é constantemente acusada de desmotivar a juventude, acusada de ser ineficiente no sentido da inserção dos jovens no mundo do trabalho, acusada de assumir posições redundantes e, por tantas deficiências, aponta-se para a necessidade constante de reformas no sistema educacional e na escola em particular. Pensar a escola em ação é pensar a escola tornada verbo: escolar. Compreendemos o escolar como o agir configurado no modo de educar. É o ato de educar em sua materialidade, em seu fazer, é uma experiência, um movimento permanente.

Como já dissemos, a escola suspende uma ordem de desigualdade:

A escola fornecia *tempo livre*, isto é, tempo não produtivo, para aqueles que por seu nascimento e seu lugar na sociedade (sua “posição”) não tinham direito legítimo de reivindicá-lo. Ou dito de outra forma, o que a escola fez foi estabelecer um tempo e espaço que estava, em certo sentido, separado do tempo e espaço tanto da sociedade (em grego: *polis*) quanto da família (em grego: *oikos*). Era também um tempo igualitário e, portanto, a invenção do escolar pode ser descrita como a democratização do *tempo livre*. (Masschelein e Simons, 2018, p. 26).

Os autores argumentam que escolar é uma questão de suspensão: suspender seu uso comum e sua utilidade, uma espécie de colocar entre parêntesis, de liberar um determinado objeto, um determinado conhecimento para poder estudá-lo. Uma questão de profanação: disponibilizar algo tornando-o um bem público, tornando-o comum, liberando-o para um uso livre e novo. Assim os autores compreendem estudo: “A escola sempre significa conhecimento em prol do conhecimento, a isso chamamos de estudo (...) A escola é o tempo e lugar para o estudo e prática – as atividades escolares que podem alcançar um significado e um valor em si mesmas” (idem, p.40). Escolar é uma questão de atenção e de mundo, ou seja, de promover aberturas, de criar interesse, de trazer à vida. Escolar é uma questão de tecnologia: praticar, repetir, estudar, colocar a atenção por algum tempo, disciplinar. Não se estuda sem tempo e atenção, e isso exige do corpo. Escolar é uma questão de igualdade ou de ser capaz de começar: do portão para dentro da escola não se é mais o filho de fulano, ou a filha da família X; do portão para dentro todos/as são estudantes com a mesma capacidade de iniciar algo novo, de começar. O portão da escola delimita um lugar de indiferenciação nesse sentido da igualdade de começo. Escolar é uma questão de amor porque o professor não é um profissional, pelo contrário, é um amador no sentido que ama seu tema de estudo, esse recorte do mundo que ele escolheu como a geografia ou a história, a biologia ou a botânica, como as letras ou a física. Mas também um amor pelo outro, pelas novas gerações e por cada estudante. É, portanto, uma questão de presença, de amorismo e paixão. Escolar é uma questão de preparação no sentido de estar em forma, treinar, se educar bem, de testar seus próprios limites e, quem sabe, alargá-los. Por fim, escolar é uma questão de responsabilidade pedagógica aqui compreendida como exercer uma autoridade, trazer à vida e ao mundo.

Contudo, falamos acima que as forças de conservação, o grande capital global, o grande mercado e o capitalismo neoliberal aqui compreendidas como as elites econômicas e políticas, ameaçam a escola capturando-a em sua potência revolucionária. Vejamos as capturas:

- Politização: depositam na escola a responsabilidade de resolver problemas sociais, culturais e econômicos por meio da aprendizagem de um conjunto de competências incluídas no currículo. Neste caso, se burocratiza a escola sob o pretexto político da futura empregabilidade.

- Pedagogização: professores/as devem assumir a responsabilidade da família.

- Naturalização: a tentativa de romper o princípio da igualdade dentro da escola por meio da naturalização das diferenças individuais e a criação de guetos, de grupos, por fim, de elites dentro da escola, uma elite talentosa, os melhores e os piores, as mais fortes e as mais fracas. Terreno fértil para as ideologias meritocráticas, uma espécie de “seleção natural” do tipo os melhores sobrevivem.

“Essas três táticas – politização, pedagogização e naturalização – domam a escola acoplando-a a algo fora dela mesma (sociedade, família e natureza)” (idem, p.121).

- Tecnologização: domar a escola por meio das técnicas, de critérios e garantias técnicas onde o objetivo se torna a otimização do desempenho técnico. A captura aqui aparece nas expressões eficiência e eficácia. “Eficácia implica que o objetivo de uma técnica – e também da escola, do professor e do aluno – é fixo e que a ênfase recai, portanto, em encontrar os recursos adequados para cumprir essa meta estabelecida” (idem, p.122). Aqui aparecem também as performances e as mensurações com vistas ao ranqueamento e, conseqüentemente, à competição. “É uma medição contínua do desempenho a fim de produzir um *feedback* permanente (...) O sistema educacional está criando a sua própria economia do crescimento com valor agregado, ganhos de aprendizagem, créditos de aprendizagem e um aparelho crescente de monitoramento e de retorno como o seu foco” (idem, p.112) até atingir a excelência. Auditar a escola e os professores e recompensá-los por isso.

- Psicologização: o professor que deve garantir a bem-estar do aluno no sentido motivacional. É tratar das emoções, as questões socioemocionais quando o professor entra no mundo do aluno.

- Popularização: para ser popular o professor deve ser performático, fazer aulas show superando as aulas enfadonhas, abusando das tecnologias de última geração tornando a sala de aula quase que um estúdio de televisão e a aula propriamente dita, um mero programa de entretenimento para a fruição e o prazer de corpos docilizados e passivos, bons expectadores e bons ouvintes.

Outro jeito de pensar escola

Este estudo nos permitiu ampliar nosso olhar para a Escola. Em princípio, o olhar de pais, mães e responsáveis despertava nossa curiosidade no sentido de pensar a participação política e pedagógica por meio da ocupação em espaços como o conselho de escola por exemplo. Colocamos nossa atenção nas escolas ocupadas pelos/as estudantes por meio de três documentários que mostram as ocupações por dentro, portanto, do ponto de vista dos alunos_em_ocupação e das alunas_em_ocupação. Por

meio de cenas e depoimentos conseguimos olhar para a escola ocupada de outra perspectiva e, sobretudo, pensar perspectivas outras para a escola.

ESQUINA. Escola e Cidade: agora a aula é na rua!

Quando o movimento percebe que a luta não pode ficar restrita ao interior das escolas e decidem ocupar também as ruas dizendo à cidade que a luta é de todos e todas. Andarilhos são muito ocupados. Se ocupam de muitas coisas, via de regra, percebidas apenas por andarilhos/as. Esses meninos e meninas que se implicaram com suas escolas, que experimentaram uma escola outra, fizeram muito mais do que apenas ocupar uma escola, o que já seria muita coisa. Eles ocuparam a si mesmos. Eles perceberam e sentiram, eles produziram outros vínculos entre si e consigo. Ao cuidar da escola, cuidavam de si e dos/as colegas. As ocupações foram, no pensamento do andarilho, um grande acontecimento que marcou a vida de uma geração de estudantes.

Quando estudantes descobrem livros na escola, quando falam a respeito da biblioteca, quando falam das relações com a comunidade, das alianças possíveis com movimentos e apoios às ocupações, perguntamo-nos: não caberia a uma escola estimular, ensinar, provocar o gosto pela leitura também? Ao falar, revelam um pouco do movimento de pensamento e compreensão do processo que estão vivendo. Eles estão em processo educacional, estão elaborando, estão buscando, lendo, pesquisando, procurando por professores, professoras e artistas, tudo isso para sustentar o movimento que é de ocupação. Mas ocupação de que? Quais territórios são ocupados? Nesse estudo percebemos que a escola está ocupada e o pensamento acerca da escola também está. E se escola é composta por muita gente, sobretudo alunos e alunas, uma outra escola, um outro jeito de funcionar, um outro jeito de ser escola_estudante está se produzindo, sentidos estão se produzindo. Ocupar é ocupar-se.

Com Gert Biesta, compreendemos a educação como a vinda ao mundo de seres singulares, seres únicos. Essa opção por não compreender a educação apenas como um instrumento ou técnica, coloca nossa atenção na responsabilidade educacional. Entendemos por responsabilidade educacional a criação do espaço mundano, ou seja, um espaço de pluralidade e diferença, um espaço onde a liberdade pode aparecer e onde indivíduos singulares e únicos podem vir ao mundo.

Muito interessante a definição de educação para um estudante_em_ocupação e que pode orientar a re_invenção da escola: “educação é conseguir ver o mundo de um jeito diferente. Educação é acreditar e lutar”. Por re_invenção da escola compreendemos aqui o processo de pensar-se em ocupação mesmo com os alunos e alunas desocupando as escolas. Um pouco no sentido dado por Luiz Braga, pai de uma aluna que participa do comitê de Mães e Pais em luta: “A luta pela melhoria do ensino e das escolas não acaba mesmo com o fim das ocupações. A luta vai continuar e a nossa ideia é dar suporte para a luta”.

CRUZAMENTO. Com as canções, os filmes, com as leituras e etc: educação é arte.

CRUZAMENTO. Com os andarilhos e andarilhas, esses que conhecem as cidades porque experimentam as cidades, esses que nos acompanham neste texto_tese: educação é criar. Educação

é viver a vida intensamente, é olhar pro mundo povoado de outros seres e se encantar, se indignar, tentar trans_ formar a realidade das coisas.

ESQUINA. Com Gilberto Gil: educação é estudar, é fazer e refazer. Educação é fazenda e re_ fazenda, favela e re_ favela. Educação é realce. Educação é processo educacional na vida ativa.

ESQUINA. Mudar de escola X mudar a escola. A mudança para o governo do Estado de São Paulo é mudar alunos/as de prédio. Para alunos/as, significa mudar o que acontece dentro prédio.

Percebemos que a escola pode ser diferente e confirmamos uma desconfiança já antiga de que a forma atual das escolas_não_ocupadas desconsidera o desejo dos/as alunos/as na definição de seu funcionamento. Percebemos também que as escolas são uma invenção humana e que, da mesma forma que vieram a existir podem deixar de existir a qualquer momento, podem ser desinventadas. As ocupações nos convidam a pensar na re_ invenção da escola e, suspeitamos, a experiência dos alunos e alunas em ocupação, ocupados com a escola, pode funcionar como um bom ensaio dessa re_ invenção. A prática das assembleias, as rodas de conversa, as sessões de cinema, a experiência de conhecer e descobrir a escola em sua institucionalidade, tudo isso pode trazer luz, pode dar início a experiências inéditas no processo de re_ invenção. E a relação estudante_ escola_ estudante em se fazendo com afetos alegres, a escola se re_ fazendo na potência da criação ao invés de se fazer em obediência aos interesses externos e alheios ao desejo da garotada. Não estamos aqui defendendo a desinstitucionalização estatal da escola mas estamos aqui querendo pensar a re_ invenção da escola trazendo a dimensão do desejo de quem realmente ocupa a escola para o centro desse processo.

Chico Buarque de Holanda, Dani Black, Zélia Duncan e outros artistas, cantam O trono do estudar⁴⁰, composição em apoio ao movimento:

NINGUÉM TIRA O TRONO DO ESTUDAR / NINGUÉM É O DONO DO QUE A VIDA DÁ / E NEM ME COLOCANDO NUMA JAULA / PORQUE SALA DE AULA ESSA JAULA VAI VIRAR / E NEM ME COLOCANDO NUMA JAULA / PORQUE SALA DE AULA ESSA JAULA VAI VIRAR

⁴⁰ O trono do estudar está disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=q4-SE_tJ4OM > Acesso em 08/março/2021.

Eixo 3 – olhares para subjetividade

Neste capítulo vamos apresentar um pouco de nosso olhar para a subjetividade em seu movimento de produção. Para tanto, apresentaremos o que conseguimos captar em trânsito, no contato com a materialidade real de escolas pelo Brasil, nos atravessamentos, pensamentos e cruzamentos produzidos nessa andarilhagem. Vamos apresentar algumas cenas da vida real com atenção colocada na subjetividade em movimento.

Trabalharemos com as duas câmeras ligadas ao mesmo tempo pra olhar os visíveis e os invisíveis. A própria andarilhagem é nosso “fator de a(fe)tivação” (ROLNIK, 1992, p. 29) na tentativa de captar os movimentos invisíveis, ler nas entrelinhas, sentir o corpo vibrátil.

Corresponsabilizados pela educação

Re_tomamos aqui uma imagem do início deste texto_tese, momento em que falávamos das contradições no chão da cidade de Recife.



Foto 1. Vista da ocupação Brasília Teimosa no Recife. No primeiro plano e à esquerda, o JCPM Trade Center.

Na exata divisa entre Brasília Teimosa e Pina está a torre comercial envidraçada chamada JCPM⁴¹ (João Carlos Paes Mendonça) Trade Center. De acordo com o site, “é o único empresarial à beira-mar do Recife, proporcionando uma visão única do litoral”. Neste prédio que aparece simbolicamente numa

⁴¹ Grupo JCPM uma holding com atuação nos setores de Comunicação, Imobiliário e Shopping Center. Sua trajetória é fortemente ligada ao varejo, com a criação do Grupo Bompreço e hoje com participação acionária em 12 shoppings (Shopping Recife, Tacaruna, Plaza, Guararapes, RioMar Recife, RioMar Fortaleza, RioMar Kennedy, Salvador Shopping, Salvador Norte Shopping, RioMar Aracaju, Shopping Jardins e, no Sudeste, o Villa-Lobos). No segmento de Comunicação, atua, em Pernambuco, com o Sistema Jornal do Commercio de Comunicação, com portal, rádio, TV e Jornal impresso, líder no Estado.

importante cena de Aquarius marcando o contraste social entre Brasília Teimosa e Pina, fica a sede de um Instituto que também assume responsabilidades com a educação pública. Com a educação pública! Durante o segundo semestre de 2019, trabalhei como *consultor pedagógico* para um Instituto XXX, vinculado ao movimento empresarial Todos Pela Educação. Uma instituição que aplica um pretencioso *modelo Escola da Escolha*. Modelo a ser aplicado nas escolas das redes públicas estaduais que, aderindo ao fomento do MEC, ganham a assessoria desse instituto. Não há recursos públicos empenhados no trabalho da instituição, ela capta recursos privados para manter sua equipe, circular pelos interiores e capitais do Brasil, produzir seus materiais e cobrir demais custos. Trata-se de preencher a carga horária das escolas que aderem ao tempo integral. O material é muito bem feito, colorido, impresso e em versões digitais, recheado de palavras de ordem. O núcleo central são as aulas de projeto de vida que, para eles significa “assumir o destino da própria vida”. Imaginem que cada estudante de uma escola pública é estimulado a sonhar, e aí vale tudo. Existe uma disciplina incluída na grade curricular, e um professor designado para falar de sonho e organizar os projetos de vida. A criança vai, aula a aula, esquadrinhando, projetando, lançando numa planilha tudo o que ela precisa fazer para atingir, num futuro, o seu sonho. Assim, crianças e jovens preveem cada passo do seu projeto de vida. A concepção de projeto é toda carregada de certezas e definições.

Logo na primeira reunião de trabalho, ouvimos do então presidente do Instituto, conhecido empresário ex-presidente de uma grande corporação Latino-americana. Desconhecendo os protocolos e etiquetas, cometi meu primeiro erro no mundo corporativo: fiz anotações durante fala do presidente. Ele afirmou ter livre acesso ao ministro da educação, Mendonça Filho, o que garante o Instituto na política pública federal, o que direciona os esforços políticos do instituto na relação com seus financiadores. Artilharia, ataque, torpedos, o presidente usa uma linguagem de guerra e faz afirmações do tipo: “Em Minas Gerais, 65% do orçamento do estado vai para pagar aposentadoria. O Estado está quebrado”. “O sistema público é um lixo: 30% do recurso se perde por ineficiência na gestão. Estudos financiados por empresários recomendaram ao governo federal como e onde economizar R\$ 1 bi no MEC, recurso que pode financiar a universalização de escolas em tempo integral orientadas para o modelo Escola da Escolha nas redes estaduais”. O presidente apresenta os planos do instituto para 2020: Paraná, São Paulo, Amazonas, Bahia e Goiás, serão entre 700 e 800 escolas. E afirma: “Teremos muito trabalho porque os professores não gostam de trabalhar! Nós vamos colocar ordem no galinheiro. Tem galo que fica bravo, tem galinha que sai correndo.”

A diretora pedagógica (que citou *Humano, demasiado humano* para afirmar com Nietzsche que é bom ser mais humano, ser do bem, ser solidário) trouxe uma metodologia de *feedbacks* da Pensilvânia. Falei para ela que me emocionei ao passar por Angicos/RN na semana anterior, em flagrante sugestão às experiências com Paulo Freire. Ela perguntou: por que, aconteceu algum problema com vocês em Angicos? Ela diz aos/às consultores/as do Instituto que a impostação da voz e o gestual são fundamentais durante uma formação, porque “é bom agradar a plateia”. Ela tem tique nervoso e fala (sem constrangimentos) dos seus problemas de saúde. Diz que aplicou a Tecnologia de Gestão Empresarial - TGE em casa atribuindo ações, prazos e responsabilizando a trabalhadora doméstica, cozinheira, e também à babá, mas é claro que ofereceu uma política de bonificação por resultados ao

final do ano. Ela recomenda o TED TALK do Mark Zuckerberg⁴², livros de negócio, literatura de mercado dentre outros recursos para formação pessoal dos/as consultores/as.

TGE é uma metodologia de gestão que o Instituto oferece para gestão das escolas e das equipes das secretarias de Estado de Educação. Neste instituto aprendi que Diretor de escola é uma nomenclatura carregada de “estigmas do passado”. Já os/as Gestores/as escolares são pessoas que aplicam bem as tecnologias, compreendem a gestão e suas ferramentas, falam as linguagens apropriadas para o “bom funcionamento dessa máquina chamada escola”. Tudo pode ser organizado em planilhas que estabelecem as ações, os responsáveis e os prazos para execução, cabendo ao gestor a tarefa de gerenciar ou, como disse o presidente, “colocar ordem nesse galinheiro”. Então a TGE é uma metodologia, um conjunto de procedimentos, que passa pela ‘genialidade’ do ciclo do PDCA: *plan, do, check, act* ou planejar, fazer, checar e ajustar. Também denominado Ciclo de Melhoria Contínua. Acerca da TGE, um diálogo menor, uma daquelas conversas já no final de uma longa reunião, quase aos sussurros em tom de curiosidade bem humorada, pode nos dizer alguma coisa. Reproduzo o que disse um engenheiro que, desde que aposentou da empresa, tem se dedicado a “melhorar a educação no Brasil”.

“Quando trouxemos a TGE da empresa para as primeiras escolas onde aplicamos o modelo, houve muita reclamação dos professores. Reclamavam por causa do ‘E’ de empresarial. Então prometemos que faríamos algumas adaptações, e fizemos: aproveitamos o ‘E’ e mudamos de Empresarial para Educacional” (risos de quem teve sucesso na empreitada)

Cenas da vida real: andarilhando escolas no Brasil

Numa Escola em Apodí/RN

Numa Escola em Apodí/RN, percebemos a sutileza num jogo de captura de palavras e ideias. Meu colega de trabalho, consultor de gestão, se ocupa da aplicação do modelo, dos documentos e do uso correto das palavras: liderança, delegação planejada, gestão de pessoas e etc... Me ocorre pensar que escola é gente. Gente animada, escola animada. Gente comprometida, escola interessante. Mas o que vemos durante esta reunião é gente tensa. Nos intervalos, na conversa miúda do cafezinho, o tensionamento parece diminuir e as conversas começam a fluir. Mas, na formalidade das reuniões,

⁴² Mark Elliot Zuckerberg é um programador e empresário estadunidense, fundador do Facebook. Uma das pessoas mais ricas do mundo com um patrimônio líquido estimado em US\$ 51,8 bilhões em 2016. Um case de sucesso, como dizem.

paira um clima de fiscalização e cobrança. As pessoas ficam na defensiva e o gestor escolar aparece como um maestro de uma orquestra disciplinada. Ouço falas que sugerem uma educação compreendida como técnica, formações como treinamento para aplicação das técnicas. Nos ofereceram um biscoito local, uma espécie de pão de mel feito do melado da cana, canela e especiarias.

A apresentação da escola causou boa impressão. Escapei um pouco da sala para andar no pátio e notei que as informações a respeito da refeição não estavam ‘alinhadas’ (expressão muito utilizada) com o que vi: uma fila para meninos e outra para meninas. Nada de ‘autosserviço’. Segundo o diretor, a cidade não tem desabastecimento de água. Pelo contrário, ela abastece as cidades da região. Água é uma questão muito séria no interior do Rio Grande do Norte. A grande maioria dos/as estudantes veem da zona rural em transporte escolar. Alguns chegam a transitar 36 km para chegar nesta escola.

A conversa com a comissão dos/as estudantes foi muito interessante. Ao ouvi-los/as, pensei: uma escola que acolhe, que respeita, onde os jovens se sentem gente é o que ouço nas entrelinhas. Tem uma alegria nos meninos e meninas. É como se a juventude em sua energia de vida pedisse espaço para expandir. A conversa formal terminou e os/as meninos/as não saíram. Ninguém queria ir embora.

Almoçamos num pequeno restaurante na base da Barragem de Santa Cruz, a segunda maior do RN, responsável pelo abastecimento daquela região. A representante regional da Secretaria de Estado nos levou para comer um peixe. Fui pego de surpresa, não consegui comer direito nem conversar. As pessoas falavam amenidades e eu sentindo o lugar, a gente simples do lugar. Pensar nos impactos da interdição do rio, na bacia de drenagem, mergulhando um pouco nos meus interiores.

De volta à Escola, algumas palavras foram repetidas à exaustão: planejamento, foco/enfoque, assertividade e intencionalidade. Toda ação tem começo, meio e fim.

Numa Escola em Antônio Pereira

Numa Escola em Antônio Pereira, distrito de Ouro Preto/MG, o motorista Daniel me acompanhou em parte das três semanas em Minas Gerais, de cidade em cidade, de escola em escola sempre das 7h às 17h com 1 hora de almoço. Era importante ‘avaliarmos’ inclusive as refeições dos alunos e alunas mesmo com a proibição de comer na escola. Merenda é para estudante! O foco de nossa avaliação da merenda deveria estar na forma, se jovens se serviam, se comiam, se havia desperdício, se ainda usavam talheres, pratos e copos de plásticos ou se já apresentavam maturidade suficiente para usar talheres de adulto. Apesar de distrito de Ouro Preto, a sede de município de Mariana fica mais perto. Estudando o mapa para fazer os trajetos intermunicipais, percebi que Antônio Pereira ficava muito próximo ao distrito de Bento Rodrigues, vítima do crime ambiental cometido pela antiga Companhia Vale do Rio Doce, atual Samarco. Na noite anterior, Daniel e eu estudamos os trajetos mais interessantes no sentido de chegar ao nosso destino aproveitando a oportunidade de passar pela região impactada pelo rompimento da barragem. Eu queria me situar, sentir, ver e me preparar para o que seria o encontro com a escola naquele lugar tão próximo de uma das maiores devastações no Brasil.

Sentia vibrar no meu corpo as marcas do técnico em Defesa Civil que, com muito esforço psicanalítico, estava em repouso. A paisagem vista da estrada era chocante. As cicatrizes na paisagem, as marcas da corrida da lama tóxica, o clima, um ambiente de morte... talvez não. Talvez a paisagem devastada estivesse produzindo no andarilho uma ambientação falsa. Segui viagem cuidando desses atravessamentos.

Às 7h do dia combinado, entrei na Escola Estadual Antônio Pereira. Alguma coisa me incomodava... a vice diretora, talvez coordenadora pedagógica (já não me lembro exatamente) me recebeu. Falamos um pouco e, em 10 minutos de conversa eu já sabia que a sua filha, uma jovem estudante matriculada no ensino médio em Mariana/MG estava deprimida, havia tentado o suicídio com cortes nos braços. Entramos na sala da diretora, um cheiro muito forte de cigarro. As primeiras conversas foram interrompidas pela secretária da Escola:

- o professor Bruno não apareceu ontem. Estamos tentando contato mas ele não responde.

Bruno Coga⁴³ lecionava matemática em Mariana e na EE Antonio Pereira no turno da noite. A vice diretora comenta que Bruno é querido pelos alunos e alunas. Pergunto da filha: “ela matou a aula”.

Às 7h30 chega a notícia: o professor (de matemática) se enforcou. Pânico, gritaria, choro, desespero. A vice diretora entra em pânico. O agente de Defesa Civil que já estava acordado, entrou em ação. Organizei um carro para levar a vice diretora ao encontro da filha em Mariana e, contendo o pânico da mãe, pedi que ela não deixasse a filha sozinha em hipótese alguma, que ficasse ao lado dela o tempo todo, atenta, não hesitando a procurar ajuda se sentisse necessidade. Ela me ouviu e, com uma colega da escola, seguiu para Mariana encontrando a filha abaladíssima. Permaneci na escola apoiando a Diretora: ela se acalmou, reuniu a equipe, conversou com funcionários/as, professores/as e alunos/as. A chegada da representante da diretoria regional de ensino me ajudou a lidar com a situação porque a escola estava em pânico.

Foi uma manhã muito difícil, vibravam em mim as marcas de situações duras, acidentes, desastres e mortes. Apesar de tudo isso, às 9h30 a diretora me pergunta se podemos entrar na pauta do Ciclo de Acompanhamento Formativo. 10h iniciamos formalmente a reunião.

Andei pela escola, entrei nos banheiros, salas de aula, refeitório, quadra, corredores. O cenário era terrível, uma paisagem devastada dentro da escola que combinava com a paisagem que vi da estrada no distrito de Bento Rodrigues. Do segundo andar da escola vi os paredões da Barragem do Doutor, também da Samarco.

Em 2021, após ameaças de rompimento, 144 famílias foram retiradas do distrito de Antonio Pereira para manutenção do empreendimento. Matéria do jornal Estado de Minas⁴⁴ na edição de 18/05/2021: Barragem que evacuou 144 famílias volta a ter estabilidade em Ouro Preto. *A Barragem do Doutor*

⁴³ <<https://www.adufop.org.br/post/nota-de-pesar-pelo-falecimento-do-companheiro-bruno-coga>> Acesso: janeiro/2022.

⁴⁴ Disponível em: < https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/05/18/interna_gerais,1267692/barragem-que-evacuou-144-familias-volta-a-ter-estabilidade-em-ouro-preto.shtml> Acesso em 12/01/2022.

estava em nível 2 de emergência e as famílias que viviam na comunidade de Antônio Pereira precisaram ser evacuadas em agosto.

Ruínas nas paisagens. Escola em ruínas. Vidas arruinadas que teimam em seguir.

Mas a Samarco promete reformar a Escola e tem o hábito de convidar a comunidade para conhecer os planos de segurança da empresa, os investimentos em monitoramento, os planos infalíveis de evacuação. Tudo isso sempre acompanhado de saborosos cafés da manhã, e não raro, luxuosos....

Numa Escola em Colinas do Tocantins/TO

Numa Escola em Colinas do Tocantins, estávamos acompanhados por uma professora da Secretaria Estadual de Educação nas duas semanas que percorremos o interior do Tocantins. Meu incômodo com a postura autoritária e falas incisivas da professora se transformava em irritação. Vi uma escola que acompanhava de perto cada estudante, conversa bem com as famílias e reconhecia os dramas da juventude. Sentia uma verdade nas falas das professoras desta escola: “tem problemas emocionais pressionando nossos alunos, o corpo vem para a escola, mas a cabeça parece que fica longe. (...) Tem alguns que vem para a escola para comer”. Nos perguntamos: quando a escola coloca metas para os estudantes, não aumenta os ditos problemas emocionais? Não estamos antecipando essa competição típica do mercado? Não estamos colocando os jovens para competir no mercado de trabalho mesmo antes de estar formalmente no mercado de trabalho? Haverá trabalho? O que é fazer escola?

Assisti um bom debate a respeito do currículo. Um professor criticava a secretaria por conta da 1) cobrança dura por resultados, mas tem 2) deficiência na apresentação do currículo de ciências da natureza. Ele apresenta uma lista de argumentos, mas a representante da secretaria não consegue ouvir, fica nervosa, acusa os professores de falta de compromisso com o trabalho da secretaria. Os argumentos do professor foram consistentes e a representante da Secretaria recuou. Ela disse que as provas de avaliação dos estudantes são repetidas e que isso gera índices falsos e indicadores falsos. Para considerar as críticas do professor, ela pede que os argumentos sejam formalizados num ofício para a Secretaria de Estado da Educação passando pela Diretoria Regional. O professor comentou: “o que eu disse está dito. Formalizando, vou me ferrar”.

A escola fala de boas experiências. A secretaria pergunta se conseguiram lançar no hotsite, se tem dificuldades com o procedimento no site. É muita representação. As conversas ficam quentes quando a escola fala da realidade, mas a representante da Secretaria pede para falar dos índices de desempenho e exige que a pauta da reunião seja respeitada. O que vejo é uma auditoria. A secretaria de educação pensa procedimentos e cobra isso. “Pedagógico é cumprir as metas”, dizem. É tudo muita

representação e quando a conversa toca em pontos que o modelo não consegue resolver, tipo um aluno X que passa fome, aí querem voltar para a pauta. A pauta é o silenciamento do real. E os cadernos do Instituto são a bíblia daquilo que a escola deve fazer. Não sinto um pensamento vivo, o que sinto é uma espécie de comando velado para não pensar, apenas obedecer.

A base teórica beira a literatura de auto-ajuda. O Instituto tem como principal teórico *Antonio Carlos Gomes da Costa*, formulador do Modelo, e recomenda a leitura de *Pedagogia da Presença*, livro esgotado. O Instituto não oferece o livro, nem o pdf do livro. O estudante é um líder, um protagonista. As palavras mágicas são: “formar o jovem autônomo, solidário e competente”, Ideal Formativo do Modelo. Tanta cobrança não contribui para o adoecimento dos jovens? Mas se os alunos/as estão se cortando, a escola precisa participar do curso chamado: Habilidades sócio-emocionais! Assisti palestras durante 3 dias, muitos slides e TED TALKs, momentos emocionantes que levaram a plateia ao choro, com vídeos da Disney e falas de empresários de sucesso no vale do silício. Ao final, os/as professores/as da rede pública estão habilitados para resolver as questões emocionais na escola.

Ainda na escola, os/as jovens falaram muita coisa interessante, valorizam a escola. A resposta da representante da Secretaria da Educação é: “tenha postura, você não pode participar de uma reunião mexendo no dedão do pé”. A representante da Secretaria de Educação do Tocantins afirma que “o mercado de trabalho não aceita uma pessoa mexendo no pé”. E continua afirmando que esse comportamento (mexer no pé) não está alinhado com as competências do século XXI. Penso: mas o que é o século XXI? Logo nesta escola que vi um livro de poesia de alunas/os organizado pela professora de língua portuguesa. E soube que a diretora organiza corridas e caminhadas na pequena cidade, ação que reúne estudantes, professores, pais e comunidade partindo da escola.

Numa escola em Manicoré/AM.

Pular da cama às 3h30. Banho, fechar as malas, deixar o hotel. Partimos com um grupo de estudantes recém saídos do ensino médio, chamados Jovens Protagonistas, para o porto de Manaus. O porto é movimentado: gente, coisas, carros e caminhões, carga e descarga. Vejo muitas frutas, muita melancia. Trabalhadores oferecendo ajuda, orientação, as melhores opções de embarcação, carregadores de malas, pequenos carros. Diante de mim, o Rio Negro. Negro nas águas, negro na noite.

Andei na área do embarque observando as fisionomias. Só pensava na frase do *Eduardo Viveiros de Castro*: “no Brasil, todo mundo é índio. Exceto quem não é”. E com uma frase, no cinema do Kléber:

- Quem nasce em Bacurau é o que? Pergunta a motoqueira no bar em Bacurau logo no início do filme.
- Gente !!! responde a criança brincando no chão do bar atravessando a conversa das adultas.

Re_li o texto do Viveiros de Castro durante a viagem. Ainda na área de embarque, pedi uma tapioca de banana ou mortadela de peru e queijo. Recebi um misto quente no pão de sal. Permaneci observando a paisagem por um tempo.

Na confortável lancha, uma criança senta ao meu lado. Ainda não sei seu nome mas sinto o toque dos pés e pernas sobre o meu colo. Dormiu um tempo nesta posição. Ela é a cara da mãe. Partimos para a cidade de Manicoré/AM, às margens do Rio Madeira. A pequena dorme. Acorda. Dorme e acorda. Até que acorda definitivamente. O Rio Negro encontra o Solimões. Seguimos rio abaixo passando por outros barcos, alguns bem maiores que nossa lancha. As luzes da cidade de Manaus ficam pra trás.

Aurora. Bela vista da janela, um mundo vai se revelando aos poucos: muito verde, muita água. Seguimos no Rio Madeira a montante. Acompanho nosso percurso nos aplicativos disponíveis no celular. Não há conexão com a internet. Pesquisei muito a respeito da cidade de Manicoré e do percurso até lá. Percebo momentos de rio nervoso, forte. Mas à medida que avançamos rio acima, o Madeira parece ficar mais liso. Ao cruzar grandes embarcações senti o banzeiro, a onda. Banzeriou!

Também vi casas, mas não vi gente. Dentro da lancha a televisão está ligada, o noticiário fala do corona vírus. A tela plana mostra exatamente as mesmas coisas que vejo em qualquer outro lugar: péssimas notícias de Brasília, RJ e SP, o governo e o presidente fanfarrão, a falsa culinária, o entretenimento estúpido de gente com carinha ótima. Da janela da lancha vejo água e árvores. Dentro da lancha vejo gente, muita gente com cara de índio.

Sinal de internet e mensagens no meu celular: O que diria meu mundo fora desta lancha?

A pequena me pergunta se o rio é fundo. Ela se chama Karine. Vejo uma grande cicatriz no peito dela. São duas 'válvulas' no coração, foi a Manaus para fazer os exames anuais. O rosto e a alegria confirmam que está bem. Ela me diz que é um peixe. Pergunto da cauda, das barbatanas e escamas. Rindo, ela me corrige: "gosto de nadar mas não sou peixe de verdade". Seguem para *Nori*, uma cidade ribeirinha. Digo que sou de São Paulo, e ela: "do tamanho de Manaus?" Parece não acreditar muito na minha resposta. Não importa o tamanho das cidades, mas a resposta que dá para nossos desejos. Neste sentido, toda cidade é grande e pequena.

Conto para Karine dos pequenos rios em São Paulo e das grandes estradas para velozes carros e caminhões. Ela fica tentando imaginar o que seria isso e me diz até viajou de carro uma vez. Enquanto isso a Fátima Bernardes e seus convidados continuam colonizando este nosso território na imensidão de águas, mata, nuvens e céu. Fico pensando que estou entre rios, abaixo dos meus pés e acima da minha cabeça é tudo água. Na tela plana, o ministro da fazenda, sem profundidade, aprofunda as medidas de ajuste fiscal. Me protejo do ruidoso ministro ouvindo canções manauaras. Assalto a um posto de saúde em Parintins/AM. Paramos em Borba, Karine e a mãe passam para o banco de trás. Ao meu lado está Pedro Miguel e sua jovem mãe. São indígenas seguindo de Borba para Maricóné.

A tela plana exhibe suas marcas: bradesco, carro, natura, apologias ao empreendedorismo, teologia do sucesso. Governo que investe, cidade canteiro de obras. Pessoas sorridentes. Tudo igualzinho. A diferença sou eu: no meio do rio, água, céu e mata verde e densa. A tela plana tenta me convencer que o agro é pop. Pedro Miguel dorme. A brincadeira com Karine é contar casas, contar bichos, contar aves. Cantamos *A dona aranha subiu pela parede, 1 e 2 e 3 indiozinhos*. A mãe de Karine fez careta para a canção dos indiozinhos. Karine, aos 5 anos de idade, me conta que índio não é humano. Nossa conversa segue e a criança me ensina canção da assembleia de deus.

Vestidos de branco e cantando pela paz, vejo imagens da escola Raul Brasil em Suzano. Tudo limpo, pintado de branco. A matéria mostra um casal à espera do bebê. A escola está bonita agora, reformada. Mas a matéria repete as cenas do jovem atirando. Morei 8 anos na rua desta escola antes da tragédia.

Chegamos a *Manicoré* às 19h. Muita gente no porto esperando a lancha. Muita bagagem saiu da lancha incluindo caixas. A pousada Curupira é muito simples. No sábado conheci o rio *Atininga* onde percebi que tomar banho não é ficar embaixo do chuveiro. Tomar banho é entrar no rio. A mãe manda uma menina lavar o cabelo, preto e liso, enorme. Ela mergulha no rio com um shampoo na mão.

A cidade é pequena, caminhei muito nela. No restaurante da Lu fiz amizades. Ao chegarmos, logo perceberam nosso estrangeirismo e com um jeito todo especial foram nos recebendo, nos acolhendo como dizem meus colegas de trabalho. Estávamos Everton, Thaynã, Julio Cesar e eu. Ao revelar minha curiosidade com a gastronomia local, o dono do restaurante lançou o convite para um peixe no almoço do domingo. Foi o que aconteceu: delicioso o peixe e o gesto de carinho.

No café do *Clecí*, nova amizade. Rápida, intensa. Me contaram tudo da cidade, da família. Me serviram um café com leite e uma tapioca com banana. Maravilhosa amizade. Retornei na segunda feira e o *Clecí* me disse: “senti vontade de te procurar na pousada para você vir almoçar conosco no domingo”. Engoli o choro. Eu havia falado do açaí em São Paulo, ambos decidiram me apresentar o açaí no interior da Amazônia. Comi na 2ª e na 3ª feira. Não consta açaí no cardápio do pequeno café do *Clecí*.

De barco, os professores demoraram 3 dias para chegar de Manaus a Manicoré. Na segunda feira encontrei apenas o diretor (gestor) na escola. O isolamento social a propósito do Coronavírus lançava sinais. Eu não sabia de nada, um geógrafo_andarilho ocupado pela floresta. Na terça feira chegaram os professores/as. Trabalhamos o dia todo na escola, nosso encontro foi forte. Ouvi a equipe escapando da pauta pré-definida na tentativa de fazer aula: colocar em movimento a matéria pensamento. Lemos alguns textos, estudamos juntos, vimos um curta metragem e um vídeo clipe. As conversas foram intensas, nosso dia de trabalho foi leve apesar da tensão, do medo, das incertezas com relação à pandemia. Conversei com alguns estudantes também. Tudo indígena, até quem não era. A escola era impressionantemente grande, bem equipada com piscina, quadras cobertas, arena de teatro, muita comida, área verde. Tudo muito novo.

Escola e cidade. Ouvi de um taxista, pai de aluno, que a escola é ótima. Elogiou a merenda. Disse que o diretor da escola é rigoroso, que os estudantes não saem mais cedo, que frequentam as aulas. Disse também que conhece bem a escola, que frequenta e que, a convite do diretor, “a cozinha é muito asseada”.

Gentileza e hospitalidade. Os encontros começam com uma certa doçura, basta puxar conversa com qualquer pessoa e será correspondido com sorriso e prosa. Não há fronteiras muito definidas entre o espaço privado e público. As fronteiras são móveis, líquidas, diluídas. Muitos “restaurantes” funcionam na sala das casas. Frequentá-los é (de certa maneira) estar na casa das pessoas. A chegada de ‘estrangeiros’, de ‘estranhos’ é percebida e vira assunto.

Vi pesca e coleta na Floresta, há produção de melancia, mandioca, açaí e farinha de mandioca por todo canto. Há atividade comercial na cidade. Todo abastecimento da cidade passa pelo porto.

A relação com o tempo parece outra. O deslocamento entre áreas urbanas se conta em dias. Tudo parece correr mais lentamente, dá tempo de respirar e pensar. É comum ver as pessoas balançando em redes e sentadas em cadeiras na porta das casas, conversando ou olhando qualquer coisa, o movimento, o tempo, as nuvens... Penso na capa do livro do professor Jorge Larrosa: “esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor”. Professorar aqui compreendido também como andarilhar, como conversar, como partilhar o tempo e o espaço, como provocar o outro com palavras e gestos num exercício de revelação de algo inédito. Em Manicoré/AM, há que se esperar! Sinto que nem a TV, nem a internet, nem os negócios conseguem impor a aceleração como nas grandes cidades. Sinto que as pessoas aceitam o tempo da natureza: no tempo das chuvas, no tempo das águas, na temporada do açaí... é melhor de pescar a pirapitinga ou o matrinxã. No tempo da seca, no tempo da chuva... A alegria de conhecer uma cidade_escola_cidade_escola onde há sinais de que o tempo ainda não está completamente colonizado pelo negócio.

Mais um dia inteiro fluindo nas águas do rio Negro. Encontrei Manaus muito diferente e, depois de longa espera no aeroporto, depois de um voo turbulento, encontrei o aeroporto de Guarulhos completamente vazio. E São Paulo, a cidade fantasma. O isolamento social exigiu andarilhagens_outras.

Com Michel de Certeau, pensamos a cultura como sendo uma obra mais essencial do que seus suportes e suas representações, uma desapropriação da cultura às ‘práticas de significação’. Uma espécie de apagamento da propriedade e do nome próprio, abrindo espaço para a criação. Percebemos que a origem da criação é sempre mais antiga do que as autorias, supostos sujeitos, e ultrapassa as obras. Nesta perspectiva da criação, toda obra tem um fechamento provisório: é necessário encerrar, dar uma forma ao que se produz, torna-la produto. Mas as forças da criação permanecem, são como ventos Alísios, é como diz *Alberto Caeiro* no poema *O Guardador de Rebanhos*. Compreendemos, com a ajuda desta figura do vento, que uma indeterminação se articula permanentemente com as determinações e, neste jogo tenso, as diferenciações vão acontecendo. Assim queremos pensar as ações, as luta na contemporaneidade. Este paradoxo determinação_indeterminação exprime uma contradição própria da ação política enquanto esforços de adesão e de participação. Se o sujeito precisa organizar a sua ação orientado e sustentado por uma racionalidade, ele descobre que o seu agir vai acontecer em um chão povoados por outros seres igualmente iniciadores e, portanto, marcado de incertezas e riscos. Para formular sua ação, o sujeito recorre à razão. Mas a realidade demanda uma habilidade para lidar com a incerteza, habitar neste campo da dúvida sem se deixar abater por algum estado de terror. O autor enfatiza que não existe uma cultura feita no singular, o que existe é uma pluralidade de agenciamentos de sentidos se reunindo sob as formas dos arranjos culturais.

Com *Certeau*, olhamos para a sociedade como uma espécie de viagem a terras estrangeiras e, aceitando sua provocação, pensamos as relações estabelecidas entre as *redes de operações* e os *campos de credibilidade*. Não há uma coerência, há um atravessamento de lado a lado como empilhamentos de fragmentos, como misturas que as instituições permitem alguma gestão. As instituições culturais (dentre elas a escola e a cidade) são concebidas como apenas uma das instâncias de ação em “obra”, como numa combinatória de forças que estão competindo ou conflitando e, desta maneira, desenvolvem-se muitas táticas em espaços organizados, ao mesmo tempo, por coerções e por contratos. As instituições estão articuladas com duas instâncias: 1) uma antropologia da credibilidade (seus desdobramentos e metamorfoses) e 2) uma ciência tática (das maneiras de fazer, lances felizes, destreza e ardis cotidianos). (Certeau, 2012)

Para ele, “a cultura pode ser comparada com essa arte, condicionada pelos lugares, regras e dados; ela é uma proliferação de invenções em espaços circunscritos” (idem, p19). O autor estuda o tema da autoridade e da crença sempre articulados com as instituições sociais, pois ele está interessado no exercício da política acontecendo nas experiências mais variadas, sempre incertas, se dando no convívio social. Estamos pensando a pluralidade da cultura em suas relações com a ação política. Considerando que a ação política depende, em alguma medida, do que acontece no campo da linguagem, podemos dizer que o fazer político está atravessado por aberturas ou interdições produzidas em uma dinâmica de sentidos, que se fazem presentes, e que têm a sua materialidade em um funcionamento de linguagem. Em nosso estudo, a cultura que está para a cidade assim como a educação está para a escola.

Pensando autoridades e autorizações

Ainda com Certeau, percebemos que as autoridades são necessárias para a sustentação das sociedades, percebemos que a autoridade é como o ar que a sociedade respira. As autoridades permitem: 1) uma comunicação social, pois fornecem outras vias possíveis; 2) uma criatividade social, pois fornecem para ela referências comuns. Por comunicação e criatividade sociais queremos pensar o exercício das autoridades como abertura de possíveis, de vias possíveis, de espaço para que a invenção, que a criação humana se apresente e daí emergja uma novidade. Mas as autoridades também degeneram configurando um problema para uma sociedade. O descrédito que atinge os quadros de referência, nos informam de uma mutação acontecendo no campo do crível. Para estabelecer a verdade e reconquistar, em seus fundamentos democráticos, uma organização social da autoridade, é preciso coragem de ver e de dizer, de falar, de comunicar aquilo que estão vendo. São pessoas que

contestam as terapias desprezíveis que anestesiam uma sociedade, que alimentam uma irresponsabilidade para dela tirar proveito e que exploram um mal-estar para benefícios imediatos, cujas consequências a longo prazo são por demais desprezíveis. (idem, p. 25)

Vamos olhar um pouco mais atentamente: o autor sugere que a autoridade é uma construção social. Uma autoridade não cai do céu, uma autoridade material não é ungida por um suposto poder divino. Portanto, estabelecer uma verdade em seus fundamentos democráticos, é constituir autoridades que

encarando a realidade, tenham a coragem de falar o que veem. Mas o que veem? De onde vem a coragem para dizer o que veem? De seu fazer em movimento, de sua luta com os seus, de sua ação na comunidade, operando com... *co_operação*. É neste processo de fazer e ser feito que a autoridade vai se produzindo, vai nascendo no reconhecimento dos seus pares. Nesta ligação umbilical com a realidade, a autoridade assim constituída percebe, fareja, enxerga as enganações, as ideologias, as 'terapias desprezíveis' e aqui colocamos as aulas de projeto de vida em pauta das reformas no ensino promovidas pelo Ministério da Educação sem lastro em nenhuma área do conhecimento, temática obscura que, conforme observamos, acaba se tornando na prática uma espécie de auto ajuda e conhecimentos feito espumas ao vento e humores do mercado com empreendedorismo, individualismo e meritocracia. As aulas de projeto de vida como uma espécie de *coach*, mesmo havendo (e há) professores com a melhor das intenções. Terapias que anestesiam uma sociedade.

Há também forças de cooptação, de desestabilização, forças que desacreditam as autoridades. Essas forças capturam as autoridades legitimadas no movimento mesmo da luta social colocando-as na prisão da mera representação. Isso também pode acontecer quando autoridade e comunidade se distanciam. Diante da constatação do descrédito das autoridades, o que fazer? Se as autoridades permitem que cada um articule a sua relação com os outros e a sua relação com a verdade, a credibilidade também vira representação: uma credibilidade_*falseada*.

Pensando o não crível em Michel de Certeau

Está muito difícil acreditar (em qualquer coisa) neste contexto social em ruínas. As crenças estão desmoronando e as verdades que sustentavam as convicções, as confianças, estão abaladas. Caíram os valores que apoiavam as adesões e, conseqüentemente, apoiavam também todo um sistema de dispositivos de participação. É comum ouvir que não se acredita mais:

- não acredito nas vacinas.
- não acredito que a Terra é redonda.

Como isso aconteceu? Vejamos o que acontece no contexto político brasileiro desde o impedimento de uma presidenta sem crime, ou mesmo um pouco antes com a recusa do candidato derrotado no segundo turno das eleições majoritárias, levando o pleito para o tapetão, procedimentos para desqualificação e criminalização de lideranças e quadros de referência no cenário nacional (para ficar apenas num exemplo) sobretudo por parte das grandes empresas de comunicação no Brasil. Por todos os lados vivenciamos o descrédito das autoridades, e os valores democráticos vão se esvaziando. Como num prédio em ruínas, haveriam sinais, indícios, pistas de seu desmoronamento como estalos, trincas, rachaduras? Percebe-se quando está feito, depois de ser impactado pelos resultados do desabamento, pela vista do terreno onde havia uma certa edificação. Assim, o descrédito das autoridades é vivenciado por nós. Percebemos seus sintomas:

os dogmas, os saberes, os programas e as filosofias perdem sua credibilidade, sombras sem corpos que nem a mão, nem o espírito podem capturar e cuja evanescência irrita ou engana o gesto que ainda os procura (idem, p.26)

E a desvalorização se alastra deixando apenas uma espécie de rastro, uma ilusão ou vontade dar sustentação aos valores.

Mesmo entre aqueles que repetem a necessidade de sustentar verdades ou instituições ocorre um deslocamento: o apoio fica apenas na necessidade, sem lastro na realidade da necessidade. Afirma-se que é indispensável uma ordem. Clama-se pela confiança (como condição de prosperidade) mas falta convicção. Há estranhas inversões que produzem relações de apego e não relações de confiança. Apega-se às expressões e não mais ao que elas exprimem, aos benefícios de uma adesão mais do que a sua realidade. É como se uma utilidade ocupasse o lugar anteriormente ocupado pela verdade, pelo crédito. Então pensamos uma participação política na chave da utilidade apenas. Esse deslocamento não pode ser ignorado pois participar da vida política de uma escola, de uma cidade, na lógica da utilidade é muito diferente de participar desses espaços coletivos de construção e de decisão na perspectiva da crença. Acreditar em algo, nos encontros, nas instituições, acreditar nas pessoas, fiar_com, produz aberturas, mas a utilidade captura os movimentos e estrangula, e reduz as possibilidades ao atingimento de objetivos e metas, às utilidades. Uma escola que apresenta as metas a serem alcançadas no IDEB para atingir os objetivos da Secretaria de Educação, por exemplo, e coloca todos os esforços de professores, pais, mães e alunos nisso... e não se trata de discutir se tais objetivos e metas são bons ou são ruins mas pensar nisso enquanto inversão, ou seja, o que fica de fora quando se opta por isso, ou problematizar de fato todo um sistema político que coloca as escolas em competição, objetivar essa questão como matéria de estudo. Qual o sentido disso para os estudantes? Há sinais da contradição: ocupações aconteceram no dia do SARESP! Mas os gabinetes de onde as decisões políticas são tomadas, os tecnocratas da educação e os políticos de gabinete, esses mesmo que se beneficiam do abandono da ágora, do esvaziamento do debate público, que apostaram na desqualificação da política, comemoram o crescimento de 0,5 pontos no ideb. Comemoram ter ultrapassado a outra rede numa corrida insana onde parece que o povo não ganha nada. Mas mostram suas conquistas vazias em lindas peças publicitárias numa mensuração estúpida que mais parece um jogo de interesses privados. Quais respostas teríamos caso essa questão do ranqueamento das escolas fosse pautada numa assembleia de estudantes_em_ocupação? Discutindo inclusive premiações, bonificações e demais recompensas.

Ao mesmo tempo, muitos não aceitam mais um espetáculo imposto em nome da utilidade; pois diante do desfile das autoridades, gritam⁴⁵ que a autoridades estão nuas. Autoridades reduzidas à mera representação, apenas representam como um péssimo ator que não consegue, sobre o palco, dar vida a um personagem.

ESQUINA. 3 roteiros

A Companhia das Letras lançou em dezembro 2020, o livro *Três Roteiros*. Ao trabalhar com esse material, com o livro e com as entrevistas a propósito do lançamento, sentimos como se acessando um pouco o processo criativo do artista. O livro apresenta os roteiros originais dos 3 longas: *O Som ao*

⁴⁵ Do conto de Hans Chistian Andersen, “A roupa nova do rei”.

Redor, Aquarius e Bacurau. Ocorre que o trabalho de direção de *Kléber Mendonça Filho* abre possibilidades para modificações do roteiro original. Ele comenta que os atores vão melhorando o roteiro durante o processo de criação e constituição dos personagens, nos ensaios e mesmo na hora da gravação porque, à medida que entram nos personagens, à medida em que constroem os personagens, vão melhorando o filme. Portanto, o roteiro não é o filme em si. Um filme não se faz na aplicação de um roteiro, um filme se faz no fazimento mesmo, na ação da produção, na ação dos atores e atrizes, na ação de figurantes, tudo **a partir de um roteiro** que materializa uma história criada (falamos de criação artística) nos atravessamentos cotidianos da vida do roteirista. O Som ao Redor⁴⁶, primeiro longa-metragem de Kléber, acontece no bairro, na rua e até mesmo na casa onde ele morava com sua família. O desfecho de *Aquarius* foi refeito, reconstituído durante as gravações; Toda cena da chegada do prefeito para fazer campanha eleitoral em Bacurau foi refeita, reconstituída, completamente modificada. Kléber reescreve o roteiro durante as filmagens.

Nos melhores dias, acredito que o roteiro é uma peça de literatura, certamente peculiar. Roteiros talvez tenham uma textura telegráfica, mas ainda assim podem ser capazes de apresentar um fluxo claro de ideias e sugestões maliciosas como qualquer bom texto. Ideias de cinema embutidas em observações sobre gente e mundo. Descrições compactas de sonhos ou pesadelos. (MENDONÇA FILHO. 2020, p.10)

Este cruzamento nos permite pensar a cidade no movimento de fazimento e refazimento constante. Nos permite pensar a escola no movimento de fazimento e refazimento constantes. Pensamos que subjetividades também estão no movimento de fazimento e refazimento. Gilberto Gil sacou isso na trilogia do RE: Re_fazenda, Re_favela, Re_alce. É sempre fazer e refazer num movimento sem fim. A cidade é processo, a escola é processo, subjetividade é processo. E processos são andarilhagens, atravessamentos, são ações_ações-outras_outros-em-ações. Considerar a escola e subjetividades em mútua implicação,

fazer escola e se fazer escola
fazer na escola e se fazer na escola
fazer cidade e se fazer na cidade
fazer na cidade e se fazer cidade
fazer e ser feito num movimento constante em mútua implicação
tudo junto e misturado.

Cidades e escolas consideradas extremamente institucionalizadas e burocratizadas, acabam por capturar os movimentos. Eis o paradoxo colocado por *Félix Guattari* em *A Restauração da cidade subjetiva*:

Tudo circula: as músicas, os slogans publicitários, os turistas, os chips da informática, as filiais industriais e, ao mesmo tempo, tudo parece petrificar-se, permanecer no lugar, tanto as diferenças se esbatem entre as coisas, entre os homens e os estados de coisas. No seio de espaços padronizados, tudo se tornou intercambiável, equivalente. Os turistas, por exemplo, fazem viagens quase imóveis, sendo depositados nos mesmos tipos de avião, de quartos de hotel e vendo desfilar diante de seus olhos paisagens que já encontraram cem vezes em suas telas de televisão,

⁴⁶ Nossa leitura analítica de *O Som ao Redor* como parte desse estudo_pesquisa, está disponível em <<http://blogdoivanrubens.blogspot.com/2022/01/o-som-ao-redor.html>>.

ou em prospectos turísticos. Assim, a subjetividade se encontra ameaçada de paralisia. (GUATTARI. 2012, p. 149 e 150)

O falso nomadismo de Guattari é falsa a impressão de movimento, é enganosa, é um movimento que, na verdade, paralisa: tudo se mexe mas nada acontece. Guattari continua:

O que podem esperar é reconstituir uma relação particular com o cosmo e com a vida, é de “recompôr” em sua singularidade individual e coletiva. A vida de cada um é única. O nascimento, a morte, o desejo, o amor, a relação com o tempo, com os elementos, com as formas vivas e com as formas inanimadas são, para um olhar depurado, novos, inesperados, miraculosos. (GUATTARI. 2012, p.150)

Assim, partindo dos roteiros do Kléber, pensamos que cidade e escola podem aprisionar. Ao contrário, queremos pensar cidade e escola como aberturas para possibilidades de criação. Gestores escolares que não compreenderam a oportunidade que a tal da Reorganização proposta pelo governo do estado de São Paulo e não se colocaram no entre_interesses, acabaram optando pelo interesse do estado e interditar o movimento dos jovens e das jovens estudantes. Não compreenderam o movimento e não se permitiram re_construir a escola, não se permitiram re_pensar a escola_com_juventude. Como vimos na experiência das ocupações de escola, nem a polícia com sua força opressora e violenta conseguiu conter, impedir, interditar as forças que mobilizaram milhares de jovens em centenas de escolas. Em nossa modesta análise, ocupar escola foi um processo de abertura de possibilidades, foi abertura para devir considerando o fazimento, o re_fazimento, as fazendas e re_fazendas todas. Os depoimentos que coletamos sobretudo nos documentários e leituras nos mostraram que as ocupações foram grandes acontecimentos para os estudantes. Esse protagonismo é o que importa.

Os roteiros do Kléber nos provocam a pensar nos roteiros de aula, nos planejamentos urbanos, nas rotas do indivíduo⁴⁷. Um roteiro pode ser o muro do condomínio, um roteiro pode ser as grades de uma escola, os roteiros podem ser a liberdade cerceada do shopping center e sua segurança privada. Um roteiro pode ser a reorganização das escolas como proposta pelo governo do estado de São Paulo. Por outro lado, um roteiro pode ser apenas baliza, pode ser corrimão que dá apoio ao movimento de subir e descer as escadas. Assim pensado, um roteiro de aula, por exemplo, pode deixar espaços para o pensamento, pode dar tempo para o pensamento pensar, e pode provocar o pensamento a pensar. Um bom roteiro é aquele que convida para a criação. O roteiro que nos interessa é aquele que convida a pensar, que cria as condições e provoca o pensamento a pensar. A aula que nos interessa é quando acontece a dança do pensamento.

⁴⁷ Travessa: trilha sonora para este trecho seria a canção *Ferrugem ou A rota do indivíduo*, de Djavan.

Para Michel de Certeau, alguns intelectuais, amedrontados pelo desmoronamento dos valores, da crença e das autoridades, chegam a defender a manutenção da ordem e recusam o exame a ser feito sobre as autoridades para que elas possam ser aceitas, isto é, para cumprir o seu papel. Agindo assim, tais intelectuais esquecem que essa ordem só pode alcançar a legitimidade por meio das adesões e por meio das participações daqueles que ela organiza. Certeau prefere a lucidez daqueles que buscam as autoridades responsáveis começando por um exame de situações reais pois a ilusão não levará à veracidade. Estamos tocando na presença porque representar não é necessariamente dar vida a. Estamos pensando autoridade no sentido de autorização, de autorizar-se, se sentir autorizado como um autor que fala da sua própria obra. Exemplos não faltam nos documentários: estudantes falando com convicção daquilo que fizeram e pensaram durante as ocupações. Ou nas inúmeras entrevistas que vimos a respeito do longa-metragem *Aquarius* e mesmo dos outros filmes e curtas do Kléber: diretor, roteirista, produtores e produtoras, atores e atrizes, sobretudo Sônia Braga, falando de seus personagens e suas tramas com muita convicção, com muita verdade. Interessante perceber neste ponto que atores e atrizes apresentam uma verdade falando de uma ficção. A verdade pode estar na criação. Autoridades se constituem no fazimento coletivo, no trabalho em obra, sentem-se autorizados no seu respectivo coletivo em obra, sentem-se autorizados por si mesmos, sentem-se autorizados no sentido de uma autorização mas também no sentido de uma autoria. A autoridade de quem criou algo. Uma certa autoridade de quem criou algo.

ESQUINA/TRAVESSA/CRUZAMENTO com Bethânia e Chico

Chico Buarque de Holanda e a cantora *Maria Bethânia* durante a turnê registrada num disco de 1975. *Bethânia* tem origem no teatro, chegou ao Rio de Janeiro em 1964 para substituir *Nara Leão* no musical *Opinião*⁴⁸ contracenando com *Zé Ketti* e *João do Vale*. *Chico* se dizia apenas um cantor popular. Durante a turnê, *Chico* conta que se despedia de *Bethânia* no camarim para, em seguida, re_encontrá-la no palco como uma espécie de deusa da música encarnada. A arte nos traz um bom exemplo: a intérprete que canta com o corpo e com a alma, que acredita na força da música, que se coloca também como um instrumento a favor da arte, uma cantora que se dedica à música com vistas à perfeição (quero aqui dizer perfeição como sublimação, como nos convida a pensar *Richard Sennett* em *O Artífice*), tem uma força incrível. Quem ouviu *Elis Regina*, *Clara Nunes*, quem pode ouvir *Maria Bethânia* ao vivo talvez entenda esse exemplo. Parece que essas cantoras, assim como *Clementina de Jesus* ou *Ivone Lara*, mexem com quem ouve, como se nos levassem a alcançar um outro patamar estético. *Chico Buarque* se perguntava no palco, segundo depoimento dele mesmo: Mas quem é essa mulher?

Em *O Artífice* (2013), *Richard Sennett*, que foi aluno e amigo de *Hannah Arendt*, sustenta a tese de que as pessoas podem aprender sobre si mesmas através das coisas que fazem, portanto, a cultura imaterial é importante. “podemos alcançar uma vida material mais humana se pelo menos entendermos como são feitas as coisas” (Sennett, 2013, p.18)

⁴⁸ dirigido por Augusto Boal, produzido pelo Teatro de Arena e por integrantes do Centro Popular de Cultura da UNE.

Causas para lutar

Muitos militantes buscam uma causa que mereça a sua generosidade, sua dedicação, que mereça sua energia de vida pois precisam de referências críveis que sustentem sua construção, sua luta. É preciso ver para crer, dizem alguns. Aprendemos com o pensamento na floresta tropical brasileira que é preciso crer para ver. Nossa andarilhagem tem demonstrado que igualmente é preciso *crer para lutar*. Sem crédito, militantes sem causa, militantes partidos ao meio⁴⁹ são uma espécie de geração de “meio-soldos”, soldados pela metade pois não conseguem estar na ação por inteiro. Há aí uma falha de pertencimento e de reconhecimento. São militantes meramente reprodutores, interditados em sua potência, presos talvez num passado cuja repetição de rituais já não doam sentido para sua ação no mundo. Lhes falta presente, falta-lhes presença. Estão presos num trabalho cotidiano, numa ação cotidiana que, vazia de sentido no presente, serve como mera repetição, como tentativa de atualização de algo que já não produz nada de novo. As instituições produzem ainda ‘meios-soldos’ e produzem, em grandes quantidades. É como se um espírito (aqui compreendido em sua etimologia: respiração, sopro, coragem) desertasse à cidade, esvaziando os edifícios das instituições. Certeau fala em exílio:

Monumentos cujos conservadores nomeados julgam guardar a verdade exatamente por aqueles que se querem abandonadas exatamente por aqueles que se querem fiéis a uma exigência da consciência, da justiça ou da verdade. Aquele que emigra, por vezes com grande barulho e protestos, porém o mais das vezes silenciosamente como uma água a escorrer, é a adesão – a dos cidadãos, a dos filiados a um partido ou a um sindicato, a dos membros de uma Igreja. O próprio espírito que animava as representações as abandona. Ele não desapareceu. Está em outro lugar, no estrangeiro, longe das estruturas que sua partida transforma em espetáculos lamentáveis ou em liturgias da ausência. E se tantos personagens importantes empregam hoje um tom ameaçador ou lamentoso para protestar aos céus contra um tempo desprovido de virtudes, não é, segundo a imagem do profeta, porque o “espírito” não mais exista; é somente porque ele não mora mais com eles. Ele não falta. Ele *lhes* falta. (CERTEAU, 2012, p. 29 e 30)

Assim chegamos a uma situação perigosa em seu paradoxo. Toda fermentação cultural e política real, em exílio, as consequências da dissociação entre linguagem social e aqueles que renunciam pronunciá-la, podem dilacerar o tecido cultural. Há um Estado violento que faz prosperar a violência. São polarizações, contrários em oposição violenta, fecham-se em posições extremadas. Outras consequências são observadas: o Estado busca se desenvolver nos seus últimos redutos; caem as máscaras daqueles que exploram as instituições para fins utilitários; desmoraliza os homens e mulheres que aderem às instituições por convicção; para uns, é falar em meio a ruínas; fica evidente a preguiça daqueles que esquecem as responsabilidades (solidão, enfermidade, correria aparecem como álibi); outros se tornam inflexíveis qualificando como diabólica a objeção mais sensata. Estão todos fechados em posições extremadas.

⁴⁹ Pensamos com Ítalo Calvino em O Visconde Partido ao Meio.

Ocorre, contudo, uma recusa da não-significação. O autor fala do esvaziamento das autoridades na opacidade da representação: “Campo e cidade – e não somente sindicatos ou universidades – são povoados de silenciosos. Não por carecerem de ideias e de discernimento! Mas suas convicções não constituem mais adesões” (idem, p.32). Os supostos representados emigraram, evadiram, desertaram, deixando a suposta autoridade vazia de representação. O simples fato desse movimento silencioso não ser percebido pela autoridade, pelo representante, demonstra como o distanciamento, o desligamento orgânico aconteceu silenciosamente e a autoridade nem percebeu. A distância já estava se apresentando, foi aumentando até romper. Este silêncio criado pela falta de convicção, de crédito, torna essa multidão calada fácil de mobilizar por meio dos interesses mais imediatos e dos movimentos mais táticos, movimentos capturados por objetivos e metas de curto prazo. Silenciosos e representantes, representantes e silenciosos vão estabelecendo mobilizações ilusórias, são as fachadas de construções em ruínas. A recusa da não-significação se expressa em formas de violência mais complexas:

(...) a violência nasce, inicialmente, de uma rebelião contra as instituições e as representações e se tornaram ‘não críveis’. Ela recusa o não significado. Ela diz não ao absurdo. Ela defende um ‘outro país’, privado de signos e desprovido de direitos. (idem, p 33)

Por trás da cólera há o desejo de criar uma pólis e uma política, uma vontade de organizar as condições de vida em função de motivos reais. Ouvimos recentemente no Quilombo do Vão Grande⁵⁰, em luta pela preservação do rio Jauquara vivo e livre de interdições por meio de barragem: “a verdade está na palavra que nascem no coração!” Este povo em luta pela água, pelo rio livre e pela vida confirma a necessidade de signos críveis, resultados da experiência, condição de sua luta, ação em cooperação. São revoluções ocultas que, entre outras coisas, produzem novas referências para o coletivo voltar a se organizar, novas representações e novas credibilidades que emergem na experiência coletiva em movimento. Tais credibilidades nascentes são fundamentais na vida social. Pensamos com Michel de Certeau numa geografia das palavras, uma topologia da ação, estamos entre palavras (e textos) ou entre pessoas (que também são representantes). Este autor nos convida a pensar que os poetas, essas pessoas que conseguem pintar as palavras com as cores da beleza, são capazes de criar aberturas por onde o mundo pode se transformar para melhor. As palavras poéticas articuladas à luta constituiriam um espaço novo, um mundo habitável. Assim, tornar crível é “fazer o impossível passar a ser possível, verdadeiras autoridades. A vida cotidiana, assim como a política ou a filosofia, conhece essas autoridades que abrem novos campos ao pensamento e à existência coletiva” (idem, p.36). A autoridade da arte produzindo novas maneiras de pensar. A arte aqui compreendida como criação de possíveis, tem força de autorização.

Se de um lado, as autoridades que o poder tenta produzir por meio da propaganda e das peças publicitárias, e daí derivadas tentam impor o que falar, por outro lado as poéticas sociais despertam e exprimem autoridades emergentes num trabalho secreto de produção de novas significações e sentidos. Nestas expressões de arte, as palavras comparecem em condição de mudar modos de vida.

⁵⁰ Localizado no município de Barra do Bugres/Mato Grosso.

Uma espécie de murmúrio, um quase som, uma sobra de linguagem com força organizadora de uma língua verdadeira e transformadora. Nesse sentido, uma autoridade repousa sobre uma adesão, uma questão de fé aqui compreendida como uma crença, um crédito: é acreditar!

Neste fluxo, queremos pensar a vida social a partir do papel social exercido pelas autoridades sociais. Uma autoridade (preferimos não utilizar a palavra liderança) qualquer, popular, uma agente de governo, uma autoridade investida pelo voto por exemplo, quando se institui no crédito, quando é crível, abre perspectivas para a criação, abre perspectivas para possíveis, dá espaço para a abertura de possibilidades. Com esse autor, pensamos que uma sociedade é o resultado da resposta que cada sujeito dá à pergunta sobre sua relação com uma verdade e sobre a sua relação com os outros. É a tensão permanente entre: sujeito e verdade, sujeito e sujeito, produção de subjetividade.

TRAVERSA em Mi menor: Em Mim a Embarcação⁵¹

Em mim a embarcação é irmã mais velha de Movimento Breve. O jogo de palavras é digno de nota: na escrita meio delirante do andarilho_iniciante_letrista, estava: *em minha embarcação*. Ao que parceiro, também letrista, sugeriu: *em mim a embarcação*.

DEU-ME O TEMPO A PACIÊNCIA / FEITA EM MIM A EMBARCAÇÃO / SOBRE O MAR DA
EXISTÊNCIA / VIM REMANDO DA ILUSÃO / DE UM TEMPO À DERIVA APRENDI / QUE O MAR
ARREBENTA E PASSA / E O LEME É DE QUEM RESISTIR / QUANDO A SOLIDÃO DISFARÇA /
NAVEGANTE EU SEI QUE SOU / E ESPERO AMANSAR A MARÉ / CONFIANTE QUE O AMOR /
ANCORE SEGURO ONDE A VIDA DER PÉ

QUERO UMA NOVA EMOÇÃO / COMO SE EU FOSSE UM MARUJO APRENDIZ / E UM NOVO AMOR
EMBARCANDO / NO MEU CORAÇÃO NA ROTA MAIS FELIZ / COM AS MARÉS SEMPRE
TRANQUILAS / E OS BONS VENTOS A FAVOR / SINGRANDO SONHOS E AVENTURAS /
VELEJANDO SEM TEMOR

E O AMOR COMANDANDO A PROA / E UMA NOVA TRIPULAÇÃO / SEM PLANO, SEM HORA / COM
OUTRAS HISTÓRIAS / VIVA EM MIM A EMBARCAÇÃO.

Essa canção feita num movimento mais esquivo, parece trazer ovos de devir (ROLNIK, 1993).

Este estudo é um tanto visceral. Uma espécie de elaboração, às vezes por estrangulamento, que foi ganhando sentido no divã e na academia. Uma andarilhagem, um certo nomadismo que vai criando uma forma de vida em trânsitos pelo mundo. Fazer trânsitos e transitar em si. Transitar em_si_mesmo. E a arte, sobretudo a música, aparecendo aqui como marcas tácteis desta nossa cartografia.

⁵¹ de Rabicho Luís e Ivan Rubens. Rabicho é um sambista da zona Leste de São Paulo, foi amigo e parceiro de Zé Ketti.

O bom mestre dá uma explicação satisfatória;
O grande mestre gera dúvida, inquieta, provoca a discussão.
(Richard Sennet)

Outro jeito de pensar subjetividade: uma tentativa de ser professor.

Ao longo deste texto_tese, cidade, escola e subjetividade foram apresentadas como as linhas que sustentam este nosso estudo. Agora vamos apresentar uma tentativa de entrelaçamento dessas linhas. Melhor falar em experiência porque aconteceu meio que ao acaso, sem um planejamento anterior. Aconteceu.

E na praia é que se vê, a areia melhor pra deitar
Uma cerveja antes do almoço é muito bom pra ficar pensando melhor
E é vida praieira!!!
(Chico Science e Nação Zumbi)

Aconteceu em Trancoso, Porto Seguro/Bahia/Brasil. O andarilho ministrava aulas de Educação Ambiental numa ONG para um grupo de 10 jovens no contraturno escolar. O projeto era financiado por um grande hotel situado no Quadrado. Quadrado é o nome dado ao urbanismo comum naquela região. Andarilhagens aos quadrados em Porto Seguro, Arraial d'Ajuda, Vale Verde etc. Sempre o mesmo desenho: um retângulo grande ladeado por casas, uma igreja católica numa das faces menores, o grande espaço livre no centro. Em Trancoso, o cartão postal se apresenta tanto no quadrado quanto ao fundo da igreja datada do século XVII-XVIII. Sobre a falésia, uma vista maravilhosa da praia, do mar, do horizonte. O processo de urbanização recente obedece a lógica do capital: grandes grupos econômicos compram as casas dos antigos pescadores, restauram as fachadas mantendo o aspecto rústico. A indústria do turismo cumprindo seu papel: hospedagens caríssimas, muitas vezes cobradas em dólar ou euro, muita gente vinda da Europa. Dentro das casas, luxuosos hotéis, marcas caríssimas, restaurantes requintados e alta gastronomia.

Cena 1: o andarilho participa da reunião de *brainstorming* (para ele era o *toró de palpites* para pensar coletivamente e inventar uma atividade) com o objetivo de *planejar* o evento de aniversário da ONG. “Que tal homenagear os griôs?” Sugestão aceita.

Um grande evento foi organizado em pleno quadrado. Uma atividade na praça pública onde os velhos receberiam uma flor e um mimo da ONG financiada pelo Hotel de altíssima tarifa. Recebidos os mimos e as flores, os Velhos e Velhas poderiam agradecer ao microfone. Sugestão aceita. “Por que mesmo vamos homenagear os griôs?”, perguntou o desentendido andarilho. Griôs são um tanto da história do lugar encarnada. Em resumo, disseram que as casas ali no quadrado eram habitadas pelos pescadores e suas famílias que viviam da pesca, da coleta de caranguejo, da mandioca, da banana, das frutas e da roça. Era uma vida muito difícil mas ninguém passava fome. Hoje não são bem vindos no quadrado porque não consomem nada do que se vende ali.

Cena 2: visita ao hotel de luxo no Quadrado.

O andarilho_tentando_ser_professor e os/as 10 jovens participando de uma visita guiada no hotel de luxo que financiava o projeto. Algumas revelações: a ONG oferecia curso de inglês, vimos no hotel trabalhadoras jovens, negras, de cabelo afro, bem vestidas e falando inglês numa simulação de trabalho artesanal no tear, oferecendo perfumes e essências, mostrando as maravilhas do fogão a lenha, da culinária baiana e as técnicas construtivas como a taipa de sebe, a taipa de mão, o pau a pique. A fisionomia de alguns jovens se alterava, e uma menina paralisada diante de um quadro: na parede da cafeteria do hotel estava a foto da avó falecida. Avó que viveu ali, vendeu a casa para o hotel: “eles nem tiraram a foto da minha avó da parede”.

Como um andarilho estuda a questão ambiental num lugar paradisíaco? dentro de uma sala minúscula com um ventilador barulhento? O convite foi para encontrar o meio ambiente em Trancoso! Qual? Aos poucos a andarilhagem começou: andar, parar, olhar, conversar, banhar no rio, banhar no mar. Observar o turismo, as contradições, o turismo feito indústria. Conhecer um pouco mais a história viva do lugar. Os e as jovens conversavam com pais, mães, avós, tios e traziam histórias da vida que se materializava naquele pequeno distrito. Estava em curso a produção de um plano comum... Para abordar o tema da sustentabilidade, andarilharam na palavra e no conceito, nas contradições que apareciam entre as histórias dos/as velhos/as, a visita ao hotel de luxo e a vontade da ONG de retirar as garrafas pet da praia e do mangue: de que sustentabilidade estão falando?

Este corpo de lama que tu vê, é apenas a imagem do que sou.
Este corpo de lama que tu vê, é apenas a imagem que é tu.
(Chico Sciense e Nação Zumbi)

Diziam os velhos: “quando sento para tomar uma cerveja na praia, eles nem me atendem direito. Essa praia era toda dos pescadores.” Nos seus momentos de solidão, ecoava o maracatu distorcido do *movimento mangue beat*⁵² e a voz do Chico Sciense. O andarilho aceita o atravessamento. Em grupo, estudaram o movimento, entraram no contexto da cidade do Recife e as contradições no chão urbano, na ocupação do espaço urbano, passaram a estudar o ambiente de mangue, importante berçário da

⁵² Disponível em < <https://brasilecola.uol.com.br/cultura/mangue-beat.htm> > Acesso em janeiro/2022.

fauna litorânea, e ao mesmo tempo, área disputada para empreendimentos com vista pro mar. Um excelente biólogo, natural de Prado/BA, trouxe conteúdos mais específicos numa aula de campo. A andariagem no mangue aconteceu em basicamente três movimentos: sentir o mangue como pássaros, sentir o mangue como peixes e sentir o mangue como caranguejos.

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife. (trecho do Manifesto Caranguejos com cérebro, movimento Mangue Beat)

Eu mangue, a obra.

Além de trabalhadores bilingues, o setor hoteleiro também demandava mão de obra para registro de casamentos e festas. Um rapaz formado em cinema ensinava as técnicas de fotografia e filmagem e logo os jovens quiseram fazer um vídeo sobre a importância do mangue. Assim surgiu *EUGNAM*, que prefiro chamar *EU MANGUE* – um estudo sobre o mangue em Trancoso.



O vídeo está disponível em <<http://blogdoivanrubens.blogspot.com/2021/07/estudo-sobre-o-mangue-em-trancoso.html>> acessado em 25/julho/2021. Se você estiver lendo a versão eletrônica, basta clicar na imagem.

POSSO SAIR DAQUI PARA ME ORGANIZAR / POSSO SAIR DAQUI PARA DESORGANIZAR / DA
LAMA AO CAOS, DO CAOS À LAMA / UM HOMEM ROUBADO NUNCA SE ENGANA
(Chico Sciense e Nação Zumbi)

Os jovens e as jovens assumiram as tarefas, elaboram o roteiro, filmaram, editaram, produziram tudo. Sobretudo, criaram o roteiro do filme, tomaram a iniciativa e deram ao mundo uma obra inédita. Lidaram com as ajudas oferecidas para “melhorar a produção”, as forças que tentam domar a criação. A cena final é um exemplo disso.

A experiência tentativa_de_professor joga o andarilho num terceiro mergulho no movimento mangue beat, na re_leitura do manifesto do Caranguejo com Cérebro, na obra do grupo Nação Zumbi e, conseqüentemente, na figura de Chico Science. Tal mergulho apresenta uma tentativa de criar um conceito: *marcating*. Algumas leituras do processo criativo de Chico Science entendiam seu personagem como marketing. Olhando em retrospectiva, discordo. Está mais para as marcas de que fala Suely Rolnik. Chamamos de *marcating* o efeito produzido por uma obra em RE que cria uma outra obra. Estamos falando especificamente da re_leitura e da re_gravação que Chico Science fez de Maracatú Atômico. É um re com força de novo. É uma espécie de novidade que já estava lá. Outro exemplo é o efeito da interpretação de Elis Regina: ouvir suas canções gravadas por Elis era como fazer uma música e conhecer duas. João Bosco e Aldir Blanc adoravam, Gilberto Gil se sentia violentado. O *marcating* que encontramos em Chico Science é esse efeito de atravessamento de um RE_com_potência.

DA LAMA AO CAOS, DO CAOS À LAMA / UM HOMEM ROUBADO NUNCA SE ENGANA

O SOL QUEIMOU, QUEIMOU A LAMA DO RIO / EU VÍ UM CHIÉ ANDANDO DEVAGAR / E UM ARATU PRA LÁ E PRA CÁ / E UM CARANGUEJO ANDANDO PRO SUL / SAIU DO MANGUE, VIROU GABIRU / Ô JOSUÉ, EU NUNCA VI TAMANHA DESGRAÇA / QUANTO MAIS MISÉRIA TEM, MAIS URUBU AMEAÇA

PEGUEI UM BALAIÓ, FUI NA FEIRA ROUBAR TOMATE E CEBOLA / IA PASSANDO UMA VÉIA, PEGOU A MINHA CENOURA / "Á MINHA VÉIA, DEIXA A CENOURA AQUI / COM A BARRIGA VAZIA NÃO CONSIGO DORMIR" / E COM O BUCHO MAIS CHEIO COMECEI A PENSAR

QUE EU ME ORGANIZANDO POSSO DESORGANIZAR / QUE EU DESORGANIZANDO POSSO ME ORGANIZAR / DA LAMA AO CAOS, DO CAOS À LAMA / UM HOMEM ROUBADO NUNCA SE ENGANA

Podemos dizer que aqui aparece um Projeto que é Político e é Pedagógico. Não em sua institucionalidade porque, evidentemente, não se trata de uma escola formal, tampouco de uma comunidade escolar. Contudo, percebemos que a andarilhagem aparece como o projeto pedagógico visto que conduziu a uma busca, uma pesquisa, e resultou numa obra: um filme. Contatos posteriores com este grupo sugeriram uma experiência. Disse a jovem Elisa:

A moça aqui do salão (de beleza) está emocionada porque ela nunca viu um professor fazer um negócio desse. É que ela não entende a situação, né? Então estou aqui contando para ela das aulas que a gente tinha, daquela época que a gente ia no mangue, das aulas que a gente fazia lá no mangue. Parece que ela nem acredita no que eu estou contando, do vídeo que nós fizemos. (Elisa em mensagem pelo celular)

Soube, o andarilho, que Maycon hoje é reconhecido passarinho naquela região. Ele reconhece pássaros e acompanha grupos em saídas para observação e audição de aves. Maycon raramente tirava os fones do ouvido. Pelo menos um dos fones ficava no ouvido dele mesmo nos momentos de conversa. O andarilho_professor adotou como material de estudo basicamente dois livros: As três ecologias de Félix Guattari e As 4 ecologias de Leonardo Boff. Os alunos trabalharam com os vídeos disponíveis na internet onde Boff apresenta duas 4 ecologias. Maycon que já se interessava por

pássaros se encontrou nos vídeos, gravou as falas do professor Leonardo Boff em áudio e ouvia à exaustão.

Um PPP compreendido como projeto que se faz no movimento mesmo do grupo. Político porque considera a cidade, se relaciona com ela, olha para a cidade e escolhe aspectos de maior atenção. Pedagógico porque conduz a uma obra, à criação, sobretudo porque dispara processos educacionais que são individuais e ao mesmo tempo coletivos, sobretudo, singulares. Projeto⁵³ Político Pedagógico em movimento é um tipo de andarilhagem.

⁵³ Sem cair nas capturas do projeto como prisão mas como expressão de um movimento que vivo, que vem antes e que continuará...

Notas, cifras, solfejos.

Notas em C (composição)

Em 2020, João Bosco lançou o álbum *Abricó de Macaco*. Este disco tem uma versão comentada onde João se apresenta como compositor. Ele fala do ofício de compositor: “ando com meu violão sempre à mão e procurando situações novas que possam leva-lo a um trabalho novo”. João chega a 50 anos de carreira e afirma: “o processo é sempre o mesmo”. Eu diria que o artista nos apresenta um método: “a um certo momento você sente a temperatura do seu corpo mudar, isso significa que está vindo algo novo aí. Então aparece uma música, que chama outra música, e depois uma terceira, uma quarta, depois uma quinta música. Você já está numa trilha de sonoridades, canções, ideias musicais na direção de algum lugar”. Ainda é uma coisa disforme que, nesse processo, nessa trilha que envolve canções inéditas e canções já existentes, compositores e compositoras, é uma invenção sempre em ré, invenção e re_invenção.

Richard Sennett apresenta *O Artífice* como um livro que trata da arte enquanto uma habilidade artesanal, ou seja, a capacidade de fazer as coisas bem. O violão de João Bosco é inconfundível e isso é resultado de uma vida dedicada a esse instrumento. Em nossa análise, a relação de João com a música, de Gilberto Gil, de Chico Sciense, arrisco a dizer que de todos os compositores e artistas que aparecerem neste texto_tese, não é uma relação meramente utilitária. Trata-se de uma *conditio sine qua non*, uma condição vital que Sennett chama de *engajamento* (Sennett, 2013). Entendemos que as mãos de João Bosco dedilhando e pressionando as cordas do violão durante toda uma vida quase que diariamente, repetindo, repetindo, repetindo, leva seus movimentos à perfeição. Não uma perfeição idealizada mas uma perfeição como singularidade estética: a beleza do som perfeito. Com Sennett percebemos que a composição pode ser compreendida como uma relação íntima entre a mão e a cabeça. “As pessoas podem aprender sobre si mesmas através das coisas que fazem” (Sennett, 2013, p.18). É uma espécie de operário em construção⁵⁴: o operário faz a coisa e a coisa faz o operário. Percebemos neste estudo que o trabalho educacional, escolar ou não escolar, pode afastar cabeça de mãos, mãos de cabeça. Há iniciativas, há projetos educacionais, há PPPs que conduzem a um afastamento entre mãos e cabeça. Há, também, PPPs que conduzem a uma aproximação entre mãos e cabeça. Queremos pensar nas mãos como símbolo da artesanaria, símbolo da ação humana na transformação do mundo, e a cabeça como metáfora do pensamento. Agir e pensar, pensar e agir. Re_pensar e re_agir, num processo sem fim. Considerando o mundo habitado de seres outros, portanto articulando com o outro e com o mundo, com o alter, com os mundos.

Seguindo uma pista que chegou na banca de qualificação, encontramos em Deleuze e Guatarri:

Composição, composição, eis a única definição da arte. A composição é estética, e o que não é composto não é uma obra de arte. Não confundiremos todavia a composição técnica, trabalho do material que faz frequentemente intervir a ciência (matemática, física, química, anatomia) e a composição estética, que é o trabalho da

⁵⁴ Poema de Vinícius de Moraes.

sensação. Só este último merece plenamente o nome de composição, e nunca uma obra de arte e feita por técnica ou pela técnica. (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p.247)

A arte é composição, composição, composição. Compor com o outro, compor consigo mesmo, compor com o mundo. Pensamos que nosso esforço de leitura de mundo passa pela composição que, de alguma maneira, se materializa aqui nesse texto_tese na forma de uma escrita singular. Nosso pensamento funciona sempre com uma trilha sonora, é inevitável. Um pouco como disse João Bosco: uma leitura, uma conversa, qualquer disparador de pensamentos e memórias carrega, via de regra, um trecho de uma canção. Às vezes, um trecho de uma poesia ou um diálogo num filme. E assim vai se compondo uma paisagem sonora que logo se desfaz. Quando o filósofo *Nuno Moraes* me convidou à composição, aceitei sua dica e me deixei levar pela música. Ao ver a paisagem sonora materializada numa obra de arte chamada *Movimento Breve*, tentamos escrever este texto_tese inclusive como materialização das paisagens sonoras que vão compondo com conversas, memórias, marcas, autores, teorias, leituras, filmes, documentários e etc. Uma expressão que nos coloca em movimento e marca esta cartografia_andarilha.

Notas em D (dispositivo)

Noel Rosa e Wilson Batista foram parceiros em *Deixa de ser Convencida*. Nas próximas páginas, veremos mais a respeito desses dois malandros. Por agora, destacamos um pequeno trecho:

ÉS UMA PERFEITA ARTISTA, EU SEI BEM, / TAMBÉM FUI DO TRAPÉZIO, / ATÉ SALTO MORTAL / NO ARAME EU JÁ DEI. (...) / CONHEÇO MUITO BEM ACROBACIA

São tantas canções que falam dessa andarilhagem, desde as marchinhas de carnaval dos anos 1930, de Braguinha a Chico Buarque, de Vinícius de Moraes a Arnaldo Antunes, dessa vida mambembe peregrinando de cidade em cidade, das cenas e magias do “maior espetáculo da terra”. A canção de Noel e Wilson cujo trecho está reproduzido acima, fala em *picadeiro dessa vida*, ou seja, no contexto circense o picadeiro como o território, como o palco onde as cenas acontecem, e sobre ele está o arame por onde a trapezista apresenta sua arte. Ela é uma artista perfeita, ele também foi do trapézio. A arte de andar sobre um arame, equilibrando sobre um arame pé ante pé. Ele conhece acrobacia, se coloca por inteiro, se expõe ao risco: até salto mortal no arame já deu. O arame aqui compreendido como fio, como linha, e a trapezista como metáfora de uma vida que segue uma linha. Um dispositivo é, para Gilles Deleuze acerca de Michel Foucault, em princípio, um conjunto de linhas emaranhadas formando uma espécie de novelo. São linhas diferentes, não delimitam sistemas homogêneos mas formam processos em desequilíbrios, linhas que se aproximam e se afastam. São linhas quebradiças variando de direção. Em *O que é um dispositivo?*, afirma Deleuze:

Os objetos visíveis, as enunciações formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vetores ou tensores. Dessa maneira, as três grandes instâncias que Foucault distingue sucessivamente (Saber, Poder e Subjetividade) não possuem, de modo definitivo, contornos definitivos; são antes cadeias de variáveis relacionadas entre si. (...) Há linhas de sedimentação, mas também há linhas de “fissura”, de “fratura”. Desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas

Pensando as categorias de análise desse estudo como dispositivos, fomos puxando os fios do novelo disforme, pouco a pouco, num processo de desemaranha as linhas, traçando mapas, cartografando nosso trânsito por essas terras desconhecidas. Fomos nos instalando sobre as linhas e seguindo, atravessando o dispositivo, cruzando_o_nos. Aqui compreendemos dispositivo também como a criação de um território, de uma terra desconhecida onde pode habitar a cooperação.

Nota em E (experiência)

Em julho de 2001, o professor espanhol Jorge Larrosa participou do I Seminário Internacional de Educação de Campinas. Na oportunidade, apresentou a conferência *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Experiência não é informação, experiência não é opinião, experiência exige tempo. *Aión* é o tempo da experiência. Experiência é o que nos passa, o que nos acontece, experiência é o que nos toca. Quando toca uma música, ela pode afetar ou não afetar. Compreendendo afeto como afecção, ela toca e nos toca. Neste sentido quero fazer uma ode ao velho e bom cinema de rua: sair ao encontro de um filme, procurar o que está em cartaz, ler as sinopses, escolher o que assistir, esperar. Depois da construção de toda essa expectativa, você entra na sala que, devagar, vai escurecendo. Se o filme é bom, o tempo voa... até as letras subirem na tela enorme onde mundos foram revelados por 1h45, às vezes mais, às vezes menos. Kléber Mendonça Filho pede mais tempo dos expectadores para apresentar *Aquarius* pouco a pouco.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (LARROSA, 2015, p.18)

No cinema de rua, a magia continua depois do filme. As afecções produzidas pelo filme continuam vibrando fora da sala e, em nossa experiência, vão compondo com as afecções vibrantes da realidade material da cidade, da vida pulsante nas ruas, nos encontros no ônibus, no metrô, no trem. O sujeito da experiência pode ser compreendido como um território de passagem desses afectos, um sujeito passional, um sujeito que se expõe aos perigos, ao risco da transformação que a experiência pode produzir. Assim, os filmes, os documentários, as músicas, toda a arte que aparece neste estudo configuram experiência e, esperamos que isso aconteça também contigo, leitor e leitora. Por isso deixamos trilhas, links, para continuar compondo e andarilhando por estas pistas.

Então, “O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre ambos” (Idem, p.30). Larrosa não está falando do conhecimento objetivo da ciência moderna tampouco da vida burguesa da sociedade capitalista. Para ele, o saber da experiência é

o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. (idem, p.32)

Notas em A (andarilhagem)

Sobre a malandragem

O poeta é um artista de grande sensibilidade. Artistas são pessoas ex_postas ao mundo e aos outros, abertas a acontecimentos e composições impensadas. Possuem uma racionalidade sensível (soprou no meu ouvido uma andarilha). Possuem uma sensibilidade capaz de captar os sinais de grandes acontecimentos que ainda estão por vir e começam a mandar seus primeiros sinais. O poeta talvez seja o grande artista das palavras. Grande no sentido de fazer o necessário, de colocar em poucas palavras os sentimentos, os ditos, os afetos que tomariam páginas e páginas de um escritor.

Cena: com que roupa?

AÇÃO!

Um poeta_compositor caminha nas ruas do Rio de Janeiro. Ao passar por uma base militar, escuta os recrutas cantando o hino nacional.

*OUVIRAM DO IPIRANGA ÀS MARGENS PLÁCIDAS / DE UM POVO HERÓICO O BRADO
RETUMBANTE / E O SOL DA LIBERDADE EM RAIOS FÚLGIDOS / BRILHOU O CÉU DA PÁTRIA
NESTE INSTANTE...*

Ao ler esse verso, você leitor e leitora já está meio que cantarolando. Trata-se de uma melodia conhecida e, dada sua repetição, já vai tornando as palavras melodiosas. Eis que o poeta se depara com uma grande poça d'água. Para transpor o obstáculo, pula sobre as raras pedras ainda secas. E começa a cantarolar:

*EU HOJE VOU PULANDO COMO UM SAPO / PRA VER SE ESCAPO DESSA PRAGA DE URUBU /
JÁ ESTOU COBERTO DE FARRAPOS / E VOU ACABAR FICANDO NÚ / MEU PALETÓ VIROU
ESTOPA E EU PERGUNTO COM QUE ROUPA, COM QUE ROUPA EU VOU? / PRO SAMBA QUE
VOCÊ ME CONVIDOU.*

Esta é uma versão da origem do clássico samba [Com que Roupa](#) de Noel Rosa. Na cabeça do compositor estava a melodia do hino nacional brasileiro que foi devagar ganhando outras palavras a partir do tema que lhe ocupava, outros instrumentos, outro ritmo, outro arranjo. Assim, o poeta de vila Isabel escreveu durante as aulas na faculdade de medicina esse clássico da música brasileira. No longa-metragem *Noel Rosa poeta da Vila*, de 2006, a cena é maravilhosa: a voz que ocupa a cena é de Wilson das Neves que, além de um percussionista extraordinário, malandro que só, também se revela ator.

CORTA !!!

Contudo, o que nos interessa neste filme é a “disputa” musical (algo parecido como as atuais batalhas de rap) entre Noel Rosa e Wilson Batista⁵⁵. No início da década de 1930, sob forte recessão econômica, Noel implica com o samba [Lenço no Pescoço](#). (Você pode ouvir as canções clicando no título marcado

⁵⁵ Para saber um pouco sobre esse compositor, ver <https://dicionariompb.com.br/wilson-batista/biografia>.

em azul cujo link remete a um arquivo no youtube). Wilson afirma um orgulho em ser vadio, vê quem trabalha andar no miserê... Ode a uma malandragem que carrega a navalha, que pratica pequenos furtos e enganações. Noel responde com Rapaz Folgado.

Noel se refere a um malandro específico, ao próprio *Wilson Baptista*. Nos interessa aqui pensar a malandragem e este duelo de sambas pode nos ajudar. Os sambistas estavam lançando uma estética da malandragem para o século XX. Falar de malandragem e vadiagem naquele tempo era um ato subversivo. Ambos habitavam a primeira fase da era Vargas, o Brasil vivendo um intenso fluxo migratório do campo para as cidades, industrialização, recuperação da crise de 1929 e, neste contexto, convivendo com uma exaltação ao trabalho. Curioso notar que Noel, branco morador do asfalto, deixou a faculdade de medicina para se dedicar integralmente à música, à boemia e à vadiagem.

Para *João Máximo*, “Wilson era um malandro um pouco barra pesada” chegando a ser uma espécie de office boy dos primeiros traficantes do Rio de Janeiro. Apesar de falar da navalha, não era de briga. Era uma espécie de arquétipo do malandro sambista que fascinava a Noel Rosa. Wilson vendia seus sambas para as grandes vozes do rádio, os cantores populares, aquelas vozes com espaço cativo na indústria fonográfica, tendo, portanto, muitos sambas assinados pelos compradores que gravavam.

Ao que tudo indica, a disputa entre ambos passava também pelos amores. Noel, mal perdedor nesse tipo de disputa, levou a batalha para um terreno mais favorável: o samba. Iniciou a batalha atacando um tipo de malandro e não a malandragem. Então, em resposta, *Wilson* ataca o bairro de Vila Isabel com Mocinho da Vila. Noel contra ataca com Feitiço da Vila. Compreendemos aqui a palavra *feitiço* como uma espécie de sedução, neste caso, a sedução do lugar, do ambiente da Vila Isabel de Noel Rosa. Segundo *João Máximo*, Noel Rosa recebia um cachê adicional sempre que apresentava uma canção inédita no programa de rádio do *Cazé*, de grande audiência. A malandragem de Noel dava vários títulos para a mesma canção, por exemplo: a canção *Cem mil reis* virou *Você me pediu*. *Wilson* devolve a provocação com Conversa Fiada,

Percebemos duas concepções de malandro circulando nas canções. Noel respondeu com um samba integrador citando outras escolas e, novamente, exaltando Vila Isabel em Palpite Infeliz:

QUEM É VOCÊ QUE NÃO SABE O QUE DIZ? / MEU DEUS DO CÉU, QUE PALPITE INFELIZ! / SALVE
ESTÁCIO, SALGUEIRO, MANGUEIRA, / OSWALDO CRUZ E MATRIZ / QUE SEMPRE SOUBERAM
MUITO BEM / QUE A VILA NÃO QUER ABAFAR NINGUÉM, / SÓ QUER MOSTRAR QUE FAZ SAMBA
TAMBÉM

FAZER POEMA LÁ NA VILA É UM BRINQUEDO / AO SOM DO SAMBA DANÇA ATÉ O ARVOREDO
/ EU JÁ CHAMEI VOCÊ PRA VER / VOCÊ NÃO VIU PORQUE NÃO QUIS / QUEM É VOCÊ QUE NÃO
SABE O QUE DIZ? (...)

A VILA É UMA CIDADE INDEPENDENTE / QUE TIRA SAMBA MAS NÃO QUER TIRAR PATENTE /
PRA QUE LIGAR A QUEM NÃO SABE / AONDE TEM O SEU NARIZ? / QUEM É VOCÊ QUE NÃO
SABE O QUE DIZ? (...)

A produção musical de Noel Rosa é contemporânea do surgimento das primeiras Escolas de Samba. Em *Palpite Infeliz* o compositor de Vila Isabel se refere a lugares como o bairro do Estácio, o morro do Salgueiro, o morro de Mangueira, o bairro de Oswaldo Cruz e o morro da Matriz. Mas também poderia estar se referindo às Escolas de Samba que, apesar de algumas controvérsias, os blocos de carnaval

que traziam uma marcação rítmica diferente passaram a adotar o nome de Escola de Samba. Na virada da década de 1920 para 1930, a *Deixa Falar* é considerada a primeira Escola de Samba por ter lançado as bases daquilo que veio a ser as Escolas de samba originais na cidade do Rio de Janeiro.

Noel nasceu no Rio de Janeiro aos 11 dias de dezembro de 1910. Naquela época os partos em fórceps eram comuns. Um acidente durante o parto provocou um comprometimento no queixo de Noel dando-o um aspecto peculiar. Em resposta a *Palpite Infeliz*, Wilson resolveu atacar diretamente a figura de Noel Rosa. Segundo o próprio Wilson, “Não há mal nenhum chamar um homem de feio”, vem daí Frankenstein da Vila:

Apesar do alcance menor de Wilson em relação ao Noel, este samba chegou ao rádio. Há controvérsias acerca da recepção de Noel. Uns dizem que ele não deu a menor bola, outros dizem que o samba atingiu Noel em cheio.

Vemos que Wilson atacava a pessoa de Noel e seu bairro de Vila Isabel. Ataques diretos. Podemos pensar que a malandragem de Wilson, um sambista procurando seu espaço no mundo do samba e, conseqüentemente, a sobrevivência, este reivindica uma malandragem mais dura, mais vinculada à esfera da sobrevivência mesmo.

O Instituto Moreira Sales – IMS RJ, sob curadoria da musicista Bia Paes Leme, organizou o show “Polêmica Noel Rosa x Wilson Batista, com *Monarco* (da Portela) e *Nelson Sargento* (da Mangueira)”, no qual os sambistas interpretam as nove músicas da polêmica envolvendo Noel Rosa e Wilson Batista registradas no LP de 1956. *Monarco* interpreta as canções de Noel e *Nelson Sargento* interpreta as canções de Wilson. O pesquisador e escritor João Máximo, coautor da biografia de Noel Rosa, fala do primeiro encontro entre Wilson e Noel depois de Frankenstein da Vila. Consta que Noel simulava bem, ou seja, mesmo que tenha sido atingido em cheio com os ataques de Wilson, a impressão que deu Noel foi outra.

Esta disputa musical teve ainda Terra de Cego. Noel e Wilson não são inimigos. No caso desta última canção, Noel escreveu uma letra para a melodia de Wilson e nasceu a parceria de ambos: Deixa de ser Convencida:

DEIXA DE SER CONVENCIDA / TODOS SABEM QUAL É / TEU VELHO MODO DE VIDA / ÉS UMA PERFEITA ARTISTA, EU SEI BEM, / TAMBÉM FUI DO TRAPÉZIO, / ATÉ SALTO MORTAL / NO ARAME EU JÁ DEI.

E NO PICADEIRO DESTA VIDA / SEREI O DOMADOR, / SERÁS A FERA ABATIDA / CONHEÇO MUITO BEM ACROBACIA / POR ISSO NÃO FAÇO FÉ / EM AMOR, EM AMOR DE PARCERIA / (MUITA MEDALHA EU GANHEI!)

Aqui percebemos que “Deixa de ser convencida” e “seu velho modo de vida”, segundo João Máximo, trata-se de mais uma disputa amorosa. Mais uma vez, Wilson ‘roubou’ (mesmo que por algumas horas) um amor de Noel. Máximo conta que, na pesquisa para a Biografia de Noel Rosa, entrevistou essa mulher que namorou grandes figuras da música brasileira. Então a letra de Noel fala disso, do amor por uma mulher e não se trata, portanto, de uma resposta direta a Wilson. Parceria boa é na música,

na escrita nas ligas com a juventude, no cinema, nas cidades, nas esquinas, travessas e cruzamentos. E a parceria, como a amizade para Deleuze (1995), é a condição para pensar.

És uma perfeita artista, trapezista daquelas que dá salto mortal no arame suspenso nas alturas, acrobata... estaria Noel falando da malandragem? Este jeito de ser e de viver que permite balançar, que permite rebolar, gingar, sambar. Mas não necessariamente no samba de roda ou no samba de quadra mas, queremos aqui pensar no samba da vida ou numa vida que samba, uma vida que vai se fazendo nas esquinas da arte em suas várias linguagens, e uma tese nos cruzamentos escolas e cidades.

Noel Rosa gostava dos tipos marginais, de uma malandragem considerada como o fora. Perguntado em quem votaria, Noel respondeu com um trecho do samba *João Ninguém*:

- Em João Ninguém, aquele que não tem ideal na vida.

Compreendemos aqui esse 'não tem ideal na vida' como uma vida compreendida como experimentação. Um exemplo de Noel pode nos ajudar a construir esse tipo malandro, sambista, que ginga na batida do ritmo: ainda na canção João Ninguém, Noel colocou o nome de um cigarro como tentativa de ganhar um dinheirinho da companhia Souza Cruz quando ainda nem se cogitava em propaganda com marketing indireto. Não deu certo, ele trocou a marca do cigarro pela palavra charuto.

Noel Rosa morreu aos 26 anos, e muitas de suas 259 canções são gravadas e regravadas até hoje.

A cantora e compositora Zélia Duncan chamou Noel Rosa de revolucionário. Vamos fiar nossas linhas de pensamento um pouco. Zélia e eu, eu e Zélia tricotando, fiando. Con_fiando... Zélia entende o caráter revolucionário de Noel como modernidade. Noel morreu muito jovem. Ele falava da Lapa, dos lugares na cidade do Rio de Janeiro. Noel revolucionou o jeito de falar das coisas do Brasil dos anos 1930, revolucionou o jeito de ser jovem, de olhar a cidade e falar dela, da boemia, da vida. Ele andava com *Aracy de Almeida* pelos bares, boates, puteiros, cantando, vivendo no fluxo intensivo da vida e, naturalmente, recolhendo os elementos para sua criação. Uma criação realista e criativa que abria caminhos, que abre caminhos até hoje. Zélia afirma que ainda hoje trabalha, se fia com Noel. Diz que "música moderna é aquela que dura, que permanece moderna até hoje visto que revoluciona". Penso que a artista com uma obra consistente retorna à década de trinta e encontra canções que revolucionam, que transformam, que modificam a sua produção musical. Zélia afirma: "Noel é moderno para sempre. Acho que o Noel seria procurado (e é procurado) até hoje para revolucionar".

Interessante pensar com a Zélia... Encontrar um re_volucionário para provocar re_voluções em si. Imagino a compositora criando uma canção e, nesse seu movimento de busca, de criação, encontra em Noel Rosa aspectos que rompem com o já estabelecido, aspectos de solavanco, empurrões que tiram do lugar conhecido e lançam no espaço, que abrem caminho, que levam a ação criativa por caminhos inimagináveis. Que abrem as portas de uma casa pouco conhecida. Pouco porque sabemos que dentro de uma casa há cômodos, portas, corredores, talvez escadas, janelas para fora da casa. Contudo, por mais que saibamos que elementos constituem uma casa, toda casa desconhecida é uma casa a conhecer. Para conhece-la é preciso entrar nela, andar, se surpreender, percorre-la... se

assustar, sentir medo no porão, sentir arrepios aos ouvir seus barulhos, imaginar os perigos... e ao mesmo tempo surpreender-se com as paredes, as cores, o sol iluminando os cômodos, os objetos deixados no caminho, caídos ou colocados cuidadosamente com fins decorativos ou utilitários. O que importa mesmo é a experiência e os encontros nesta busca de si em uma vida se fazendo obra.

Noel é um grande malandro. Aqui queremos buscar talvez uma significação para esta malandragem em movimento. Uma malandragem que se faz no fluxo mesmo da vida, dos encontros, da errância que fortalece o movimento mais e mais. Ao contrário das paralisias, a malandragem assim compreendida lança a subjetividade numa busca criativa de significações e na produção de sentidos. Particularmente de sensações que atravessam o corpo nas composições afetivas que fiamos com o mundo povoado de outros seres, na criação_de_mundos_mundos_mundos. Uma espécie de movimento permanente de territorializar_desterritorializar_reterritorializar etc. Essa malandragem considerada como um corpo_que_dança, um corpo_que_ginga, essa ginga na dança da vida, esse movimento_malandramente_sobrevivente_curioso, de busca permanente, chamamos de andarilhagem. Em resumo, andarilhagem é uma experiência, uma certa andança com cadência, com uma certa ginga com uma boa malandragem. Andança e malandragem.

Da parceria de Noel Rosa com Ismael Silva, Escola de Malandro diz assim:

A ESCOLA DO MALANDRO / É FINGIR QUE SABE AMAR / SEM ELAS PERCEBEREM / PARA NÃO ESTRILAR... / FINGINDO É QUE SE LEVA VANTAGEM / ISSO, SIM, QUE É MALANDRAGEM / (QUÁ, QUÁ) [-ISSO É CONVERSA PRA DOUTOR?]

Aqui queremos pensar a malandragem como uma espécie de fingimento. Uma espécie de ambiguidade que permite ao malandro dialogar em muitas situações, permite disfarçar.

A instituição cidade articulada com a instituição escola.

Tanto a cidade em sua institucionalização quanto a escola em sua institucionalização dependem de um sujeito em processo de constituição, trabalho permanente e sem descanso. A cidade precisa de um sujeito formado, e cumpre à escola o papel de formar o sujeito para a vida na cidade. O cruzamento destas linhas, que é a linha da cidade cruzando com a linha da escola, ajuda no entendimento das relações entre o “estranhamento” e a disposição em “cooperar” dos sujeitos em seus trânsitos por estes territórios da cidade e da escola. A escola tem uma responsabilidade institucional na formação quando ela assume a tarefa de formar o sujeito para se haver com o real de sua existência e para o habilitar ao convívio com o outro. Ou seja, estamos falando da constituição do sujeito sempre na relação com o outro e com o mundo.

ESQUINA. A escola também disciplina o sujeito e cumpre importante papel na regularização de sua existência. A instituição escola, a escola real acaba, como vimos, sujeita inclusive às forças sobretudo da economia e da política que disputam formas de existência e visões de mundo. Mas há, e sempre há, linhas de fuga como a arte, neste estudo e mesmo neste texto_tese, música e cinema. Com Manoel de Barros pensamos as andarilhagens como movimentos de composição de linhas de fuga na própria cidade, na subjetividade, na criação.

A nova coreografia política

Com Peter Pál Pelbert (2016) entendemos o movimento de ocupação das escolas como um destampe da imaginação política enquanto conexão com as forças reais, as forças do entorno e as forças internas. Os jovens escaparam das capturas da mídia, da política tradicional e das forças de conservação.

Independente do desfecho concreto do movimento, foi um momento em que a imaginação política se destravou. A imaginação política não é uma esfera sonhadora e desconectada da realidade, ao contrário, é precisamente a capacidade de se conectar com as forças reais que estão presentes numa situação dada, as forças do entorno, mas também as forças internas. As ocupações desencadearam um processo imprevisível cujo caráter ao mesmo tempo disruptivo e instituinte deixou a todos estupefatos. Não cabe a mim fazer a análise do que ocorreu, e sim aos que protagonizaram o movimento e o expandiram, no corpo-a-corpo, no dia-a-dia, no embate físico, no antagonismo ético, na inteligência coletiva. (PELBART, 2016 pg.6)

Nos referimos ao destravamento do imaginário político, com a palavra destampe. Em algumas atividades com grupos vinculados ao tema da criança e do adolescente, a até com grêmios estudantis, utilizamos o Menino Maluquinho, personagem do cartunista Ziraldo, como imagem para tirar a tampa da cabeça e pensar de um jeito diferente, pensar coletiva e diferentemente num exercício de imaginação mas, e sobretudo, num pensamento político no sentido forte da palavra. Político compreendido como pólis, como tentativa de análise da realidade e transformação em algo novo. É uma espécie de ruptura, mesmo que temporária, na história.

A percepção social e a sensibilidade coletiva na cidade de São Paulo sofreu uma inflexão. É toda a dificuldade de uma ruptura: ela não pode ser lida apenas com as categorias disponíveis antes dela, categorias essas que a ruptura justamente está em vias de colocar em xeque. (idem, p.7)

muita gente. Segundo a FUNAI, mil povos indígenas diferentes, nações indígenas, milhões de pessoas. Exuberância de vida e beleza.

JÊS, KARIRIS, KARAJÁS, TUKANOS, CARAÍBAS, MAKUS, NAMBIKWARAS, TUPIS, BORORÓS, GUARANIS, KAIOWA, ÑANDEVA, YEMIKRUIA, YANOMÁ, WAURÁ, KAMAYURÁ, IAWALAPITI, SUYÁ, TXIKÃO, TXU-KARRAMÃE, XOKREN, XIKRIN, KRAHÔ, RAMKOKAMENKRÁ, SUYÁ / CURUMIM CHAMA CUNHATÃ QUE EU VOU CONTAR / CURUMIM, CUNHATÃ / CUNHATÃ, CURUMIM

Na canção *Curumim Chama Cunhatã Que Eu Vou Contar*, um samba de 1981, Jorge Ben Jor nos provoca a pensar sobre o modo como os povos indígenas foram colocados em um único espaço, sem distinção, reduzidos a uma figura meio caricata. E a construção da unidade nacional: um país, um povo, um idioma. A passagem do diverso, do multi, do pluri para o único, o uno. Um ser humano universal para um Estado nação.

ANTES QUE OS HOMENS AQUI PISASSEM / NAS RICAS E FÉRTEIS TERRAES BRAZILIS / QUE ERAM POVOADAS E AMADAS POR MILHÕES DE ÍNDIOS / REAIS DONOS FELIZES / DA TERRA DO PAU-BRASIL / POIS TODO DIA, TODA HORA, ERA DIA DE ÍNDIO / MAS AGORA ELES SÓ TÊM UM DIA / O DIA 19 DE ABRIL

Pouco sabemos de nossas origens, de nossa ancestralidade, da potência desse encontro de raças que aconteceu aqui nestas terras, indígenas e negritudes, do Brasil original e do continente africano ancestral. Somos indígenas, até mesmo quem diz não ser. Nosso passado é indígena e, penso, indígenas são as possibilidades de futuro para a espécie humana neste planeta. Caso contrário, o fracasso ambiental se anuncia.

AMANTES DA PUREZA E DA NATUREZA / ELES SÃO DE VERDADE INCAPAZES / DE MALTRATAREM AS FÊMEAS / OU DE POLUIR O RIO, O CÉU E O MAR / PROTEGENDO O EQUILÍBRIO ECOLÓGICO / DA TERRA, FAUNA E FLORA / POIS NA SUA HISTÓRIA, O ÍNDIO / É O EXEMPLO MAIS PURO / MAIS PERFEITO, MAIS BELO / JUNTO DA HARMONIA DA FRATERNIDADE / E DA ALEGRIA / DA ALEGRIA DE VIVER / DA ALEGRIA DE AMAR

Se ainda resta floresta na Amazônia, devemos AGRADECER aos povos indígenas que, em seu modo de vida, resistem ao modelo de desenvolvimento que destrói a natureza e devasta as formas de vida. Mais terras aos indígenas, esse é o caminho para a vida ser mais bela. Demarcação das Terras Indígenas já!

MAS NO ENTANTO AGORA / O SEU CANTO DE GUERRA / É UM CHORO DE UMA RAÇA INOCENTE / QUE JÁ FOI MUITO CONTENTE / POIS ANTIGAMENTE / TODO DIA, TODA HORA, ERA DIA DE ÍNDIO / TODO DIA, TODA HORA, ERA DIA DE ÍNDIO

Curumim é uma palavra de origem tupi: criança pequena; Cunhatã também do tupi: menina moça. Nascimento desse mundo novo: câmara e senado indígenas, supremo indígena, presidência indígena, ministério xamânico. Sonho com um Brasil mais indígena, aldeado e aquilombado, que canta, dança e batuca, mais colorido, mais bonito, alegre e mais vivo.

Indígenas são a terra. Não ao marco temporal !!!

Todos os andarilhos têm pátria. Todas as pátrias.
E todas as pátrias são os caminhos que não têm fim.
(Manoel de Barros)

Considerações finais

Escrevemos as últimas linhas deste texto_tese caminhando, atravessando, ultrapassando, indo e voltando sobre a linha do equador. O Estádio Municipal de Macapá/Amapá, o Zerão, faz coincidir a linha do meio de campo com a linha imaginária do equador. Assim, o pontapé inicial das partidas tem sempre um time posicionado no hemisfério Sul e o outro time posicionado no hemisfério Norte. Este texto pode parecer uma colcha de retalhos, uma bricolagem, são fragmentos de textos escritos no calor dos acontecimentos. São pedaços, são pré-textos que foram compondo este texto que segue para análise da banca. São os fragmentos, são as paisagens que foram, em alguma medida, observadas nas telas do cinema, das janelas de aviões, das janelas da alma que são os olhos atentos ao mundo por um andarilho. São fragmentos de escola, fragmentos de cidade, são fragmentos de uma vida em movimento. Podemos dizer que esta pesquisa é, também, fragmento de uma vida em movimento.

O Verão na linha do equador é marcado por muita chuva. Em visita recente a uma escola no interior do estado do Amapá, numa região quilombola, acompanhamos a equipe escolar a uma atividade no arquipélago onde vivem os estudantes e suas famílias. A escola família trabalha com a pedagogia da alternância tendo em vista as distâncias e as dificuldades nos trajetos entre casa e escola. A escola está situada às margens de um igarapé que enche e esvazia ao sabor das marés do imenso rio Amazonas em seu baixo curso. Disse a professora mais ou menos o seguinte: “estamos numa região de águas, Ivan. Aqui é tudo água. O tempo é outro, é o tempo das águas, só se chega na escola quando a maré permite. Nosso relógio é a maré e nossa fronteira é líquida. De nada adianta estar em território de Amapá ou do Pará se o Estado não nos atende e as políticas públicas demoram muito mais pra chegar, quando chegam.” Fronteiras líquidas...

Com Djavan, pensamos a cidade como suas esquinas, e esquinas como cruzamentos, encruzilhadas. A encruzilhada nos coloca caminhos possíveis, cruzamentos são aberturas. A cidade é suas esquinas. É preciso ler a cidade, ver a cidade, re_nomear suas ruas e suas praças a partir da vida miudinha que

se faz ali. As esquinas, travessas e cruzamentos falam de uma geopolítica, das linhas de força das ruas, das fissuras e brechas das esquinas. Ampliamos nosso olhar para as curvas da cidade como espirais, como idas e vindas e não como linhas retas e planilhas enquadrando “projetos de vida”. Pensamos a educação integral como cruzamento: vários caminhos para produzir mundos (e não 1 mundo), modos e vida (e não 1 modo de vida *standart* do tipo shopping center).

Pelo contrário, este estudo reforça nosso olhar para o ziguezague entre encantos e desencantos, esperanças e desesperanças. E nossa escrita com uma aposta poética, uma certa escrita intensiva feita no movimento mesmo da vida andarilha somada a artistas populares, ganha potência e busca produzir algum encantamento. Talvez seja esse o papel do professor: produzir encantamento pelo mundo (mesmo que nesse fragmento chamado geografia) e pelo outro em sua diferença. Falamos de uma epistemologia, de uma ontologia e de uma ética. Po_ética dos encontros!

Encontramos uma gramática das cidades.

Pensamos numa circulação, um trânsito ziguezagueante. O zigue zague das moscas, o zigue zague que o compositor Paulinho Moska produz em mim. Uma espécie de bifurcação, um certo movimento.

Para mim, o ziguezague lembra o que dizíamos sobre universais e singularidades. A questão é como relacionar as singularidades díspares ou relacionar os potenciais. Em termos físicos, podemos imaginar um caos, cheio de potenciais, mas como relacioná-los? (...) entre dois potenciais, havia um fenômeno que ele definia pela idéia de um precursor sombrio. O precursor era o que relacionava os potenciais diferentes. E uma vez que o trajeto do precursor sombrio estava feito, os dois potenciais ficavam em estado de reação e, entre os dois, fulgurava o evento visível: o raio! Havia o precursor sombrio e o raio. (...) Sempre há um precursor sombrio que ninguém vê e o raio que ilumina. O mundo é isso. Ou o pensamento e a filosofia deveriam ser isso. E o grande Z é isso. A sabedoria do Zen também. O sábio é o precursor sombrio e as pauladas – já que o mestre Zen vive dando pauladas – constituem o raio que ilumina as coisas. (DELEUZE, 1995, p.93)

Podemos pensar em polaridades mas podemos pensar em camadas, dimensões, grandezas. Percebemos, neste estudo, que não se trata de passar do estranhamento à cooperação. Neste período de quase quatro anos, passamos por muitas cidades e entramos em muitas escolas, centenas de cidades, centenas de escolas. Compreendemos que cada cidade é uma cidade singular, compreendemos que cada escola é uma escola singular. Apesar do singular, tanto cidade quanto escola serão colocadas no plural: cidadeS e escolaS. São singulares e são plurais, são tantas, são múltiplas. São polifônicas e polissêmicas. Ambas estão ocupadaS por toda sorte de sentidos.

Retomamos o título deste estudo. Cidade e Escola – das relações de estranhamento aos dispositivos de cooperação. Falamos de cidade e escola como eixos de análise que sustentaram o nosso movimento de estudo. Há, contudo, que se considerar o movimento ziguezagueante que acontece nesse espaço de entre Cidade e Escola. Compreendemos, portanto, que há muito movimento dentro das escolas assim como há muito movimento no interior das cidades e, portanto, estranhamentos e cooperações. Trata-se de um entremeio, um espaço entre, fronteiroço, um território. Espaço que pode ser compreendido como caos, como caosmose que dá origem a novidades. Esta espécie de fronteira

líquida, como disse a professora da Escola Família às margens do igarapé na região de foz do rio Amazonas, que exige o equilíbrio de um pescador em pé sobre sua canoa. Esse equilíbrio que podemos chamar de ginga, a ginga da trapezista, do bêbado e da equilibrista, a ginga do Mané Garrincha. Falamos, portanto, de uma ginga malandra, essa malandragem que permite encarar as durezas da vida sem se deixar paralisar por elas. Uma ginga que é ao mesmo tempo andança e malandragem. Uma certa andarilhagem.

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte dele até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço. (CALVINO, 2005, p.150)

O movimento talvez nos permita perceber o inferno e seguir atentos/as no caminho arriscado que nos apresenta Ítalo Calvino, e compor com quem não é inferno. É andarilhando que conseguimos perceber os estranhamentos, entrar um pouco neles, encontrar as brechas, as linhas de fuga e, professorando, tentar aberturas para a cooperação. Compreendemos cooperação como ação coletiva. Confiar, fiar_com; Cooperar, operar_com. Operar como agir no mundo, como ação, como fazer. Agir no mundo com outros e outras. A condição é a diferença. A participação popular nos espaços como o conselho de Escola, como o grêmio Estudantil, como um conselho municipal de saúde ou de educação e tantos outros. A participação popular junto ao um conselho gestor de unidade de saúde. Enfim, a participação popular nos espaços instituídos em forma de conselhos por exemplo, será mais intensiva quanto maior for o esforço na construção dos vínculos afetivos, do compromisso. Estamos falando da dimensão menor, do micropolítico. Uma outra suavidade. E vidas compreendidas na potência do seu inacabamento e da incerteza.

Considerando a andarilhagem e a encruzilhada como plurais, como múltiplas, podemos concluir por uma política, pois epistêmica e ontológica. Uma ética outra, uma ética do cruzamento arte_educação_cidade_movimento. Ética aqui compreendida como responsabilidade, como habilidade de responder ao outro e à diferença. Resposta e respeito com a vida. Deslocando também do ser para o vir a ser outro, deferir, no processo educacional anticolonial.

Encerramos mais uma etapa. Ficam várias pontas ainda do novelo a serem puxadas nesse dispositivo chamado pesquisa. Continuaremos pensando a produção da subjetividade implicada com as andarilhagens que, naturalmente, passam por cidades e escolas. Seguiremos andarilhando nos espaços não institucionalizados de educação, a educação compreendida como processo educacional, uma espécie de fonte que nunca seca⁵⁷. Sentimos a necessidade de olhar com mais atenção para o

⁵⁷ Referência à canção de Chico César, A Força que Nunca Seca, de Chico César e Vanessa Da Mata

passado colonial, para as feridas coloniais latejantes e os devires minoritários. Concluímos esse doutoramento muito envolvidos com as descobertas da região Norte do Brasil, esse mundo de água e de floresta tropical. Queremos pensar mais nos cruzamentos da geografia com a arte, uma geo-música no fazimento permanente de um e uma política_poética_pedagógica.

Posfácio

“*mais uma vez os homens desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como o problema*” (Freire, 2011 p. 39). Mais uma vez...

Mais uma vez um estudante de educação passa pelo rito do doutoramento. Um rito que pressupõe uma série de formalidades. Mais uma vez, um estudante singular e uma pesquisa singular. Mais uma vez, forças singulares movimentam um estudante no seu desejo de conhecer, de entender, de habitar esse movimento chamado vida. Mais uma vez leitores terão contato com um texto. Mais uma vez...

Portanto, não termina aqui. Depois deste texto virão outros. Estudar é ofício do professor. Estudar aqui está compreendido como o trabalho de produção de sentidos onde aguçamos nossos sentidos para reagir às forças vivas do mundo. Falamos de um estudo de forma ampliada. Para nós envolve ler, conversar, estar em aula, encontros, contatos, aberturas para o mundo, contato com as artes. Escrever é estudar. Neste processo educacional elaboramos também um jeito outro de escrever: um estudo que habita a fronteira geografia_educação_filosofia_psicanálise talvez encontre materialidade numa escrita meio crônica, meio jornalística, meio literatura, meio científica, mas certamente uma escrita_outra. O resultado deste doutoramento ao mesmo tempo universidade e realidade, ao mesmo tempo academia e rua, ao mesmo tempo escola e cidade, *skolé* e *pólis*, nos fortalece para a luta política.

Diante de tantas esquinas, escolhemos caminhos. Forem esses, poderiam ser outros. Diante de toda provocação do mundo real, para habitar, recorreremos a artistas e intelectuais. Foram esses, poderiam ser outros. E queremos ampliar o diálogo no esforço de driblar as ideologias e modismos, aceitar as diferenças, diferir e, quem sabe até pensar mais um pouquinho.

Se é emancipação não consiste em fazer com que as pessoas sejam capazes de pensar por si mesmas com outros, e, como sabiam os antigos gregos, dizer é a mesma coisa que pensar. Falar por si mesmas com outros, tomar a palavra, a própria palavra, não tomar a palavra do outro mas a própria palavra, tomar a própria palavra com outros é, para mim, muito difícil pensar uma política emancipatória que não passe por aí. Ainda que a minha fé na palavra seja cada vez mais fraca. Mas eu acho que isso é um pouco também os nossos limites. A vida é limitada, nós não podemos tudo. O nosso possível também é muito limitado, é fraco (Larrosa, 2021, transcrição nossa)

Interrompemos aqui este texto (mas não finalizamos este estudo tampouco nossa escrita) com Paulo Freire mas poderíamos fazer esta interrupção com Luiz Gonzaga Junior:

AO SOM DESSE BOLERO / VIDA, VAMOS NÓS / E NÃO ESTAMOS SÓS / VEJA MEU BEM / A ORQUESTRA NOS ESPERA /POR FAVOR / MAIS UMA VEZ, RECOMEÇAR.

Referências

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ALMEIDA, R de. **O mundo, os homens e suas obras: filosofia trágica e pedagogia da escolha**. Tese de Livre-Docência, Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

AMBRÓSIO, Aldo. **Empresariamento da Vida: a função do discurso generalista nos processos de subjetivação inerentes à governamentalidade neoliberal**. Curitiba: Editora Appris, 2018.

ANDRADE, Oswald de. Obas completas: **Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1970, 2ª edição.

_____. **Estética e política**. São Paulo: Globo, 2011.

ARAÚJO, H. R. de. (Org.). **Tecnociência e cultura. Ensaios sobre o tempo presente**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. **A dignidade da política. Ensaios e conferências**. Tradução de Helena Martins, Frida Coelho, Antonio Abranches, César Almeida, Claudia Drucker e Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

_____. **A promessa da política**. Tradução de Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

_____. **Compreender. Formação, exílio e totalitarismo. Ensaios (1930 – 1954)**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. B. Almeida. SP: Editora Perspectiva, 1992.

_____. **O que é política?** Tradução de Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **Sobre a revolução**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ARTAUD, Antonin. **Linguagem e vida**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

AZEVEDO, J. C. de. SANDOS, E. S. dos. (Orgs.). **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1996. p: 15 – 33.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento**. São Paulo: Hucitec / Brasília: Editora Unb, 1987.

BARCELOS, Tânia Maia. **Re-quebras da subjetividade e o poder transformador do samba**, Tese de Doutorado, Psicologia, PUC-SP, 2006

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada. Vidas contadas e histórias vividas**. Tradução de José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. e BORDONI, C. **Estado de crise**. Tradução de Renato Aguiar. RJ: Zahar, 2016.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica. Arte e política**. Obras escolhidas, Vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

_____. **Rua de mão única.** Obras escolhidas, Vol. II. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BICUDO, Virgínia Leone. **Nosso mundo mental.** São Paulo: Difusão Cultural, 1956.

BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem. Educação democrática para um futuro humano.** Tradução de Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

BOFF, Leonardo. **As quatro ecologias.** Rio de Janeiro: Editora Mar de ideias, 2012.

BOLTANSKI, Luc e CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo.** Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm, acesso em 12/fevereiro/2017.

BRASIL. **LEI Nº 13.105, DE 16 DE MARÇO DE 2015.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13105.htm.

BRASIL. **LEI Nº 12.852, DE 5 DE AGOSTO DE 2013.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm, acesso em: 10/fev/2017.

BRASIL. **LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm acesso em 03 de Fevereiro de 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Pluralidade Cultural. Brasília: MEC, 1997.

BRITO, M. R.. **Dialogando com Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre a ideia de subjetividade desterritorializada.** Alegrar (Campinas), v. 9, p. 1-26, 2012.

BUENO, A. **Memórias do futuro.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CALVEZ, Jean-Yves. **Política. Uma introdução.** São Paulo: Editora Ática, 1997.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** 2ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

_____. **O visconde partido ao meio.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992.

CAMPOS, Antonia J.M.; Medeiros, Jonas; Ribeiro, Marcio M. **Escolas de luta.** São Paulo: Veneta, 2016. (coleção Baderna).

CANNETI, E. **Massa e poder.** Brasília: Editora da UNB, 1983.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem.** São Paulo: Cosacnaify, 2002.

_____. **Metafísicas canibais.** São Paulo: Cosacnaify / N-1 Edições, 2015.

_____. **Uma boa política é aquela que multiplica os possíveis.** In: Encontros Eduardo Viveiros de Castro. (Org) Renato Sztutman. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

CASTRO, Mauricio Barros de. **Zicartola: política e samba na casa de Cartola e dona Zica.** Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013. (2ª edição).

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural.** Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus Editora, 1995.

CHÂTELET, François, DUHAMEL, Olivier e PISIER, Évelyne. **História das ideias políticas**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DARIO JR. Ivan Rubens e DIAS, Romualdo. **Pedagogias da Cidade – Corpos e movimento**. Curitiba: Editora Appris, 2018.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

_____. **La pesadilla que no acaba nunca**. Tradução de Alfonso Diez. Barcelona: Ed. Gedisa, 2017.

DELACAMPAGNE, Christian. **A filosofia política hoje**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta**. Organização da edição brasileira e revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. **Conversações: 1972 – 1990**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3ª edição SP: Editora 34, 2013.

_____. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Dois regimes de loucos, Textos e entrevistas (1975 – 1995)**. Tradução de Guilherme Ivo. Rio de Janeiro: Editora 34, 2016.

_____. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Transcrição integral do vídeo, para fins didáticos. 1995. Disponível em <<http://escolanomade.org/pensadores-textos-e-videos/deleuze-gilles/o-abecedario-de-gilles-deleuze-transcricao-integral-do-video>> Acesso em: 21/jan/2016.

_____. **O que é um dispositivo?** Disponível em <<https://www.escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/>> Acesso em fev/2022

DELEUZE, G e GUATTARI, F. **O que é filosofia?** 3ª edição. Editora 34, 2010.

DUNKER, Christian Ing Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2015 (Estado de Sítio).

ESPOSITO, Roberto. **Biopolítica e Filosofia**. Tradução M. Freitas Costa. Lisboa: Edições 70, 2010.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. **Pele negra máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIORI, Losé Luís. **O poder global**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007

FONSECA, T. M. G. e KIRST, P. G. (Orgs.). **Cartografias e devires. A construção do presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 13ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Ditos & Escritos – Volumes II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina**. Ditos & Escritos – Volume VII. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____. **As palavras e as coisas.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **Estética: literatura e pintura, música e cinema.** Ditos & Escritos – Volumes III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. **Estratégia, poder-saber.** Ditos & Escritos – Volumes IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **Microfísica do poder.** Tradução Roberto Machado. 4ª ed. Rio de

_____. **Nascimento da biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **O governo de si e dos outros.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra 1967.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise.** Edição Standard Brasileira. Vol. XI. RJ: Imago 1996.

_____. **Compêndio de psicanálise.** Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2016.

_____. **Novas conferências introdutórias a psicanálise** (1933). Obras completas vol. 18. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **O futuro de uma ilusão.** Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010.

_____. **O infamiliar.** Tradução Ernani Chaves, Pedro H. Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

_____. **O mal estar na cultura.** Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2013.

FUMAGALLI, A. e MEZZADRA, S. (Orgs.). **A crise da economia global.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GAY, Peter. **Freud – uma vida para o nosso tempo.** Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIL, Gilberto. **Todas as letras.** (org) RENNÓ, Carlos. Edição ampliada e comentada. São Paulo: Companhia as letras, 2003.

GRUPO CONTRA-FILÉ. **A batalha do vivo.** Caderno publicado por ocasião da exposição Playgrounds 2016 realizada no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e no SESC Interlagos.

GUATTARI, F. **As Três Ecologias.** Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt; revisão da tradução Suely Rolnik. São Paulo: Papirus, 2012.

_____. **Caosmose. Um novo paradigma estético.** Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.

_____. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo.** Seleção, prefácio e tradução de Suely Belinha Rolnik. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. **Máquina Kafka.** São Paulo: N-1 Edições, 2011.

GUATTARI, F. e ROLNIK, S. **Micropolítica. Cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 1986.

HADOT, Pierre. **A filosofia como maneira de viver.** Tradução de Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Commonwealth**. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2009.

_____. **Declaração: Isto não é um manifesto**. São Paulo, n-1 edições, 2014.

_____. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Multidão. Guerra e democracia na era do império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. Tradução de Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

_____. **Espaços de esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. **O neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HOBBSAWM, E. **O novo século. Entrevista a Antonio Polito**. Tradução de Cláudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Tempos fraturados. Cultura e sociedade no século XX**. Tradução de Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2000.

HONNET, Axel. **Luta por reconhecimento. A gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução de Luis Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. **Sofrimento de indeterminação: uma reatualização da Filosofia do direito de Hegel**. Tradução de Rúrion Soares Melo. São Paulo: Editora Singular, Esfera Pública, 2007.

IASI, Mauro Luis. **A rebelião, a cidade e a consciência**. Em: Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil / Ermínia Maricato... [et al.] – 1ª Ed. – São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

IMBERNÓN, F. (Org). **A educação no século XXI. Os desafios do futuro imediato**. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

JAPIASSU, Hilton. **A pedagogia da incerteza**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

_____. **Um desafio à educação. Repensar a pedagogia científica**. São Paulo: Editora Letras & Letras, 1999.

KAIL, Michel e KIRCHMAYR, Raoul. **Consciência e subjetividade**. In: SARTRE, Jean-Paul. *O que é subjetividade?* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. P 9-24.

KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. Lisboa: Edições 70, 2012.

KASTRUP, Virgínia (org); Escóssia, Liliana da (org). **Pistas do Método da Cartografia. Pesquisa - intervenção e produção de subjetividade**. 2a ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo**. Campinas: Papirus, 1999.

KNOTT, Marie Luise. **Desaprender. Caminos del pensamiento de Hannah Arendt.** Traducción de Raúl Gabás. Barcelona: Herder, 2016.

KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. 1ª edição. Companhia das letras, 2015.

L'ECUYER, Catherine. **Educар en el asombro. Cómo educar en un mundo frenético e hipereigente?** Barcelona: Plataforma Editorial, 2015.

LAPOUJADE, David. **Potências do tempo**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

_____. **William James, a construção da experiência**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

LARROSA, J. e S. (Orgs). **Habitantes de Babel. Políticas e poéticas da diferença**. Tradução de Samiramis Gorini a Veiga. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001.

LARROSA, J. **Tremores. Escritos sobre experiência**. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: Editora EDUFBA, 2012.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa. O neo-liberalismo em ataque ao ensino público**. Tradução de Maria Lúcia M. de Carvalho e Silva. Londrina: Editora Planta, 2004.

LAVAL, C. e DARDOT, P. **La nueva razón del mundo. Ensayo sobre la sociedad neoliberal**. Tradução de Alfonso Diez. Barcelona: Editorial Gedisa, 2013.

LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: N-1 Edições / SESC, 2014.

LECHNER, N. **Los patios interiores de la democracia. Subjetividade y política**. Chile: Fondo de Cultura Economica, 1990.

LEWKOWICZ, I, CANTARELLI, M. e Grupo Doce. **Del fragmento a la situación. Notas sobre la subjetividad contemporânea**. Buenos Aires: Altamira, 2003.

LILLA, Mark. **Pensadores temerários. Los intelectuales en la política**. Traducción de Nora Catelli. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, 2017.

LIRIA, Carlos; FERNÁNDEZ, Olga García e FERRÁNDEZ, Enrique Galindo. **Escuela o barbárie. Entre el neoliberalismo salvaje y el delicio de la izquierda**. Madrid: Ediciones Akal, 2017.

MACHADO, Roberto. **Deleuze e a filosofia**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus. Comunhões emocionais**. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MANNONI, Octave. **Freud – uma biografia ilustrada**. Tradução de Maria Luiz X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, s.d.

MARTINS, Erika Moreira. **Todos pela educação? Como os empresários estão determinando a política educacional brasileira**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

MARX, Karl e ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução de Rubens Enderle, Nélío Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MARX, Karl. **Grundrisse**. Trad. Mario Duayer e Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

_____. **O capital. Crítica da economia política**. Livro I – O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

_____. **O capital. Crítica da economia política**. Livro II – O processo de circulação do capital. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

_____. **O capital. Crítica da economia política.** Livro III – O processo global da produção capitalista. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

MASSCHELEIN, J. e SIMONS, M. **A pedagogia, a democracia, a escola.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

_____. **Em defesa da escola. Uma questão pública.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

MEDEIROS, Jonas et al (org). **Ocupar e resistir: movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil (2015 – 2016).** São Paulo: Editora 34; FAPESP, 2019 (1ª edição).

MEIER, C. **Política e graça.** Tradução de Estevão Rezende Martins. Brasília: Editora da UNB, 1997.

MELVILLE, Herman. **Batlerby, o escrevente.** São Paulo: Grua livros, 2014.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador.** Rio de Janeiro: editora civilização brasileira, 2007.

MENDONÇA FILHO, Kléber. **Três roteiros: O som ao redor, Aquarius, Bacurau.** São Paulo: Companhia das letras, 2020.

MESZÁROS, I. **A crise estrutural do capital.** Tradução de Francisco Raul Cornejo. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **A educação para além do capital.** Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **Estrutura social e formas de consciência.** São Paulo: Boitempo, 2009.

MILLER, A. **No princípio era educação.** Tradução de Eurides A. Souza. SP: Martins Fontes, 2006.

NAGLE, J. **Educação e sociedade na primeira república.** São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1974.

NEGRI, T. **Exílio, seguido de Valor e Afeto.** São Paulo: Editora Iluminuras, 2001.

NELO-LO, O. **La ciudad en movimiento. Crisis social y respuesta ciudadana.** Madri: Diaz & Pons, 2015.

NIDELCOFF, M. T. **Uma escola para o povo.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

NIETZSCHE, F. São Paulo: **A gaia ciência.** Companhia das Letras, 2001.

_____. **A visão dionisíaca do mundo.** Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Maria Cristina dos Santos de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro.** SP: Cia das Letras, 1992.

_____. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Ecce Homo - Como alguém se torna o que é.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **O nascimento da tragédia.** Companhia das Letras: São Paulo, 1992.

NOVAES, Adauto. (Org) **Mutações. A experiência do pensamento.** SP: Edições SESC, 2010.

NUSSBAUN, M. **Sem fins lucrativos. Por que a democracia precisa das humanidades.** Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

ORDINE, N. **A utilidade do inútil. Um manifesto**. Tradução de Luiz Barlos Bombassaro. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2016.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996.

_____. **As formas do silêncio. No movimento dos sentidos**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.

_____. **Cidade atravessada. Os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, L. B. L. "Deleuze". In: PECORARO (Org.). **Os filósofos: clássicos da filosofia**: v. III. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 256 – 279.

OURY, Jean. **O coletivo**. Tradução de Antoine Ménard, Clara Novaes, Karina Soares Montmasson e Máira Uehbe Dubena. São Paulo: Hucitec, 2009.

PARDO, José Luis. **La regla del juego. Sobre la dificultad de aprender filosofía**. Barcelona: Círculo de Lectores, 2004.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PÊCHEUX, M. **O discurso. Estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

_____. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi, Loucenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988

PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio. Políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

_____. **Carta aberta aos secundaristas**. Série Pandemia. São Paulo: n-1 edições, 2016.

_____. **Vida capital. Ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

PRECIOSA, Rosane. **Sujeito e escritura em processo**. Porto Alegre: Sulina: Editora UFRGS, 2010.

RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ROLNIK, Suely. **Amor: o impossível... e uma nova suavidade**. Disponível em <<https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Novasuavidade.pdf>>

_____. **Cartografia sentimental. Transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

_____. **Geopolítica da cafetinagem**. Em *Fazendo Rizomas* / Beatriz Furtado ... [et al.] – São Paulo: Hedra, 2008, págs. 25 a 44.

_____. **Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético / estético / política no trabalho acadêmico**. In *Cadernos de subjetividade*. São Paulo. V. 1 e 2. Set. fev. 1993. Páginas 241 -251.

_____. **Toxicômanos de identidade: Subjetividade em tempos de globalização**. Em *Cultura e subjetividade: saberes nômades* / Daniel Lins (org.). Campinas, SP: Papirus, 1997, pags. 19 a 24.

_____. **Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura.** Em *Cultura e subjetividade: saberes nômades* / Daniel Lins (org.). Campinas, SP: Papirus, 1997, pags. 25 a 34.

ROUDINESCO, Élisabeth. **Freud – en su tiempo y en el nuestro.** Tradução de Horacio Pons. Barcelona: Debate, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência.** São Paulo: Cortez Editora, 2000.

_____. **A gramática do tempo. Para uma cultura política.** São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Milton. **Território e sociedade.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é a subjetividade?** Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SAVAZZONI, César Augusto. **Subjetividade e devir à luz da filosofia de Deleuze e Guattari: contribuições para uma psicologia,** Dissertação de Mestrado. USP-SP, 2012.

SCHÖPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade.** São Paulo: Editora da USP, 2004.

SENNETT, R. **Carne e pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental.** RJ: Record, 1997.

_____. **Construir e habitar. Ética para uma cidade aberta.** Rio de Janeiro: Record, 2018.

_____. **Juntos. Os rituais, os prazeres e a política da cooperação.** Tradução de Clóvis Rossi. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2013.

_____. **O artífice.** Tradução de Clóvis Rossi. 4ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SILVA, Agostinho. **Biografias.** Volume I e Volume II. Lisboa: Âncora Editora, 2003.

SILVA, Pedro. **Narrativas do interior.** São Paulo: edição da Autora, 2021. Disponível em https://escoladeativismo.org.br/wp-content/uploads/2022/04/Narrativas_do_Interior_LIVRO_digital.pdf
Acesso em maio de 2022.

SILVA, Roberto Dias da. **Educação pós-capitalista: a ética do fazer modesto.** Disponível em
Publicado em 22/06/2020. Acessado em 02/07/2020.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

TELLES, Vera. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal.** Belo Horizonte: Argumentum, 2010.

TOURAINÉ, A. **Podemos viver juntos? Iguais e diferentes.** Tradução de Jaime A. Classen e Ephraim F. Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

TUAN, Y-F. **Topofilia – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

UNO, Kuniichi. **A gênese de um corpo desconhecido.** São Paulo: N-1 Edições, 2012.

WEBER, M. **Ciência e política: duas vocações.** 18ª ed. São Paulo, SP: Cultrix, 2011.

Filmes e documentários:

A Copa do Mundo no Brasil. Curta metragem. Roteiro e direção: Kleber Mendonça Filho. Recife/PE: Produção de Émilie Lesclaux e outros. Vimeo, 2014. Disponível em: <https://vimeo.com/403365142>. Acesso em janeiro de 2021.

A rebelião dos pinguins. Documentário. Direção de Carlos Pronzato (40 minutos). 2007. Postado em out/2016 no Canal Filosofando Ciências Humanas em Debate. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kYzkDqI56yw>. Acesso em janeiro/2021.

Aquarius. Longa-metragem. Roteiro e direção: Kleber Mendonça Filho. Recife/PE: Produção de Émilie Lesclaux e outros, lançado no Brasil em 31 de agosto de 2016. Disponível na plataforma netflix. Acesso em dezembro de 2020.

Bacurau. Longa-metragem. Roteiro e direção: Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Recife/PE: Produção de Émilie Lesclaux e outros, lançado no Brasil em 29 de agosto de 2019. Disponível na plataforma globo play. Acesso em janeiro de 2021.

Chico Science - Um Caranguejo Elétrico. Documentário de 86 minutos lançado no Brasil em 2016. Produção Geral: Ricardo Carvalho Argumento, Roteiro e Direção: Zé Eduardo Miglioli. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=j299EbU-UnQ>> Acesso em janeiro/2022.

Electrodoméstica. Curta metragem. Roteiro e direção: Kleber M.Filho. Recife/PE. Produção de Carol Ferreira e outros. Brasil, 2005. Vimeo. Disponível: <https://vimeo.com/10022944> . Acesso: jan/2021.

Enjaulado. Curta metragem. Roteiro e direção: Kleber Mendonça Filho. Recife/PE. Produção de Daniele Abreu de Lima Carol e outros. Recife/PE, 1997. Vimeo. Disponível em: <https://vimeo.com/10153595>. Acesso em janeiro de 2021.

Escolas em luta. Documentário. Direção, produção e roteiro: Eduardo Consonni, Rodrigo T. Marques e outros. Lançamento em setembro/2017. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=S7I3IkW_T68. Acesso em janeiro/2021.

Lançamento do livro Três Roteiros (parte 1). Canal Curta. Companhia das Letras, 17/nov/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JA2LKxDe05o>. Acesso: jan/2021.

_____ (parte 2). Canal Curta. Companhia das Letras, 18/novembro/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TQTxmRGqvWE>. Acesso em janeiro de 2021.

Lute como uma menina. Documentário. Direção, produção e edição: Flávio Colombini e Beatriz Alonso. São Paulo, 2016. Postado em novembro/2016 no Canal Lute como uma menina. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA> Acesso em janeiro/2021.

Noel poeta da Vila. Direção de Ricardo van Steen. 100 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OK8wpU56Z7o>. Acesso em fevereiro de 2021.

O Som ao Redor. Longa metragem. Roteiro e direção: Kleber Mendonça Filho. Recife/PE: Produção de Émilie Lesclaux, lançado no Brasil em 4 de janeiro de 2013. Disponível Netflix. Acesso: jan/2021.

O som ao redor - quem não faz barulho não é ouvido. Roteiro, apresentação e Edição: Roger D. Bravo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=idmXX64K7Jo>. Acesso em 21/janeiro/2021

Polêmica Noel Rosa x Wilson Batista, por Monarco e Nelson Sargento. Canal do Instituto Moreira Sales. Postagem em 25 de setembro de 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7mDlFTDLHqI>. Acesso em fevereiro de 2021.

Projeto Novo Recife. Programa ViaLegal. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aE_fV919jc0&t=106s. Acesso em janeiro de 2021.

Recife, cidade roubada. Realização: Ernesto de Carvalho e outros. Recife/PE: Movimento Ocupe Estelita, lançado em novembro/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dJY1XE2S9Pk&t=11s>. Acesso em janeiro de 2021.

Recife Frio. Curta metragem - ficção. Roteiro e direção: Kleber Mendonça Filho. Recife/PE. Produção de Émilie Lesclaux, lançado em novembro de 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U9mu2TJ0scY>. Acesso em janeiro de 2021.

Aqui estão listadas as entrevistas em vídeo utilizadas neste estudo.

AMEL, Gary. Eficiência não basta: as empresas precisam inovar na gestão. [Entrevista cedida a] Chris Stanley. HSM Management, São Paulo, n. 79, mar./abr. 2010. Disponível em: <http://www.revistahsm.com.br/coluna/gary-hamel-e-gestao-na-era-da-criatividade/>. Acesso: 23/mar/2017.

GIL, Gilberto. A Trilogia do RE: Refazenda, Refavela e Realce. [entrevista a Charles Gavin] no programa O Som do Vinil número 100. Exibido no Canal Brasil. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=K3d_9TkZkcU Acesso em jan/2022

MENDONÇA Filho, Kléber. Sobre os três roteiros. Entrevista cedida a Lília Schwarcz. Canal da Lili, postado em nov/2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PSXDLB8phkY&t=1124s>. Acesso em: janeiro de 2021.

_____. Kléber Mendonça Filho lança livro com roteiro de "Bacurau", "Aquarius" e "O Som ao Redor". Canal Brasil, postado em 30/novembro/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l1-n7nMjyuk&t=14s>. Acesso em janeiro de 2021.

_____ e LESCLAUX, Emilie. "O Som Ao Redor". Entrevista cedida a Fabíula Nascimento, Canal Brasil. O País do Cinema, postado em 26/dezembro/2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ijAl3WcNwQI&t=614s>. Acesso em: janeiro de 2021.

_____. Entrevista cedida a Bia Rodovalho e Laura Rebessi. Produção de Laura Boniface, Canal Autres Brésils. Fevereiro/2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jt9shAGe7tk> . Acesso em: janeiro de 2021.

_____ e CARRÃO, Humberto. A diferença entre preço e valor em Aquarius. Entrevista cedida a Andréia Horta, Canal Brasil. O País do Cinema nº 100, postado em 7/julho/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fv3n10A3aj0&t=630s>. Acesso em janeiro de 2021.

_____. A diferença entre preço e valor em Aquarius. Entrevista cedida ao Brasil de Fato. Canal Brasil de Fato, postado em 2/setembro/2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xYOSj5KTKw> . Acesso em janeiro de 2021.

RANCIÈRE, Jacques. A tomada da palavra – entrevista com Jacques Rancière. Entrevista cedida ao Prof. Dr. José Sérgio Fonseca Carvalho durante o Colóquio Internacional Educação, Política e Emancipação no pensamento de Jacques Rancière. WeArt, Faculdade de Educação da USP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xyZrpbJTVrU>. Acesso em 05 março de 2021.

Outros vídeos

Saskia Sassen – **La ciudad global. Foro Internacional.** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=s7UsVzDDMos>. Acesso em: 03/jan/2018.

Ciudad Global y la Lógica de Expulsión del Neoliberalismo amb Saskia Sassen. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=7Dc-2v_Yj4&t=13s. Acesso em 03/jan/2018.

Larrosa, Jorge. **Educação, estudo e ativismo.** Laive transmitida em 4 de dezembro de 2021, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=5_tePvJalwc&t=4s. Acesso em 11/05/2022)

Maricato, Ermínia. **Cidades Rebeldes.** (entrevista). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=i_prXTBcqsI. Acesso em: 01/jan/2018.

Rancière, Jacques. **A tomada da palavra.** Entrevista concedida durante o Colóquio Internacional Educação, Política e Emancipação no pensamento de J. Rancière. Entre o minuto 52 e o minuto 149. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=xyZrpbJTVrU>> Acesso em 05/março/2021.

Rolnik, Raquel. **Guerra dos lugares.** (Palestra completa). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gjXEgU5_PJg>. Acesso em: 02/jan/2018.

Rolnik, Raquel. **Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças.** Palestra de lançamento do livro no auditório da Escola de Arquitetura da UFMG dia 5/abril/2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=zZYCC47HPEY>>. Acesso: 02/jan/2018.